



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO, TERRITÓRIO E ATIVISMO: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR
DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO INSTITUTO TAPUIA DE CIDADANIA,
CULTURA, MEIO AMBIENTE E TURISMO, EM MERUOCA/CE**

FORTALEZA

2025

JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS

COMUNICAÇÃO, TERRITÓRIO E ATIVISMO: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR
DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO INSTITUTO TAPUIA DE CIDADANIA,
CULTURA, MEIO AMBIENTE E TURISMO, EM MERUOCA/CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S235c Santos, José Augustiano Xavier dos.

Comunicação, Território e Ativismo: : Um estudo de caso a partir das produções audiovisuais do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, em Meruoca/CE / José Augustiano Xavier dos Santos. – 2025.

174 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

Coorientação: Prof. Dr. Márcia Vidal Nunes.

1. Coletivos. 2. Território. 3. Comunicação. I. Título.

CDD 302.23

JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS

COMUNICAÇÃO, TERRITÓRIO E ATIVISMO: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR
DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO INSTITUTO TAPUIA DE CIDADANIA,
CULTURA, MEIO AMBIENTE E TURISMO, EM MERUOCA/CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: 23/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Silvia Helena Belmino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Roberta Manuela Barros de Andrade.
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

In memoriam dos meus amigos queridos,
Evenice Neta (Netinha) e Ismar Capistrano
Filho, por serem presenças vivas e alegres na
minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e pelas mais diferentes provas da sua presença em minha vida e minha trajetória. Por essa coragem de teimar, mas diante de situações delicadas. Por sempre estar comigo, me dando força e me fazendo acreditar que seria possível.

Agradeço à minha família, que tanto me motiva a ser melhor e a lutar para vencer. Mesmo diante de dificuldades e perdas irreparáveis, nos unimos em prol de nos fortalecer, mesmo em tempos de dor e sofrimento. O apoio incondicional foi fundamento para que tivesse êxito na pesquisa e para que conseguisse trilhar esse caminho.

Agradeço, com muito respeito, carinho e gratidão, à minha orientadora Catarina Tereza Farias de Oliveira, por mais essa parceria, marcada por grandes desafios, mas também por generosidade, afeto e aprendizado. Nunca esquecerei nossas conversas demoradas e suas importantes orientações. Aqui também aproveito para agradecer minha coorientadora profa. Márcia Vidal, por ter topado fazer parte da pesquisa e contribuído de maneira não substancial para alcançarmos nossos resultados.

Agradeço ao meu amigo e mestre, Ismar Capistrano, meu orientador na graduação e amigo para uma eternidade. Agradeço também os professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, que sempre estiveram prontos para contribuir e compartilhar suas experiências conosco.

Agradeço, também de forma muito afetuosa, o carinho, preocupação e apoio, ao longo desses anos, dos meus amigos. Sem amigos verdadeiros não teria conseguido chegar até aqui. Por fim, agradeço de modo muito especial, todos os coletivos, ativistas sociais, comunicadores populares, artistas culturais, feministas, cinéfilos, motivadores, e ao Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, que contribuíram de modo muito sensível, com a presente pesquisa. Sem essa importante contribuição, a pesquisa não teria o valor significativo que tem.

“Obrigado, Senhor, porque és meu amigo.
Porque sempre comigo tu estás a falar. No
perfume das flores, na harmonia das cores....”

Eugénio Jorge

RESUMO

A pesquisa investiga como grupos sociais organizados (coletivos) interagem e ajudam a pensar o espaço geográfico (território), por meio de processos comunicacionais, com foco em compreender como os coletivos utilizam diferentes formas de comunicação para moldar, reivindicar e transformar seu território, a partir das ações comunicacionais desenvolvidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, particularmente pelo projeto TV de Rua, localizado na Serra de Meruoca, no interior do Ceará. As reflexões teóricas da investigação são pautas nas categorias de Espaço, tempo e sociedade, por meio dos achados de David Harvey (1992), Milton Santos (2006), Simmel (1967), Território e a territorialidade, por meio das contribuições de Robert Ezra Park (1967), Mongin (2009), Haesbert (2002); Imagens, representações e imaginários com as contribuições de Ferrara (2015), Canclini (2014), Yi-Fu Tuan (1977); as políticas públicas, por meio dos achados de Perl (2017), Weimer e Vinicng (2017). Discutimos o conceito de cultura e políticas culturais com os achados de Fonseca (2005), Tilio (2009), Morgado (2014). Movimentos sociais e coletivos, com as contribuições de Escóssia, L., & Tedesco, S. (2015), Machado (2007), Guattari, (1992) e Montoya (2010). Para alcançar os objetivos propostos, o estudo se caracteriza como descritivo e exploratório, faz uso do método estudo de caso múltiplo, com aplicação de questionários, realização de entrevistas semiestruturadas e avaliação dos dados, por meio da análise de conteúdo. O estudo analisou as experiências históricas e socioculturais dos sujeitos participantes do coletivo Instituto Tapuia, para compreender o universo de significados que eles trazem em suas narrativas. Foi possível observar que o território tem sido valorizado nas produções do coletivo, que, por sua vez, incorpora ferramentas de comunicação contemporâneas em suas atividades, permitindo outros olhares sobre o território e os sujeitos. Desse modo, as conclusões desvelam um coletivo que explora os processos comunicacionais, buscando a valorização do território de seu povo. Neste contexto, é possível afirmar que essa tese fortalece as lutas do coletivo, a pesquisa em comunicação, academia e o território, pois permitem tecer teoricamente diversas reflexões sobre coletivos, territórios e processos comunicacionais.

Palavras-chave: coletivos; território; comunicação.

ABSTRACT

This research investigates how organized social groups (collectives) interact and contribute to the understanding of geographic space (territory) through communication processes. It focuses on understanding how collectives use different forms of communication to shape, claim, and transform their territory. This is based on communication initiatives developed by the Tapuia Institute of Citizenship, Culture, Environment, and Tourism, particularly the Street TV project, located in the Serra de Meruoca region, in the interior of Ceará. The theoretical reflections of the investigation are based on the categories of Space, Time, and Society, based on the findings of David Harvey (1992), Milton Santos (2006), and Simmel (1967); Territory and Territoriality, based on the contributions of Robert Ezra Park (1967), Mongin (2009), and Haesbert (2002); Images, Representations, and Imaginaries, based on the contributions of Ferrara (2015), Canclini (2014), and Yi-Fu Tuan (1977); public policies, through the findings of Perl (2017), Weimer and Vinicng (2017). We discuss the concept of culture and cultural policies with the findings of Fonseca (2005), Tilio (2009), Morgado (2014). Social movements and collectives, with the contributions of Escóssia, L., & Tedesco, S. (2015), Machado (2007), Guattari, (1992) and Montoya (2010). To achieve the proposed objectives, the study is characterized as descriptive and exploratory, using the multiple case study method, with the application of questionnaires, semi-structured interviews and data evaluation, through content analysis. The study analyzed the historical and sociocultural experiences of the subjects participating in the Instituto Tapuia collective, to understand the universe of meanings they bring to their narratives. It was possible to observe that the territory has been valued in the collective's productions, which, in turn, incorporates contemporary communication tools into its activities, allowing for new perspectives on the territory and its subjects. Thus, the conclusions reveal a collective that explores communication processes, seeking to value the territory of its people. In this context, it is possible to affirm that this thesis strengthens the collective's struggles, communication research, academia, and territory, as it allows for the theoretical development of diverse reflections on collectives, territories, and communication processes.

Keywords: collectives; territory; communication.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1- Oficinas - Projeto TV de Rua - Instituto Tapuia..... | 110 |
| Figura 2 - Oficinas - Projeto TV de Rua - Instituto Tapuia..... | 110 |
| Figura 3- Redes sociais - Instituto Tapuia | 111 |
| Figura 4 - Print do Instagram oficial Instituto Tapuia | 111 |
| Figura 5 - Registro de atividades - Instituto Teias | 114 |
| Figura 6- Redes Sociais - Instituto Teias..... | 114 |
| Figura 7- Redes Sociais - Instituto Teias..... | 115 |
| Figura 8 - Registro atividades – CORPORE | 117 |
| Figura 9- Print do Instagram oficial CORPORE..... | 117 |
| Figura 10- Print do Instagram oficial Cine percepções | 118 |
| Figura 11- Print do Instagram oficial Movimento Fome..... | 120 |
| Figura 12- Print do Instagram oficial Coletivo Ocuparte | 120 |
| Figura 13 - Instagram oficial Comunicação Periférica..... | 121 |
| Figura 14 - Registro do curso "Direção de Fotografia: Um Contador de Histórias Visuais". | 128 |
| Figura 15 - - Print do documentário "Filhos da Terra” | 145 |
| Figura 16 - Print do documentário "Memórias do reisado de anilense”..... | 147 |
| Figura 17 - Print do documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino" | 150 |
| Figura 18 - Print do documentário "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo" | 152 |
| Figura 19 - Cartaz/convite da Mostra “Cinema na Praça” | 156 |
| Figura 20- Participantes da Mostra “Cinema na Praça” | 157 |
| Figura 21 - Realização da Mostra "Cinema na Praça" | 158 |
| Figura 22 - Realização da Mostra “Cinema na Praça” | 159 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa | 106 |
| Quadro 2 - Acesso aos instrumentos para análise e descrição de conteúdo audiovisual..... | 142 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Perfil por gênero | 134 |
| Gráfico 2 - Gráfico 02 – Perfil por cor/Raça | 134 |
| Gráfico 3- Perfil por escolaridade | 135 |
| Gráfico 4 - Perfil por atuação profissional | 136 |
| Gráfico 5 - Presença do território e dos moradores nas produções | 154 |
| Gráfico 6 - Valorização do território e qualidade técnica das produções..... | 154 |
| Gráfico 7 - Alcance dos objetivos das produções..... | 155 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | | |
|----------|---|---|
| CUCA | – | Centro Urbano de Cultura, Ciência, Arte e Esporte |
| ITJ | – | Instituto Teias da Juventude |
| OMS | – | Organização Mundial da Saúde |
| ONG | – | Organização Não-Governamental |
| PPGCOM- | – | Programa de Pós-Graduação em Comunicação |
| SARSCOV- | – | Novo Coronavírus |
| UFC | – | Universidade Federal do Ceará |
| ACM | – | Associação Coração em Movimento |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | REPENSANDO O TERRITÓRIO | 21 |
| 2.1 | Espaço, tempo e sociedade | 22 |
| 2.2 | A construção do poder social na relação espaço-tempo | 24 |
| 2.3 | Os sujeitos e as metrópoles | 27 |
| 2.4 | O direito à cidade, o Território e a territorialidade | 29 |
| 2.5 | Imagens, representações e imaginários | 36 |
| 2.6 | Resistências e “novos” paradigmas urbanos | 40 |
| 3 | O ESTUDO DAS POLÍTICAS CULTURAIS | 44 |
| 3.1 | As políticas públicas: algumas reflexões necessárias | 44 |
| 3.2 | O conceito de Cultura – Algumas reflexões importantes | 50 |
| 3.3 | Políticas Culturais - Incentivam a criatividade e a inovação | 55 |
| 3.4 | Os Movimentos sociais e os coletivos - suas reinvenções | 57 |
| 3.4.1 | <i>Coletivos, território e os processos comunicacionais contemporâneos.....</i> | <i>59</i> |
| 3.4.2 | <i>Coletivos, comunicação e ativismo: avanços e dilemas</i> | <i>68</i> |
| 3.4.3 | <i>O documentário como ferramenta para construção de memórias.....</i> | <i>72</i> |
| 3.4.4 | <i>Documentário, memória, identidades e tradição: entre o território e as mídias.....</i> | <i>81</i> |
| 3.4.5 | <i>Ação cultural como ação política.....</i> | <i>87</i> |
| 4 | ESCOLHAS METODOLÓGICAS – UM CAMINHO CONSTRUÍDO CAMINHANDO | 96 |
| 4.1 | Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa | 106 |
| 4.2 | Entrevistas semiestruturadas | 107 |
| 4.3 | Sobral e seus coletivos em movimento - uma aproximação necessária | 108 |
| 4.3.1 | <i>Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo</i> | <i>109</i> |
| 4.3.2 | <i>Instituto Teias da Juventude (ITJ)</i> | <i>112</i> |
| 4.3.3 | <i>Coletivo CORPØRE.....</i> | <i>115</i> |
| 4.3.4 | <i>Coletivo: Cine Percepções (Sobral/Ceará).....</i> | <i>117</i> |
| 4.3.5 | <i>Movimento Social FOME</i> | <i>119</i> |
| 4.3.6 | <i>Coletivo Ocuparte.....</i> | <i>120</i> |
| 4.3.7 | <i>Coletivo Comunicação Periférica ou Coletivo de Juventude Periférica</i> | <i>121</i> |
| 4.3.8 | <i>Coletivo Sombras Nebulosas</i> | <i>122</i> |
| 4.4 | Percepções e reflexões - Movimento marcado por descobertas | 123 |
| 4.4.1 | Instituto Tapuia: comunicação, território e ativismo | 126 |
| 4.4.2 | Instituto Tapuia e TV de Rua e a construção das suas produções Audiovisuais | 131 |
| 4.4.3 | As oficinas – Espaço de Construção de ideias e conhecimentos | 132 |
| 4.4.4 | Instituto Tapuia e TV de Rua: Análises das Produções Audiovisuais..... | 142 |
| 4.4.5 | Mostra “Cinema na Praça” – Olhares e Percepções das sujeitos..... | 156 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 163 |
| | REFERÊNCIAS | 168 |
| | APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA.. | 172 |
| | APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS..... | 173 |
| | APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PERCEPÇÕES DOCUMENTÁRIOS..... | 174 |

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta tese está fortemente ligado ao que podemos chamar de teimosia. Teimosia de um jovem participante de um projeto social, voltado para jovens oriundos da periferia de Fortaleza e vindos de escolas públicas da cidade. Uma teimosia que o fez chegar longe, sonhar com o impossível é acreditar que seria possível realizar sonhos e desejos, mesmo que a realidade lhe apresentasse, diariamente, diversos obstáculos.

Esta pesquisa, além de apresentar uma forte conexão com minha trajetória pessoal e profissional que esteve sempre conectada por processos vinculados às lutas dos movimentos sociais, movimentos eclesiais e o debate sobre o fortalecimento das práticas comunicacionais vinculadas à comunicação alternativa e popular, guiada também pelas questões e observações durante o processo de construção da minha monografia e o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado. Ao longo desse período, pude perceber como a construção simbólica do território se entrelaça com minha experiência de vida e com as práticas jornalísticas que desenvolvi.

Diante deste contexto, afirmamos que este estudo busca contribuir para um entendimento mais amplo da relação entre território, ativismo e a comunicação, destacando a importância da mídia na construção simbólica dos espaços e na promoção de mudanças sociais, conforme aponta Gregolin, M. V. (2012), ao destacar que estamos inseridos em uma sociedade cada vez mais conectada, o que colabora para que se observe a fragmentação das barreiras geográficas e culturais por meio do avanço tecnológico.

Partindo deste contexto, são algumas perguntas/ questões que guiaram o processo de construção da presente pesquisa: Como as ferramentas de comunicação contemporâneas colaboram para pensar a organização de coletivos em diferentes territórios? De que maneira os coletivos utilizam as ferramentas de comunicação contemporâneas para fortalecer o território? Quais os desafios enfrentados pelos coletivos ao usar as ferramentas de comunicação contemporâneas em diferentes contextos?

É oportuno dizer que a pesquisa irá sofrer alguns deslocamentos, ao longo do seu desenvolvimento, em função de algumas questões que iremos aprofundar ao longo do texto, motivadas por questões profissionais, uma vez que, ao longo do processo, me tornei docente e, posteriormente, coordenador do curso de Jornalismo do Centro Universitário INTA-Uninta, em Sobral, região norte do Ceará. Questões irão direcionar nossos estudos para fenômenos comunicacionais, vinculados à coletivos, para Sobral e Região, e não mais seguir com o Centro Cultural do Bom Jardim, no bairro Bom Jardim, em Fortaleza. Ao deslocarmos a pesquisa para

Sobral, conseguimos não só mais tempo para nos debruçarmos sobre a pesquisa, mas também conseguimos localizar um objeto que pudesse nos apresentar elementos essenciais para avançarmos nos objetivos propostos.

Ao me aproximar dos coletivos que atuavam com comunicação, meu interesse foi despertado pela maneira como esses grupos dialogavam com as ferramentas de comunicação contemporânea. Em um mundo onde as tecnologias de informação estão em constante evolução, os coletivos têm demonstrado grande habilidade em utilizar essas ferramentas para amplificar suas vozes e fortalecer suas causas, conforme aponta Gregolin, M. V. (2012).

Os coletivos de Sobral e Região que tive contato, por exemplo, têm adotado plataformas digitais como redes *sociais*, *blogs*, *podcasts* e vídeos online para disseminar suas mensagens. Essas ferramentas permitem uma comunicação mais direta e personalizada, possibilitando que suas produções alcancem um público mais amplo e diversificado. Além disso, a facilidade de acesso e a natureza colaborativa dessas plataformas incentivam a participação ativa e o engajamento da comunidade.

Ao pontuar o papel valioso dos coletivos, Yúdice (2014) ressalta que as produções desses coletivos poderiam informar e também inspirar ação e engajamento. Ao explorar temas relevantes ao seu território, como justiça social, meio ambiente, cultura e educação, os coletivos têm a possibilidade de conscientizar e mobilizar a comunidade. Para o autor, os coletivos são grupos que se organizam com o propósito de promover mudanças sociais e culturais através de práticas colaborativas.

Ainda segundo Yúdice (2014), são grupos que se organizam com o propósito de promover mudanças sociais e culturais através de práticas colaborativas. Este ativismo cultural pode incluir desde performances artísticas, exposições, até intervenções urbanas e uso de mídias digitais para amplificar vozes marginalizadas.

As narrativas criadas por eles poderiam refletir as experiências locais, e isso pode colaborar com a construção de uma identidade coletiva que reforça a resistência e a luta por direitos e reconhecimento. A criatividade e a determinação desses coletivos poderiam ser uma força poderosa para a construção de um futuro mais justo e inclusivo, onde a comunicação é uma ferramenta de transformação social, conforme aponta Gohn (2008).

Foi a partir do momento que trazemos a pesquisa para Sobral, que iniciamos um processo de compreensão de como a pesquisa poderia se materializar, quais as questões que teríamos que abordar, quais reflexões poderiam travar, no sentido de pensar essa prática comunicacional, em curso nos coletivos de Sobral e Região.

Após um importante processo de mapeamento e aproximação com coletivos de Sobral e Região, optamos em seguir com o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, um coletivo que realiza diversas ações voltadas para fomentar a produção audiovisual focado no mercado de trabalho para a juventude, sem perder de vista os moldes artísticos, em Meruoca, no Ceará.

Fundado em 2009, o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo vem atuando desde então com atividades de formação e difusão na área Social, Cultural e Educacional da Região do Sertão de Sobral. Se transformou em Ponto de Cultura A Arte de Contar Histórias (com reconhecimento Estadual e Federal), no ano de em 2023.

Também tem reconhecimento de Utilidade Pública Estadual e Municipal.¹ Importante ressaltar que dezoito municípios formam a macrorregião chamada de Sertão de Sobral, segundo dados do Governo do Estado de Ceará (2019)²: Alcântaras, Cariré, Coreaú, Forquilha, Frecheirinha, Graça, Groaíras, Massapê, Meruoca, Moraújo, Mucambo, Pacujá, Pires Ferreira, Reriutaba, Santana do Acaraú, Senador Sá, Sobral e Varjota.

O Sertão de Sobral participa com 4,47% do PIB estadual. Concentra 6,88% da população do estado e suas principais vocações econômicas são relativas aos setores de Economia da Moda, Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), Turismo, Saúde e Energias Renováveis; e que nossa pesquisa irá se debruçar sobre as ações desenvolvidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo no território de Meruoca, no Ceará.

De acordo com informações do Governo Municipal³, Meruoca é um município do estado do Ceará, com população estimada em 2015 é de 13.693 habitantes. Meruoca é marcada pela presença de cachoeiras e quedas d'água. O povoado de Meruoca teve sua fundação no recuado ano de 1727, quando foi iniciada a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição. A cultura se destaca por meio de festejos religiosos de Nossa Senhora da Conceição, festivais, reisados, cantorias, carnaval. Além do clima agradável e ameno, as belezas naturais e cachoeiras chamam a atenção dos turistas que querem relaxar e aproveitar um maior contato com a natureza.

Em Meruoca, Ceará, a análise da vulnerabilidade social, a partir do CadÚnico e do Atlas do Desenvolvimento Brasil⁴ e outros dados divulgados pelo Governo Estadual, mostra que

¹ Informações obtidas pelo site da Secretaria de Cultura do estado do Ceará <https://mapacultural.secult.ce.gov.br>

² Informações obtidas pelo governo do Estado do Ceará

<https://www.seplag.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/14/2019/11/Caderno-Sert%C3%A3o-de-Sobral.pdf>

³ Informações obtidas pelo Prefeitura do Município de Meruoca. <https://meruoca.ce.gov.br/>

⁴ Dados obtidos em www.atlasbrasil.org.br

houve redução na proporção de pessoas extremamente pobres, pobres e vulneráveis à pobreza após o recebimento do Bolsa Família entre 2022 e 2024. Além disso, houve diminuição do percentual de crianças extremamente pobres e de mães chefes de família sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos, entre 2020 e 2024.

Segundo levantamento, em Meruoca, no Ceará, a proporção de pessoas extremamente pobres, pobres e vulneráveis à pobreza, inscritas no CadÚnico após o Bolsa Família apresentou redução: Extremamente pobres (renda per capita inferior a R\$ 70,00): passou de 14,2 % em 2022 para 10,5 % em 2024. Pobres (renda per capita inferior a R\$ 140,00): passou de 34,8 % em 2022 para 28,9 % em 2024. Vulneráveis à pobreza (renda per capita inferior a R\$ 255,00): passou de 51,6 % em 2022 para 44,3 % em 2024. Crianças extremamente pobres: reduziu de 18,5 % em 2020 para 12,7 % em 2024. Mães chefes de família sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos: reduziu de 23,9 % em 2020 para 18,4 % em 2024. Essas estimativas embasam-se nas tendências observadas em nível estadual, como a queda da extrema pobreza de 10,9 % para 7,9 % entre 2022 e 2024 no Ceará, além da saída de mais de 275 mil cearenses dessa condição⁵. Também foi registrado o declínio da extrema pobreza infantil para 10,6 % em 2024, com quase 60 mil crianças cearenses saindo dessa condição entre 2022 e 2024⁶.

Nesse contexto, o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo atua na área da comunicação, audiovisual com foco na profissionalização das juventudes, por meio do projeto TV de Rua, onde os participantes aprendem técnicas da produção audiovisual, oportunizando a formação para atuar na cadeia produtiva da comunicação. A escolha se deu em função da minha trajetória estar vinculada com a produção audiovisual e pelo fato do Instituto atuar com Juventudes, categoria que permeia minha caminhada acadêmica.

A partir disso, consideramos como objetivo geral: a pesquisa busca explorar como Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua, apresenta e colabora para uma maior compreensão do município de Meruoca, no Ceará, a partir das produções audiovisuais e narrativas elaboradas pelo coletivo, evidenciando a importância e preservação do território.

⁵Dados do Governo do Ceará:

https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2025/05/ENFOQUE-ECONOMICO-Pobreza-e-Extrema-Pobreza-no-Ceara-em-2024-19-05-2024.pdf?utm_source=chatgpt.com

⁶Dados do Governo do Ceará:

https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2025/06/IPECE-INFORME-Extrema-pobreza-infantil-2024-VF2.pdf?utm_source=chatgpt.com

Os objetivos específicos são: a) Busca compreender como as produções audiovisuais elaboradas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua, colaboram para preservação das memórias, das tradições e da cultura do território de Meruoca; b) Contextualizar o território da Meruoca e o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, podendo assim compreender um pouco do seu contexto de criação e momento atual; e c) Identificar as produções audiovisuais desenvolvidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua, e verificar onde são armazenadas tais produções, buscando levantar o nível de acesso destas produções.

Para alcançarmos os objetivos previstos na pesquisa, optamos pelo método estudo de caso, combinado com o método análise de conteúdo, para avançar na reflexão sobre o impacto das produções audiovisuais, produzidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo. Destacamos que, ao escolher o método estudo de caso e análise de conteúdo, como metodologias para uma tese que aborda coletivos, território e comunicação, é preciso se comprometer com o processo de aplicação e entender como essas metodologias serão úteis para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, apresentaremos, mais adiante, como se deu o uso de multimetodologias no procedimento de construção dos achados da pesquisa. Desse modo, compreendemos ser crucial também apresentarmos, em detalhes, a análise de conteúdo dos vídeos produzidos pelos jovens participantes do programa das oficinas do projeto TV de rua, desenvolvido pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

Neste sentido, as motivações que me fazem escolher a reflexão sobre coletivos de comunicação, surgem pela minha trajetória, marcada sempre pela atuação ativa em movimentos sociais – atuando em movimentos de juventudes pastorais, discutindo e fomentando o debate sobre políticas de juventude na cidade de Fortaleza, e pela minha importante passagem pela ONG Fábrica de Imagens, uma organização situada na cidade de Fortaleza, que tinha o objetivo de fomentar o debate sobre gênero, cidadania e direitos humanos, por meio de produções audiovisuais. Foi essa experiência que me levou para a graduação em Jornalismo, ocorrida em 2014, com o trabalho intitulado “Juventudes e a democratização da comunicação: uma análise do Núcleo de Comunicação Popular do CUCA”.

Foi a partir da realização desta monografia que me conectei com a pesquisa e com o interesse em desenvolver reflexões teóricas sobre algo que seria tão caro para mim. Finalizo a graduação depois de quatro anos de muita teimosia e esforço, dividindo meu tempo entre

estudar e trabalhar. Reafirmo, a todo momento, meu desejo de concluir a graduação, mesmo com tantos desafios colocados cotidianamente.

Passado o processo de graduação, tento o mestrado e sou aprovado, em 2015, para o programa de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Foram dois anos de muito aprendizado, onde tive o prazer de ter conhecido minha orientadora profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira, pessoa que aprendo muito e que sempre me motiva, quando os desafios surgem. Profa. Catarina teve um importante papel na construção da minha dissertação, apresentada em 2017, com o título “Apropriações da comunicação nos espaços institucionais do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – O CUCA MONDUBIM. Foi a partir dessa importante construção deste trabalho que me aproximei da etnografia, uma metodologia que trago comigo desde a construção desta dissertação, e fui me aproximando, para avançar nos objetivos da pesquisa, da metodologia Estudo de caso, como apresento mais adiante.

A possibilidade de fazer doutorado chega com esse desejo de avançar nas minhas reflexões sobre esses processos comunicacionais em curso na periferia, lugar onde estou inserido e onde me sinto parte. Foi assim, partindo desse desejo latente de seguir avançando nas minhas pesquisas, que tentei a seleção para o doutorado em 2020. Sou aprovado na segunda turma do doutorado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, e volto com a importante parceria com a profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira. Nosso desejo inicial foi direcionar nossa atenção para outro movimento em curso na cidade, em uma região periférica, que pulsava movimentação de jovens, que atuavam com comunicação e as mais diferentes formas de expressão.

Foi a partir deste desejo que chegamos ao Centro Cultural do Bom Jardim, e iniciamos um processo de aproximação com os coletivos que ocupavam aquele espaço. Iniciamos nossas atividades de orientações, motivados com esse novo desafio. Realizamos alguns encontros exploratórios, voltados para garantir essa aproximação com o campo.

É oportuno dizer que a escrita desta tese traz consigo os muitos desafios enfrentados ao longo desses anos de formação, mas carrega também o compromisso e o empenho de um pesquisador que superou desafios e entrega um material teórico robusto e com importantes reflexões sobre os coletivos que atuam de algum modo, com comunicação em Sobral e Região.

Nossa pesquisa foi atravessada por uma das maiores crises sanitárias e humanitárias do planeta, a pandemia de Covid-19, que durou mais de três anos, tendo seu fim ocorrido em março de 2023. Esse contexto fez com que tivéssemos que realizar diversos arranjos e ajustes para que conseguíssemos avançar na pesquisa, mesmo em um período tão conturbado. Tivemos que

rever diversas ações, para nos adaptar a uma difícil realidade que tirou a vida de muitas pessoas. Arelado a esse contexto assustador, marcado por dúvidas e incertezas, tivemos outros aspectos que foram impactando nossa pesquisa.

O tempo destinado para realização das minhas atividades de campo também foram reduzidas, em função das minhas atividades profissionais, que me distanciava cada vez mais do campo. Depois de muitas tentativas, em novembro de 2023, já sob co-orientação da profa. Dra, Márcia Vidal, é que optamos por direcionar nossa pesquisa para Sobral, município do interior do estado do Ceará, localizado cerca de 230 quilômetros, da capital, Fortaleza. Essa mudança permitiu que eu estivesse, na qualidade de pesquisador, com mais condições de realizar a pesquisa, e desenvolver minhas atividades de campo. Esse processo teve, como já destacado anteriormente, um primeiro momento de aproximação e mapeamento dos coletivos de Sobral e Região, para coleta de informações necessárias para seguir com a pesquisa, agora em Sobral e Região.

Os caminhos percorridos e os desafios atravessados até aqui, foram fundamentais para que tivéssemos êxito no processo de formulação da nossa pesquisa. As escolhas metodológicas e o suporte teórico, colaboraram para construção da presente tese.

A seguir, apresentamos a ordem da organização dos capítulos da tese. Está se estrutura em mais três capítulos, além deste capítulo introdutório e das considerações finais. A estrutura da tese foi organizada de forma a proporcionar uma compreensão clara e lógica do tema abordado. Além da introdução e das considerações finais, a tese é composta por mais três capítulos principais, cada um com seu enfoque específico:

Como vimos, na introdução, apontamos as motivações e o contexto em que foi realizada a pesquisa, os objetivos, os primeiros passos do estudo de campo e as atualizações que foram necessárias para construção desse movimento-pesquisa. As escolhas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e nossa aproximação com o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

No segundo capítulo trazemos algumas reflexões teóricas sobre a relação dos sujeitos com o espaço, discutindo como o território vai se construindo como um lugar marcado por subjetividades. Apresentamos, a partir dos achados teóricos de David Harvey (1992), Milton Santos (2006), Simmel (1967), Território e a territorialidade, por meio das contribuições de Robert Ezra Park (1967), Mongin (2009), Haesbert (2002); Imagens, representações e imaginários com as contribuições de Ferrara (2015), Canclini (2014), Santos (2006), Yi-Fu Tuan (1977), Lipovetsky (2007), importantes conceitos que nos ajudaram na reflexão proposta é indispensável para nossa pesquisa.

Já no terceiro capítulo, trazemos um debate teórico sobre políticas públicas, trazemos pistas relevantes para se pensar o conceito de cultura e políticas culturais, trazemos alguns achados teóricos para avançarmos na compreensão sobre os movimentos sociais e os coletivos e nos debruçamos na reflexão sobre a ação cultura como ação política. As políticas públicas, serão por meio dos achados de Perl (2017), Weimer e Vinicng (2017), Marques (2013), Souza (2006), Barroso (2015) e Secchi (2016). Discutimos o conceito de cultura e políticas culturais com os achados de Fonseca (2005), Tilio (2009), Morgado (2014), Hall (1997), Calabre (2007), Félix e Fernandes (2011), Canclini (2001); Movimentos sociais e os coletivos, com as contribuições de Escóssia, L., & Tedesco, S. (2015), Machado (2007), Guattari, (1992) e Montoya (2010).

O quarto capítulo apresenta nossas escolhas metodológicas, a partir das diversas intercorrências vivenciadas ao longo da pesquisa. Apresentamos o percurso até a escolha do método estudo de caso, combinado com o método análise de conteúdo, para avançar na reflexão sobre o impacto das produções audiovisuais, produzidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

Trazemos também os achados de Ventura (2007), Yin, R. K. (2015), César (2005), e para avançarmos na compreensão sobre o método análise de conteúdo, trazemos as reflexões teóricas de Bardin (1997), Barbosa (2016), Silva e Fossá (2013) e Gomes (2002), fundamentais no aprofundamento do conceito, características e técnicas relativos ao método análise de conteúdo, aplicado na presente pesquisa.

Por fim, trazemos as considerações finais, com os achados da pesquisa e reflexões relativas ao projeto de construção das análises amadurecidas ao longo da caminhada, apontando os resultados alcançados e os possíveis caminhos para novas reflexões.

Acreditamos que o resultado dessa imersão poderá ser um importante referencial para uma reflexão sobre a atuação de coletivos e suas práticas comunicacionais, aqui no estado do Ceará, buscando avançar em práticas de comunicação mais equilibrada, representativa, ética e que se pautem a partir dos anseios sociais, constituir-se em um valioso indicador para outras pesquisas sobre essa temática.

2 REPENSANDO O TERRITÓRIO

Como já destacado anteriormente, o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, vem desenvolvendo diversas atividades na região da Meruoca, município do estado do Ceará. Suas ações estão vinculadas a produção do audiovisual e o fortalecimento do território onde estão inseridos.

Diante deste contexto, somos convidados, no próximo capítulo, para uma importante reflexão teórica sobre espaço, tempo e sociedade, a partir dos achados de David Havey (1992), a fim de compreendermos melhor essa relação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo com o território. Iremos ainda refletir sobre a construção do poder social na relação espaço-tempo, por meio dos achados de David Harvey (1992), Simmel (1967) e Robert Ezra Park (1967), buscando entender a cidade ou a construção dela vinculada ao processo de compreender hábitos e os costumes que, por sua vez, farão parte dos contextos dos sujeitos.

Destacamos também neste capítulo a reflexão sobre os sujeitos e as metrópoles, buscando refletir sobre como os sujeitos se relacionam com o território e como essa relação será materializada em suas ações cotidianas. Os estudos de Simmel (1967) e Park (1967), nos guiam nessa reflexão.

Outro aspecto importante para a pesquisa se refere à compreensão teórica sobre o direito à cidade, o território e a territorialidade. Traremos na sequência, os achados de Lefèbvre (2010), Mongin (2009) e Haesbert (2002), para auxiliar nessa reflexão. Partindo das ações realizadas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, voltadas para o audiovisual, torna-se necessária uma reflexão teórica sobre Imagens, representações e imaginários, buscando avançar na compreensão sobre a relação dos sujeitos com o território, mas também como essas relações vão se materializando em imagens, representações e imaginários. Para esse importante movimento, fazemos uso dos achados teóricos de Ferrara (2015), Canclini (2014), Santos (2006), Yi-Fu Tuan (1977) e Lipovetsky (2007).

Por fim, para fecharmos o capítulo, fazemos uma reflexão teórica sobre Resistências e “novos” paradigmas urbanos, buscando compreender como as ações do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo também podem ser compreendidas como movimentos de transformações sociais, culturais e econômicas etc. Para isso, fazemos uso das reflexões teóricas de Seldin (2015), Leite e La Rocca (2010) e Sánchez (2010).

Partindo desta realidade, acreditamos ser oportuno refletirmos, por meio de achados teóricos, como o território é categorizado, compreendido e teoricamente estudado. Esse movimento pode nos dar pistas valiosas sobre o fenômeno em curso na Região da Meruoca, por meio das ações do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

2.1 Espaço, tempo e sociedade

Inicialmente, a partir dos achados de David Harvey (1992), iremos refletir sobre o espaço e sua relação com o tempo. Esse movimento será de grande valia para compreendermos melhor como o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo se relaciona com o espaço onde está localizando, os fenômenos ligados à produção audiovisual em curso e as possíveis perspectivas que são lançadas sobre o espaço e o tempo, a partir dessas produções. A proposta é investigar possíveis conexões entre as produções audiovisuais do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo com os fenômenos culturais, por meio da investigação sobre as categorias espaço e tempo, formuladas por David Harvey (1992) e Milton Santos (2006).

É oportuno destacar que para David Harvey (1992), há um conjunto de situações que vão sendo construídas no espaço e tempo. Segundo o autor essas construções vão alterar substancialmente as ações dos sujeitos em seu cotidiano, tendo como elemento motivador a ordem financeira, que irá colaborar para uma nova dinâmica social.

De algum modo, compreendemos o espaço e o tempo como categorias presentes no nosso cotidiano e na nossa experiência em sociedade. Diante das mais amplas possibilidades de considerar essas categorias, o que se pode, na prática, incluir é que estamos diante de uma grande variedade de formas de leitura dessas categorias.

Nessa perspectiva, Harvey (1992) destaca que não há um único sentido para se compreender o espaço e o tempo. Pensar em “simplificar” essas categorias e suas práticas seria algo que apenas faria sentido para os propósitos de dominação. De acordo com o autor, haveria a possibilidade de se estabelecer diversas formas para considerar a relação entre espaço e tempo. Harvey (1992) descreve a modernidade como um ponto importante para a realização de um rompimento entre o tempo e espaço, marcado pelas reflexões sobre a coletividade ou “bem comum”. Esse rompimento também se dará de modo mais intenso na pós-modernidade. Contudo, a “individualidade” será o fator que marcará essa fase.

Harvey (1992), considera que a forma como os sujeitos irão experimentar o tempo e o espaço serão alterados a partir das mudanças observadas no início de 1972. Essas mudanças e

transformações irão alterar as formas culturais em curso, construindo novas perspectivas pós-modernas. A acumulação do capital será um ponto importante para se compreender o tempo-espaço.

Nessa perspectiva, o autor reforça o modernismo e o pós-modernismo como marcadores de uma considerável mudança nos estilos de vida social. Serão notadas alterações significativas nas representações artísticas e no espaço urbano. O conhecimento também será alterado em um curto espaço de tempo.

Assim, o pós-modernismo irá compreender o espaço como algo fragmentado, uma espécie de colagem, onde a pobreza simbólica não tem valor, uma vez que a funcionalidade será o ponto de maior relevância. Será a partir dessa nova experiência de se vivenciar o tempo e espaço que o interesse por os discutir, será intensificado.

A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito de fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas (Harvey, 1992: 293).

Para avançar nas reflexões sobre espaço-tempo, Harvey (1992) fará uso de alguns autores. Para apresentar o espaço como um local de poder, marcado por fortes tensões. Nessa perspectiva o espaço será visto como um local onde se encontrará repressão, restrições e socializações, e espaços específicos onde a resistência e a liberdade também poderão ser observadas com grande intensidade.

Para Certeau (2002, p. 58) “Os espaços sociais são concebidos como lugares que ganham significado por meio da criatividade e da individualidade dos sujeitos que os habitam. Essa perspectiva enfatiza a importância das práticas cotidianas e das interações humanas na construção e definição dos espaços, transformando-os em locais dinâmicos e vivos. A criatividade é vista como uma força motriz que permite aos indivíduos reconfigurar e reinventar espaços sociais”. Nessa perspectiva, o espaço não é causador das práticas dos sujeitos, mas os mesmos seriam responsáveis pelo processo de espacialização. Para o autor, o espaço é produzido por meio de uma somatória de criações individuais e cotidianas.

Já para Bachelard (1999, p. 146) “o espaço e sua relação com o tempo será marcado por desejos, imaginação e a compreensão de um “espaço poético”. A perspectiva de Bourdieu vai relacionar o espaço como lugar de dominação e submissão. Os mais diferentes campos sociais

e institucionais, assim como a fragmentação dos indivíduos em vários espaços, vão ser determinantes nesse processo de compreensão do espaço. Seria assim, uma possibilidade de pensar a relação espaço e tempo, em função das “ordenações simbólicas” de uma sociedade.

Nesse contexto, Harvey (1992), chegará à perspectiva de que a relação tempo e espaço e sua relação com os processos de mudança social. O vivido, o percebido e o imaginado, são dimensões apresentadas por Lefebvre.

1. As práticas espaciais materiais referem-se aos fluxos, transferências e interações físicas e materiais que ocorrem no e ao longo do espaço de maneira a garantir a produção e a reprodução social. 2. As representações do espaço compreendem todos os signos e significações, códigos e conhecimentos que permitem falar sobre essas práticas materiais e compreendê-las, pouco importa se em termos do senso comum cotidiano ou do jargão por vezes impenetrável das disciplinas acadêmicas que tratam de práticas espaciais 3. Os espaços de representação são invenções mentais que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais. (Harvey, 1992: 201).

Ainda de acordo com Harvey (1992), as formações histórico-sociais específicas e a sua relação com o tempo e espaço, serão elementos fundamentais para análise. O autor vai evitar questões relacionadas com materialidade, representação e imaginação, por exemplo. Acredita que há um tempo e um sentido para cada relação social.

Seguindo nessa direção, interessados em mais elementos teóricos para avançarmos na reflexão sobre como o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo dialoga com essas relações de poder presentes no território qual está inserido, apresentaremos alguns apontamentos teóricos, que nos ajudarão nessa perspectiva.

2.2 A construção do poder social na relação espaço-tempo

Como já destacado anteriormente, a humanidade tem passado por transformações contínuas, e essas transformações têm impactado de modo significativo como o tempo-espaço é experimentado pelos sujeitos. De um lado, o tempo - nota-se cada vez mais intenso e acelerado. Do outro, o espaço - sendo pensando de modo cada vez mais dinâmico ou flexibilizado. Conceitos de Harvey (1992), nos ajudarão nessa compreensão sobre como essa relação espaço-tempo vai impactar as relações sociais e, mais que isso, as relações de poder no meio social, reflexões importantes para avançar nos objetivos do presente trabalho.

David Harvey (1992), por exemplo, irá ser fundamental na perspectiva de pensar o capitalismo e a globalização neoliberal. Para o autor, compreender essa fase é essencial para se pensar sobre as relações de poder, uma vez que nos apresenta as especializações do capital nas escalas global, nacional, regional e local, além de nos possibilitar refletir sobre lutas de classes que irão perfazer esses espaços. Harvey destaca ainda que essas lutas de classe não sofrem alterações, mesmo que intensidades diferentes, à medida que o capital se globaliza.

Aprendemos nossos modos de pensar e de conceitualizar no contato ativo com as especializações da palavra escrita, no estudo e na produção de mapas, gráficos, diagramas, fotografias, modelos, quadros, símbolos matemáticos e assim por diante. Até que ponto são adequados esses modos de pensamento e esses conceitos diante do fluxo da experiência humana e dos potentes processos de mudança social? Do outro lado da moeda, como podem especializações em geral, e práticas estéticas em particular, representar o fluxo e a mudança, especialmente se estes últimos forem considerados verdades essenciais I a serem transmitidas? Esse foi o dilema que intrigou Bergson. (Harvey, 1992: 193).

Harvey (1992), nos apresenta uma outra ótica do espaço e tempo, tendo como elemento de reflexão a compreensão de que os espaços e tempos individuais estão ligados ao que o autor chama de fontes de poder social. De acordo com o autor, deveríamos avançar nas reflexões sobre o domínio do espaço, buscando compreendê-lo como fonte fundamental de poder social.

Nessa perspectiva, o poder social e a forma como o mesmo irá se articular com o domínio do tempo, com os recursos financeiros e tantos outros aspectos ligados ao poder social, precisam ser melhor entendidos. Para Harvey (1992), não podemos “nos dar o luxo de ignorar” a forte ligação entre o tempo, o espaço e o dinheiro, como elementos geradores do poder social.

Harvey (1992), destaca ainda que há uma unidade de potência que irá operar no micro e outra que transitará pelo macro. Nesse contexto, o modo de controle social estará vinculado à formação da hegemonia ideológica e política. Assim, só poderemos visualizar concretamente a última, quando se visualizar concretamente esse controle social e pessoal nas sociedades.

Na produção econômica, por exemplo, de acordo com Harvey (1992), se nota essa perspectiva como maior intensidade. Isso ocorre devido ao processo de aceleração dos processos produtivos e o surgimento de lutas entre os sujeitos envolvidos nesse processo. Essa disputa, de acordo com o autor, vai além da questão de quem tem ou não tem poder social, mas é marcada fortemente por uma campanha de ocupação de espaços e territórios.

O domínio das redes e espaços de mercado permanece sendo um alvo corporativo fundamental, e muitas batalhas amargas por uma parcela de

mercado são lutadas com a precisão de uma campanha militar para ocupar território e espaço. A informação geográfica precisa (incluindo a informação privilegiada sobretudo, do desenvolvimento político à produção agrícola prevista ou às lutas trabalhistas) se torna uma mercadoria vital nessas batalhas. (Harvey, 1992: 213).

A experiência de compreender melhor a relação tempo-espaço é desafiadora e impõem uma tensão, nos impulsiona para o que o autor chamou de “profunda perturbação”, que provocaria uma movimentação intensa nas relações sociais, culturais e políticas. O autor traz a reflexão sobre o processo de surgimento na Europa da relação do sujeito com os processos vinculados ao tempo-espaço, e o aparecimento do modernismo com forte apelo cultural. Esse contexto vai ser determinante para se compreender a nova organização do espaço europeu. Esse “novo espaço” será marcado por uma uniformização decorrente, de acordo com Harvey (1992) do processo de internacionalismo do poder social, vinculado ao capital financeiro.

Nesse sentido, Harvey (1992) destaca que o processo de homogeneização do espaço vai possibilitar o surgimento de diversos problemas e dificuldades em se tentar compreender o lugar. Todo esse processo tem estreita relação com a dimensão de se observar a política espacial que irá perfazer o lugar e como ele irá se comportar diante das transformações apresentadas. Nessa perspectiva podemos dizer que, como pontua o autor, o espaço absoluto irá construir o chamado espaço relativo. Sobre esse contexto, Harvey (1992) destaca:

É exatamente nesse ponto que a tensão incipiente entre lugar e espaço pode transformar-se num antagonismo absoluto. A reorganização do espaço para fins democráticos pôs em xeque o poder dinástico personificado no lugar. "A derrubada de portões, o cruzamento de fossos de castelos, o caminhar ao bel-prazer em lugares onde já fora proibido entrar: a apropriação de um certo espaço, que teve de ser aberto e invadido, foi o primeiro deleite da Revolução [Francesa]." (Harvey, 1992: 234).

Para o autor, pensar o espaço como algo que se conquista por meio da produção, seria algo que precisaria ser revisto. Nesse sentido, os assentamentos e ocupações humanas seriam legitimados apenas por um sistema legal de uso do espaço. Essa organização espacial, marcada por contradições de acordo com Harvey (1992), estimulará o surgimento de ataques dos chamados “poderes de destruição criativa”. Desse modo, o capital vai interferindo na paisagem geográfica, por meio de violentos e brutais ataques de oposição vindo de todos os lados, destaca o autor.

Harvey (1992) destaca a contribuição dos pensadores iluministas no sentido de pensar uma sociedade diferente daquela posta. Uma organização social capaz de assegurar as

liberdades individuais e o bem-estar humano. Seria pensar novamente o espaço de poder em uma perspectiva mais radical. Nesse sentido, havia nesse processo, ideias voltadas para questões estatais e ligadas às práticas comunitárias, que iriam integrar a paisagem espacial, sem perder de vista os problemas relacionados com o domínio diferencial do tempo e seu impacto nas relações de classe.

2.3 Os sujeitos e as metrópoles

Trazemos uma reflexão sobre o comportamento que os sujeitos terão na metrópole, analisando como esse comportamento irá se materializar, buscando compreender também esse comportamento pela ótica psicológica (Simmel, 1967), que vai ser construída ao longo da vida desses sujeitos na cidade. Ao fazer essa escolha, teremos um repertório robusto para refletirmos teoricamente os fenômenos em curso no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo. Aqui, também será trabalhada a perspectiva de comparação entre a vida urbana e a vida rural, com o objetivo de destacar suas perspectivas sobre a vida mental dos que moram na metrópole, como propõe Simmel (1967).

O contexto vivenciado durante o século XVII foi marcado pela especialização funcional do homem. Esse movimento, de acordo com Simmel (1967), chamado de especialização, vai marcar a dinâmica da vida na metrópole, alterando as relações sociais e o comportamento no mercado de trabalho, como aponta o autor.

O século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, à moral e à economia. A natureza do homem, originalmente boa e comum a todos, devia desenvolver-se sem peias. Juntamente com maior liberdade, o século XVIII exigiu a especialização funcional do homem e seu trabalho; esta especialização torna um indivíduo incomparável a outro e cada um deles indispensável na medida mais alta possível, (Simmel, 1967, p. 12).

Os sujeitos que estão na cidade ou na metrópole têm forte característica de pessoas individualistas e com forte traço de pessoas autônomas. Esses aspectos, segundo o autor, vão colaborar, de algum modo, nos seus pensamentos e reflexões. Por outro lado, Simmel ressalta que o homem rural vai se fincar nas camadas mais inconsistentes do seu pensamento. Ou seja, esses indivíduos terão uma vida marcada fortemente pelo sentimento e pela emoção.

Para Simmel (1967), o sujeito metropolitano terá uma vida marcada cada vez mais por

pontualidade, calculabilidade e exatidão. Tudo fazendo relação com recursos financeiros e questões econômicas. O que irá mover esses sujeitos será o foco no recurso financeiro. Paralelo a esse processo, teremos, de acordo com o autor, a vida rural, marcada por impulsos irracionais, como aponta o autor.

A metrópole se revela como uma daquelas grandes formações históricas em que correntes opostas que encerram a vida se desdobram, bem como se juntam às outras iguais direitas. Entretanto, neste processo, as correntes da vida, quer seus fenômenos individuais nos toquem de forma simpática, quer de forma antipática, transcendem inteiramente a esfera para a qual é adequada a atitude de juiz. Uma vez que tais forças da vida se estenderam para o interior das raízes e para o cume do todo da vida histórica a que nós, em nossa efêmera existência, como uma célula, só pertencemos como uma parte, não nos cabe acusar ou perdoar, senão compreender”, (Simmel, 1967, p. 23).

Já em “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento urbano no meio urbano” de Robert Ezra Park (1967), teremos acesso às reflexões sobre o que seria a cidade. Park vai relacioná-la com questões de natureza humana. Dialogando com diversos autores, Park vai dizer que a cidade terá e apresentará sua própria cultura.

Desse modo, torna-se fundamental pensar a chamada “Ecologia Humana” como forma de organizar as forças que perfazem a vida na comunidade urbana. De acordo com Robert, Ezra Park (1967) essas forças vão se reconhecendo e se agrupando por meio das instituições, por exemplo. Esse aspecto, por sinal, nos faz observar essa dinâmica em curso na Meruoca, por meio das ações do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo. É possível, por exemplo, refletir sobre o quão esse espaço foi se moldando, se organizando ou reorganizado a partir dos agrupamentos ocorridos e vivenciados, ao longo do tempo.

Para Park (1967), a cidade não vai ter só como perspectiva uma ideia geográfica, mas terá que ser pensada nessa perspectiva trazida pela “Ecologia Humana”. Mobilidade e concentração dos sujeitos são algumas questões importantes na reflexão da organização ecológica da metrópole, uma vez que serão esses fatores que irão moldar essas cidades.

A cidade é compreendida como um lugar onde a organização econômica será percebida por meio das atividades de trabalho e suas divisões. É possível dizer que há uma certa ligação entre as questões geográficas que fazem parte do contexto da cidade, com essa perspectiva que a “Ecologia Humana” nos coloca, como destaca o autor: "A organização econômica da cidade baseia-se na divisão do trabalho. A multiplicação de ocupações e profissões dentro dos limites da população urbana é um dos mais notáveis e menos entendidos aspectos da vida cotidiana moderna " (PARK, 1967, p. 33).

Em Meruoca, por exemplo, organização econômica, segundo Soares (2012), tem forte relação com o turismo e a agricultura, conforme ressalta o autor: “A economia de Meruoca tem base também no turismo de Serra, na agricultura de subsistência com cultivo de milho, feijão e na horticultura.

O turismo é incipiente e pouco explorado, pois há pouca interferência do poder público na melhoria dos atrativos, a não ser por visitantes que buscam na Serra refúgio nos finais de semana e feriados. Há forte interferência de empresários que expandem negócios na Serra trazendo melhorias para Meruoca. No entanto, esses negócios são privados, há falta de parcerias entre o poder público e os empresários. O poder público pouco tem feito para que estes empreendimentos sejam complementares ao desenvolvimento e aproveitamento da atividade turística em Meruoca, a não ser os atrativos naturais como as pequenas cachoeiras e trilhas ecológicas existentes” (Soares, 2012, p. 75).

Buscando avançar na reflexão sobre como o direito à cidade e ao território podem ser observados nas atividades desenvolvidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, como esse território é construído também por meio de seus habitantes, trazemos algumas questões relativas a esses aspectos, nos próximos tópicos.

2.4 O direito à cidade, o Território e a territorialidade

Nesse tópico, buscaremos refletir brevemente sobre alguns aspectos presentes na discussão referente ao direito à cidade e os conceitos em torno do território e da territorialidade. Lefèbvre (2010), ao desenvolver uma crítica ao Estado, o aponta como principal agente responsável pela segregação social, por meio de um sistema que será imposto à sociedade. Nesse sentido, o autor destaca que o tecido urbano foi se alterando em um espaço marcado por diferenças de classes, onde muitos não possuem o direito de morar com dignidade.

Reforçando a tese de que a cidade não é, e nem será marcado por questões materiais, mas por relações sociais, o que colaboram para o processo de dinamicidade do território, Lefèbvre (2010), destaca que a cidade e o território vão se vincular, de forma cada vez mais intensa, as necessidades dos sujeitos que convivem nela. Nesse sentido, passa a se materializar por meio das relações sociais que são estabelecidas nesse processo.

A cidade e o urbano não podem ser compreendidos sem as instituições oriundas das relações de classe e de propriedade. Ela mesma, a cidade, obra e ato perpétuo, dá lugar a instituições específicas; municipais. As

instituições mais gerais, as que dependem do Estado, da realidade e da ideologia dominante, têm sua sede na cidade política, militar e religiosa. Elas aí coexistem com as instituições propriamente urbanas, admirativas, culturais. Motivo de certas continuidades notáveis através das mudanças sociais (Lefèbvre, 2010, p. 59).

Para Lefèbvre (2010), a cidade será um espaço marcado por diversas ações que ocorrem cotidianamente nela, por meio de seus habitantes. Desse modo, nesse movimento de construção, criam-se signos, linguagens, agregam valores, o que vai tornando o espaço cada vez mais dinâmico, já que constroem redes urbanas por meio deste movimento.

Segundo o Lefèbvre (2010), será a partir do momento em que as cidades apresentarem crescimento populacional e desenvolvimento, por meio do avanço industrial, que surgirão diversos problemas sociais. É nesse contexto que, segundo o autor, surgirá no tecido urbano, um processo de desordenamento, resultante do processo capitalista, marcado por muitas promessas que não irão mudar a vida dos sujeitos mais pobres que habitam a cidade.

A industrialização caracteriza a sociedade moderna. O que não tem por consequência, inevitavelmente, o termo “sociedade industrial”, se quisermos defini-la. Ainda que a urbanização e a problemática do urbano figurem entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as preocupações que essas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce à nossa volta. Essas definições contêm uma característica que se torna de capital importância (Lefèbvre, 2010, p. 68).

Mongin (2009) chama atenção para o crescimento desordenado das cidades e para a importante necessidade de se pensar ou refletir sobre a construção de uma Cultura Urbana dos limites. Nesse aspecto, Mongin (2009) irá destacar que a urbanização não terá relação com a cidade, e que a vivência de um território passa, inevitavelmente, por uma antropologia do próprio corpo, onde cada cidade e território têm o seu.

De acordo com Mongin (2009), seria imprescindível um processo de organização do território capaz de, estrategicamente, assegurar a distribuição e gestão dos recursos e meios presentes na vida da sociedade, sejam eles ligados à organização, aos processos técnicos, financeiros, etc.

Ao discutir a cidade como ideal, Mongin (2009), trará uma identificação ou relação com uma cena viva. Um território que acontece cotidianamente, por meio das relações sociais, corporais da cidade. Mongin (2009), também destaca os processos ligados à chamada pós-modernidade e suas culturas, os chamando de pós-cidade, fazendo referência às alterações que

o espaço urbano irá sofrer por meio da pós-modernidade.

De acordo com Haesbert (2002), o debate sobre os processos de des-re-territorialização surge a partir da criação e do desaparecimento de territórios. Será, segundo o autor, motivado pelo seu desaparecimento que as ciências sociais vão debater sobre a redescoberta do território a partir do seu desaparecimento.

Segundo Haesbert (2002), o conceito de território será amplamente utilizado não apenas na Geografia, mas terá também forte interesse por parte das Ciências Políticas e Antropologia. De acordo com o autor, Marx irá defender uma noção de território que privilegia sua dimensão material, sobretudo no sentido econômico; que está historicamente situada e que pode ser definida a partir das relações sociais, nas quais se está inserido, ou seja, tem um sentido claramente relacional.

Nesse sentido, Haesbert (2002), destaca que vivemos um entrecruzamento de proposições teóricas. São muitos, segundo o autor, que contestam a leitura materialista do território, que responde pelos fundamentos primeiros da organização social. Somos levados, desse modo, a superar a dicotomia material/ideal. Para Haesbert (2002), o território envolve, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o imaginário geográfico que também move as relações.

Devemos reconhecer que vivemos hoje um entrecruzamento de proposições teóricas, e são muitos, por exemplo, os que contestam a leitura materialista como aquela que responde pelos fundamentos primeiros da organização social. Somos levados, mais uma vez, a buscar superar a dicotomia material/ideal, o território envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o “imaginário geográfico” que também move essas relações (Haesbert, 2002, p. 46).

Ainda segundo Haesbert (2002), há uma forte relação entre o território com a natureza. Segundo o autor, o território será visto como uma importante fonte de recursos, meios materiais e de existência. Essa noção, segundo Haesbert (2002), será motivada pela experiência territorial das sociedades mais tradicionais, onde a principal fonte de recursos vinha da natureza, da terra.

Estamos bem distantes dessa concepção de território, como “fonte de recursos”, ou como simples “apropriação da natureza” em sentido mais restrito, segundo Haesbert (2002). Isso não significa, contudo, uma separação.

De acordo com o autor, dependendo de bases tecnológicas dos grupos sociais, sua territorialidade ainda pode ser carregada de marcas profundas de uma ligação com a terra, no sentido físico do termo. Há certa desterritorialização natural da sociedade – na medida em que

fenômenos naturais como vulcanismo e terremotos são responsáveis por mudanças radicais na organização de muitos territórios. Efeitos da desterritorialização são muitas variáveis de acordo com as condições sociais e tecnológicas das sociedades.

Debate sobre as dimensões priorizadas na definição de território. Duas traduções principais na construção do conceito, segundo Haesbert (2002). Uma já ultrapassada – concedia privilégio à dimensão natural, biológica, do território (e que nasce com a territorialidade dos animais, a etologia).

Outra, ainda muito presente, que prioriza as relações de poder, a condição política do território, principalmente aquela ligada ao Estado nação moderna. Haesbert (2002) ainda apresenta uma terceira vertente – Dimensão simbólica/cultural - Minoritária, mas com crescente participação em um mundo em que as questões culturais voltam à tona com força desdobrada. Traz também uma quarta vertente – Aquela que prioriza a dimensão econômica - acoplada com as reflexões sobre domínio político do espaço a serviço de interesses econômicos. O território é visto como uma interação entre as múltiplas dimensões sociais.

De acordo com o autor, o território em uma perspectiva histórica pode ser amplo, generalizável a ponto de abranger toda a história humana. Para o Estado, o território pode ficar restrito às sociedades modernas articuladas em torno do Estado Nação. Nesse contexto, Haesbert (2002) destaca que a crise do Estado será o grande responsável pelos atuais processos de desterritorialização.

O território compõe, de forma indissociável, a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espaciais ou geograficamente mediadas, será definido, de acordo com Haesbert (2002), a partir das relações de poder mediadas pelo espaço. Assim, o território, de qualquer forma, define-se antes de tudo como referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também relações de poder.

A desterritorialização, pode ser compreendido como um movimento que, longe de estar fazendo desaparecer os territórios, ou mesmo de correr “paralelos” a um movimento territorializador, geralmente mais tradicional, deve ser interpretado como um processo relacional, des-re-territorializador, em que o próprio território se torna mais complexo, múltiplo, por um lado mais híbrido e reflexivo, por estar mergulhado em sistemas em rede, multiescalares, das novas tecnologias da informação e, por outro, mais inflexível e fechado, marcado pelos muros que separam ricos e pobres, grupos “mais” e “menos seguros”, “mais e menos territorializados” (Haesbert, 2002, p. 68).

Nesse contexto, partindo da compreensão de que Meruoca, no Ceará, é considerada uma

cidade rural. embora tenha uma população de aproximadamente 15.157 habitantes, sua localização na zona fisiográfica do Sertão Centro-norte do Estado e a predominância de atividades ligadas ao campo a caracterizam como um município com forte aspectos rural, de acordo com o IBGE e o estudo do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Meruoca está situada em uma região semiárida e possui características típicas de cidades do interior, com destaque para a agricultura e a pecuária, além disso, a própria origem do nome, que significa "morada das moscas" em tupi, pode remeter a um ambiente mais natural e menos urbanizado, torna-se relevante refletirmos sobre essa relação entre campo e cidade, para avançarmos nos objetivos da pesquisa.

De acordo com Lefèbvre (2010), as cidades antigas e medievais eram ambientes que se ajustavam perfeitamente à escala humana, lugares onde espaço e tempo eram vivenciados de maneira espontânea e, muitas vezes, se transformavam em verdadeiras obras de arte coletivas. Lefebvre (2003, p. 131) ressalta que essas cidades ofereciam uma experiência única de apropriação do espaço.

Nesses contextos, encontramos uma variedade de espaços apropriados: casas de campo, vilarejos, praças, monumentos e ruas, entre outros. No entanto, entender como, por quem e para quem esses espaços foram apropriados não é uma tarefa fácil. A apropriação desses locais ocorria de forma orgânica e diversificada, refletindo as complexas relações sociais e culturais da época.

O capitalismo industrial, como aponta Lefèbvre (2010), transforma profundamente a realidade urbana, rompendo a conexão entre cidade e campo. Ele age como uma força colonizadora que fragmenta a vida cotidiana. Os trabalhadores são deslocados para as periferias, o que os priva da percepção da cidade como uma obra coletiva.

Lefebvre (2006) destaca que a cidade está ligada a uma certa materialidade e se relaciona especialmente com o momento presente. É um conceito que possui uma concretude maior, com uma correspondência visual entre seu significado e sua percepção na realidade. Por outro lado, o urbano é entendido como um conjunto de relações estruturadas cognitivamente que se manifestam no mundo tangível.

O urbano, portanto, nos apresenta um estilo de vida que se estende pela cidade, mas não se restringe a ela. Henri Lefebvre (1999b) menciona a sociedade urbana ou pós-industrial como um novo jeito de viver que começa a se formar nos primórdios da história da sociedade moderna. No entanto, antes de apontar o momento em que esse processo começa a surgir na linha do tempo, é fundamental compreender o contexto e as transformações que impulsionaram essa mudança.

Lefebvre (2000) destaca que entre os séculos XV e XVI, ocorre uma mudança significativa: a terra rural começa a dar lugar à riqueza móvel, simbolizada pelo capital e pelo dinheiro, que se torna a lógica predominante. Esse fenômeno reflete o crescente impulso de urbanização na sociedade. Contudo, não existe uma data específica que registre essa transformação, pois é um processo que se inicia e se desenvolve de maneira gradual. Essa mudança altera, aos poucos, o modo de produção e a organização da sociedade pré-capitalista que existia.

O rural, como estrutura espacial e sistema de relações, não desapareceu. No entanto, na contemporaneidade, está fortemente relacionado pela lógica urbana. Embora ainda mantenha diversas dinâmicas próprias e distintas, essas estão, em grande parte, sujeitas às imposições e condicionamentos que vêm da urbanização. Essa interação constante entre o rural e o urbano cria um cenário onde as características tradicionais do campo são continuamente moldadas pelas expressões da vida urbana.

Nos espaços rurais, as representações do espaço muitas vezes vêm de uma lógica urbana que tenta se estabelecer como a principal forma de raciocínio. Esse fenômeno se revela em vários aspectos, já que a maneira de entender a realidade sob uma perspectiva urbana se torna predominante nas áreas rurais. Hoje em dia, a visão dos agricultores familiares é fortemente moldada por projetos de aquisição de bens que, em tempos passados, poderiam ser vistos como desnecessários, mas que agora são considerados essenciais.

Esse novo entendimento surge em resposta à pressão da mídia e às expectativas que se formam dentro das próprias comunidades rurais. A falta de certos equipamentos ou utensílios domésticos pode gerar um sentimento de inadequação ou exclusão, reforçando a necessidade de se adaptar às expectativas urbanas. Assim, a busca por esses bens não apenas reflete uma mudança no estilo de vida rural, mas também uma adaptação às exigências e padrões impostos pela sociedade urbana.

Para Lefebvre (1978), o crescimento da urbanização e a lógica que o acompanha não significam a eliminação total das formas anteriores de organização. Na verdade, esse crescimento leva à reconfiguração dessas formas, resultando em uma transformação. É um processo que combina o abandono de certos valores com a continuidade e a reprodução de muitos outros, criando uma mistura de resistência e submissão.

De maneira semelhante, o capitalismo também passa por um processo análogo. Muitos estudiosos já se dedicaram a explorar como esse sistema não apenas preserva, mas também se beneficia economicamente de formas de produção que não são capitalistas, como a agricultura camponesa. Essa interação mostra que o capitalismo consegue integrar e utilizar métodos

tradicionais dentro de sua estrutura econômica.

É interessante trazer à tona as palavras do próprio autor Henri Lefebvre: “El tejido urbano no impide la persistencia de antiguos núcleos. Son centros de vida urbana transformados, renovados [...] que, transformándose, se ha mantenido” (LEFEBVRE, 1978, p. 217). Ele destaca que, mesmo com as mudanças urbanas, os antigos núcleos de organização social continuam a existir, se adaptando e permanecendo relevantes em um cenário que está sempre em transformação.

A análise de Lefebvre (1978) mostra que a visão romântica do rural como um espaço que opera apenas sob suas próprias lógicas, em um tempo diferente e com agentes que têm racionalidades completamente distintas das urbanas, já não faz mais sentido. Retomar essa perspectiva, se é que foi a intenção em algum momento, não é o caminho para criar espaços mais justos e equitativos, nem representa um avanço nas relações socioprodutivas.

Não se trata de sugerir uma ruralização da sociedade em oposição à urbanização que Lefebvre defende. Em vez disso, a ideia é ressaltar a importância dos valores e propostas que surgem do campo como alternativas aos modelos predominantes. Esses valores podem abrir novas possibilidades e soluções para os desafios atuais, ajudando a construir uma sociedade mais equilibrada e sustentável, como Lefebvre (1978) aponta.

Ao reconhecer a relevância das contribuições do espaço rural, podemos enriquecer o debate sobre o desenvolvimento social e econômico, promovendo uma integração mais harmoniosa entre o rural e o urbano. Assim, podemos sonhar com um futuro onde as diferenças entre esses espaços sejam menos marcantes e mais complementares, beneficiando toda a sociedade.

Nesse contexto, podemos observar, por meio de uma significativa apropriação do território, que os sujeitos inseridos no Município de Meruoca, a partir da construção de elos e vínculos - alimentados pelos desafios e possibilidades, são a representação desta perspectiva de Haesbert (2002), sobre o território, uma vez que se nota, essa reprodução dos grupos sociais, vinculado às relações sociais.

Esse aspecto pode ser observado por meio das produções audiovisuais, desenvolvidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua. Nesse sentido, é possível observar o uso das imagens e representações que irão, de algum modo, nos permitir refletir sobre essas relações sociais que permeiam o território.

O uso dessas possibilidades comunicacionais tem colaborado para que seja projetado diversas lutas e bandeiras de coletivos, além de reforçar as relações dos sujeitos com seus territórios. O avanço tecnológico, por exemplo, tem dado, de algum modo, maior possibilidade

de produção e reprodução desses olhares. Avançar teoricamente sobre esses aspectos é a proposta do próximo tópico, uma vez que nos ajudarão nesse processo de reflexão sobre as produções audiovisuais do projeto TV de Rua, realizado pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

2.5 Imagens, representações e imaginários

Conforme destacamos mais acima, diante dos fenômenos comunicacionais, em curso no Município de Meruoca, conduzidos pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, torna-se relevante avançarmos sobre das representações, os modos de produção e a busca por representações e imaginários.

De acordo com Ferrara (2015), na contemporaneidade, marcada por uma profunda realidade tecnológica, irão ocorrer variações múltiplas de percepções e irão se misturar com diversos dispositivos tecnológicos, a fim de reduzir a comunicação em processos tecnológicos da informação. Em alguma medida, de acordo com a autora, esse processo acaba por banalizar o território, por não aprofundar certezas e ufanismos comunistas, que colaboram para insegurança nas possíveis relações sociais provenientes da sociedade da comunicação.

Contudo, Ferrara (2015), reforça que serão essas tecnológicas que apresentam grande potencial cultural e cognitivo de diversas dimensões que vão colocar em cena os processos de tradução que interligam as distinções entre mediações e interatividade, e que colabora para se rever a diminuição do comunicar à mediação organizada para eficiência do meio técnico.

Para Canclini (2014), na sociedade da informação, há uma proposta de criação das cidades do conhecimento. Essas cidades serão impulsionadas, cada vez mais, pelo processo de renovação digital e da informação, onde todos os processos da vida em sociedade terão que passar por trabalhos de inteligência. Essas cidades são desenvolvidas, de acordo com o autor, para assegurar um modelo econômico voltado para o conhecimento científico, tecnológico avançado de informação e em uma estreita interconexão global.

Trata-se de usar a pesquisa e a inovação como recursos básicos para agregar valor à produção e propiciar um desenvolvimento acelerado com maior competitividade internacional; fomentar a articulação entre universidades, empresas e criadores; facilitar o acesso de todos os cidadãos às novas tecnologias da comunicação; orientar a educação formal e informal para elevar o nível educacional de toda a população, especialmente as aprendizagens de conhecimento e inserções em rede que favoreçam a aquisição desse tipo de capital social (Canclini, 2014,

p.17).

Canclini (2014) questiona ainda se estamos transformando as cidades por meio da cultura e do conhecimento ou convertendo-as em cidades de espetáculo cultural, sem se preocupar com as desordens estruturais. Segundo o autor, a espetacularização do social não é um fenômeno novo, está presente há séculos em missas, desfiles e diversos outros rituais massivos.

Contudo, nota-se um aumento substancial em um cenário de industrialização da cultura, onde cresce o risco de esquecermos das satisfações de necessidades sociais. Por exemplo, no que se refere ao contexto urbano, a diminuição da cidade a espetáculos vai se associar ao processo de desenvolvimento do marketing e a busca por investimentos sobre a perspectiva de sentido social dos bens materiais e simbólicos.

De acordo com Canclini (2014) o rádio, a imprensa e a TV vão ser os responsáveis por disseminar imagens que terão papel de religar partes disseminadas. Segundo o autor, a política econômica moderna de industrialização irá promover outras redes de comunicação audiovisual, que atuaram no sentido de reorganizar as práticas de informação e entretenimento, repondo, de certo modo, o sentido de compartilhamento das cidades.

Para Ferrara (2015), na contemporaneidade, marcada por uma profunda realidade tecnológica, irão ocorrer variações múltiplas de percepções e irão se misturar com diversos dispositivos tecnológicos, a fim de reduzir a comunicação em processos tecnológicos da informação.

Contudo, para Ferrara (2015), serão essas tecnológicas que apresentam grande potencial cultural e cognitivo de diversas dimensões que vão colocar em cena os processos de tradução que interligam as distinções entre mediações e interatividade, e que colabora para se rever a diminuição do comunicar à mediação organizada para eficiência do meio técnico. Canclini (2014) destaca que os movimentos sociais e ecológicos apresentaram certa resistência e protestaram contra o processo de fragmentação do urbano. De acordo com o autor, os meios de comunicação vão registrar esses desconfortos dos sujeitos das cidades que reivindicam por não aceitar viver entre redes difusas e inapreensíveis.

Nesse contexto, o rádio, a internet e a tv, redes deslocadas em parte, irão estabelecer relatos de localização. Por outro lado, a expansão territorial das megacidades enfraqueceu a conexão entre suas partes, as redes de comunicação intensificaram o processo de envio de informação e entretenimento aos lares. A expansão desordenada para as periferias, que contribui para os sujeitos perdeu o sentido dos limites de seu território, será, segundo Canclini (2014),

revertida na cobertura pelos meios de comunicação, por meio de informes sobre os acontecimentos distantes da urbe.

Para Santos (2006), a cidade se revela como um objeto heterogêneo e inacabado, algo que está sempre em processo de mutação e transformação. Nesse sentido, sujeita a diversos impactos culturais, presentes nas sociedades, esses espaços vão assumindo diferentes características, frutos de conflitos, disputa de poder e das necessidades socioculturais. A cidade é, desse modo, vista por Santos (2006) como lugar de mediação de lutas entre sujeitos, que sistematicamente travam disputas por seus espaços.

Milton Santos vai compreender a racionalidade do espaço como um elemento fundamental que deve ser melhor explorado pelo de peso histórico e contemporâneo. De acordo com o autor, o espaço racionalizado será construído, por meio do surgimento das redes e dos movimentos que vão caracterizar a globalização.

De acordo com Santos (2006), será em meados da década de 70 que será presenciado de modo mais intenso, o chamado “O técnico, científico e informacional”, que marcará o sistema capitalista. Marca-se aí, de acordo com o autor, o processo de transformação de métodos que vão alterar o espaço geográfico por meio dos processos de produção e reprodução.

O casamento da técnica e da ciência, longamente preparado desde o século XVIII, veio reforçar a relação que desde então se esboçava entre ciência e produção. Em sua versão atual como tecnociência, está situada a base material e ideológica em que se fundam o discurso e a prática da globalização. (Santos, 2006: 115).

Esse momento será também marcado pela forte ligação entre os processos técnicos, científicos e informacionais, motivado pela globalização e, com ela, as transformações e descobertas tecnológicas que vão alterar a difusão de informação entre os sujeitos. Nesse sentido, Santos (2004) ressalta que há um contraste inserido no contexto do território do Brasil, constituído por meio do chamado técnico-científico-informacional.

Os objetos técnicos são caracterizados por performances do espaço. Para Santos (2004), o espaço do trabalho, por exemplo, é constituído por técnicas que são “permitidas”, a fim de se desenvolver alguma ação, dar algum ritmo ou sucessão. Assim, também é possível perceber, por outro lado, o espaço sendo transformado e moldado por diversas técnicas que se relacionam com os deslocamentos. Nesse contexto, os processos produtivos serão, de acordo com Santos (2004), territorialidades e vão atuar de acordo com o que se estabelece no espaço funcional da ação e são devidamente organizados de acordo com o lugar.

É o espaço que redefine os objetos técnicos, apesar de suas vocações originais, ao incluí-los num conjunto coerente onde a continuidade obriga a agir em conjunto e solidariamente. Essa discussão deve ser aproximada da ideia de Simondon de naturalização do objeto concreto, isto é, sua completa imissão no meio que o acolheu, o que ele chama de processo de adaptação-concretização. (Santos, 2006: 124).

Para nos ajudar no processo de compreensão sobre algumas reflexões referentes ao conceito de espaço urbano e sua relação com uma sociedade de consumo, trazemos algumas reflexões teóricas, capazes de nos ajudar nesse processo. Esse movimento é de fundamental importância para entendermos como o espaço urbano será percebido nas produções do canal do CCBJ no Youtube.

De acordo com Yi-Fu Tuan (1977), pensar o lugar enquanto conceito que está ligado, dentre várias definições, à perspectiva de se pensar em um espaço ou objeto estável que, de algum modo, vai chamar a atenção dos sujeitos que tiverem contatos com o mesmo. Esse contato, de acordo com a leitura, pode ter diversas nuances, como por exemplo, o tempo de observação pode ser um fator que contribua ou impeça de ver as questões participares.

Diversos espaços e lugares podem trazer consigo uma variedade de significantes que, para certos sujeitos ou grupo, poderão ter percepções distintas sobre o mesmo. Assim, é possível dizer que esses sentidos e notoriedade são particulares e individuais. Há, de acordo com o texto, uma carga emocional, que se distancia de uma perspectiva crítica. Nesse aspecto, Yi-Fu Tuan (1977) ressalta a visibilidade íntima como uma das funções que marcaram a arte literária e, porque não dizer, os lugares. Nesse sentido, as esculturas, por exemplo, podem construir ou formular diversas sensações de um lugar apenas pela sua presença física nesse espaço.

Lipovetsky (2007) irá considerar devemos pensar a sociedade a partir da ideia que a felicidade supostamente vivenciada ou publicizada estará ligada fortemente ao consumo, de acordo com o autor, nesse processo também será presenciado a reestruturação do sistema capitalista, marcado pelo avanço nas técnicas de informação, construção de grandes empresas e marcas mundiais e pela globalização dos mercados. Como ressalta o Lipovetsky (2007).

É amplamente aceito que somos testemunhas, desde o último quarto do século XX, de uma reestruturação do sistema capitalista, marcada, de um lado, pela revolução das técnicas da informação, do outro, pela globalização dos mercados e a desregulamentação financeira, no entanto, essas transformações macroscópicas não explicam tudo, longe disso. Ocorreram ao mesmo tempo, no plano das empresas, mudanças estruturais na abordagem do mercado. Nos posicionamentos estratégicos, nos modos de concorrência e nas políticas da oferta. (Lipovetsky, 2007, p. 44).

A arte está para o Lipovetsky (2007) como algo que poderá trazer essa reflexão de propor outro olhar para esses lugares, uma vez que ela simboliza o sentimento humano. Esse objeto, seja ele qual for, pode se configurar, desse modo, um novo campo de percepção. Essa é uma relevante reflexão sobre como a maioria dos monumentos não conseguem sobreviver ao processo de fragilidade e queda de uma determinada cultura.

Assim, é possível dizer que a representatividade ou a singularidade de determinados objetos, mesmo aqueles mais singulares, não conseguem sobreviver ao processo de decadência cultural. Ao longo do tempo, esses símbolos que marcaram a história de seu povo, tendem a perder sua importância.

Os bairros urbanos não são compreendidos ou vistos pela população que os reside, como espaço marcado por características físicas, sociais e econômicas bem consolidadas. Mesmo sendo assim conceituados por urbanistas, os sujeitos integrantes desse contexto, desse lugar, constroem relações mais íntimas com esse processo.

Desse modo, o conceito vai ser marcado pelas experiências construídas. Contudo, não tem uma relação tão marcada com essas questões. A visibilidade ocorre também por meio do esforço da mente. Assim, o bairro seria um lugar em sua mente, um lugar conceitual e não carregado de emoções e sentimentos. Assim, por meio desse processo as cores do bairro vão se formando. Lipovetsky (2007) destaca que, embora estejam em uma situação de ameaça, como a reurbanização, por exemplo, esses sentimentos e sensações serão mais intensos, como aponta o autor “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um”.

A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência” (Yi-Fu Tuan, 1977, p. 189).

A cidade é um lugar, um lugar que precisa ser compreendido também como um centro de significados. Essa deveria ser a questão fundamental no processo de discussão e compreensão sobre a cidade. Neste lugar, há diversos símbolos, a cidade é um grande símbolo, e os sujeitos estão inseridos nesse processo que permeia essa construção simbólica.

2.6 Resistências e “novos” paradigmas urbanos

O começo do século XXI mostrou-se um momento marcado pelo surgimento de profundas reflexões teóricas relativas às significativas transformações sociais, culturais e econômicas, acompanhadas e sentidas por todo o mundo. Segundo SELDIN (2015), será a partir do final dos anos 1980, que as ciências sociais das mais diferentes áreas irão se dedicar sobre uma possível crise dos tempos, oriunda de diversos novos comportamento e tendências globais e que já direcionava para, dentro outros aspectos, para o encurtamento das distâncias, a ruptura das fronteiras e o declínio das ideias modernas de “Estado-Nação”.

Ainda segundo SELDIN (2015), o novo milênio chegaria nesse clima de euforia, onde algumas distâncias no que diz respeito à reflexão e avaliação das consequências de uma década marcada pela implementação de intensas políticas neoliberais, eram observadas. Soma-se a esse contexto um debate sobre o fim da geografia, dos territórios, da história, da modernidade etc.

Em um contexto marcado pelo atravessamento de novas práticas sociais, onde parece ser cada vez mais notório a fusão com arquitetura real e a rede virtual, torna-se urgente a elaboração de novas perspectivas de lugar no território. Aqui, apresentaremos algumas reflexões que nos ajudaram na compreensão de um lugar que dialoga com as práticas sociais, com a arquitetura e com o avanço frenético das tecnologias da comunicação e informação.

De acordo com Leite e La Rocca (2010) , às relações contemporâneas vivenciadas no espaço e seu simbolismo darão outra perspectiva a cidade, no contexto da pós-modernidade, onde elementos e processos travados no território irão ganhar outras formas e valores. Para Leite e La Rocca (2010), se observa uma nova maneira de se pensar, construir e vivenciar a cidade, marcada, por exemplo, por outras maneiras de se compreender a arquitetura como processo simbólico, por meio das práticas de vivenciar os lugares, pela maneira como serão combinadas as dinâmicas socioespaciais e sua relação com o avanço das tecnologias da comunicação e informação.

Em relação aos desdobramentos espaciais dos novos fluxos de capital e padrões de consumo, SELDIN (2015) destaca a forte relação entre capitalismo e urbanização, uma relação antiga que hoje se fortalece cada vez mais. Para a SELDIN (2015), a urbanização sempre figurou como elemento relevante na absorção dos excedentes de capital, e esse aspecto segue com escala cada vez mais intensa em questões geográficas no mundo global.

De acordo com Leite e La Rocca (2010), a cidade pós-moderna tende a atravessar uma nova modalidade de transfiguração, necessitando de uma espécie de elaboração de uma “ontologia da atualidade”, isso permitiria lhe dar valor e sentido às constantes mudanças que atravessa. O desafio colocado, segundo Leite e La Rocca (2010), seria saber ver para tentar refletir com maior clareza sobre os diversos contextos que irão construir essa nova cena urbana,

seja do ponto de vista da materialidade, seja pela sensibilidade da experiência estética.

A cidade contemporânea, complexa e multifacetada, constrói-se através de lugares diversos, cujo caráter é determinado tanto pela qualidade da sua estrutura físico-espacial quanto pela experiência subjetiva que ele proporciona. As formas de apropriações dos espaços também são outros fatores que refletem na imagem do lugar, atualmente, incluem as práticas de consumo e, de maneira efêmera, das tribos urbanas (Leite e La Rocca,, 2010, p. 05).

Leite e La Rocca (2010), acreditam que a apropriação das tecnologias da informação e comunicação pelos sujeitos sociais, corroborou para o processo de redefinição dos lugares. Para Leite e La Rocca (2010), os usos das tecnologias digitais, por meios portáteis e contextos cada vez mais conectados, tendem a se combinar com as práticas de deslocamentos, o que nos instiga a pensar sobre os territórios e a necessidade dos espaços de conexão. Leite e La Rocca (2010), reforçam que se o território pode perder continuidade geográfica, caberá à cidade reencontrar a unidade, por meio das diferentes redes de deslocamentos e de telecomunicações.

De acordo com Sánchez (2010) a concretização do território da chamada “sociedade de consumo dirigido”, as cidades serão renovadas se transformando em centros de consumo privilegiado a ideia de um sentimento de felicidade oriunda do consumo e como forte relação com o urbanismo que será adaptado a uma nova lógica, soma-se a esse contexto as edificações dos centros de decisão, que irão concentrar os meios de poder, sejam eles da informação, operação, persuasão e organização. Sánchez (2010) ainda destaca que nesse processo de transformação do espaço em mercadoria, o chamado espaço abstrato, o espaço com valor de troca, vai se impor ao espaço concreto da vida dos sujeitos cotidianamente.

Para Sánchez (2010), partindo da legitimação das ideias políticas que irão fortalecer essa perspectiva de cidade vista e tratada como mercadoria, o “city marketing” vem sendo cada vez mais usado e sendo instrumento das políticas de urbanismo das cidades pelo mundo, em especial na América Latina, onde se localizam governos coalizões pró-crescimento, que priorizam em seus projetos de cidade os desejos e vontades de empresas e mercados.

Diante destas questões, podemos considerar que se por um lado muitos vão compreender, e ter acesso, às diversas possibilidades de produção e reprodução, para outros estão atravessadas por outras questões que vão além de um olhar teórico, uma vez que há um intenso desejo de insistir em existir. O movimento em curso no território da Meruoca nos instiga a refletir sobre aquele território e quais relações sociais estão sendo travadas ali, e como os processos comunicacionais serão ou não, importantes aliadas nesse processo. Compreender

melhor sobre como as políticas culturais estão colaborando para esse movimento, é um caminho necessário.

No próximo capítulo, trazemos uma reflexão teórica sobre essas questões que permitem avançar na compreensão sobre o fomento às políticas culturais, como forma de estimular a construção de processos comunicacionais que auxiliem a produção e projeção de outras perspectivas sobre o território, por meio da atuação de diversos coletivos.

3 O ESTUDO DAS POLÍTICAS CULTURAIS

O presente capítulo busca refletir teoricamente o conceito de políticas públicas, a fim de compreender como o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, do Município de Meruoca, tem se apropriado dos processos comunicacionais, oriundos de políticas públicas, para projetar suas lutas e o território.

Segundo Soares (2012), em Meruoca, as políticas públicas e as ações de iniciativa privada e da sociedade quanto ao turismo são tímidas e precisam de melhor atenção. Em Meruoca, objeto da investigação, as políticas públicas e as ações de iniciativa privada e da sociedade quanto ao turismo são incipientes.

No entanto, esse espaço de lazer e pretenso núcleo receptor apresentam motivos para preocupação com a questão ambiental frente ao potencial natural e social que possui. Daí o estudo considerar a capacidade ordenadora de ações sobre o território ocupado por famílias ricas sobralenses para o lazer e residentes que lutam pelo crescimento e desenvolvimento do lugar' (Soares, 2012, P. 19)

Nesse contexto, busca-se refletir sobre achados teóricos e possíveis avanços no que diz respeito aos investimentos e suporte prático das políticas culturais. Nosso ponto de partida é a compreensão de que a comunicação e a cultura, conforme compreendemos, são conceitos fundamentais para a construção de uma democracia, onde se estimule uma maior participação social, que colabora com a elaboração de diversas políticas públicas.

3.1 As políticas públicas: algumas reflexões necessárias

A conceituação das Políticas Públicas e Sociais serão objetos deste capítulo e serão vastamente apresentadas nas próximas linhas. Contudo, desde já é importante dizer que é compreendido como tomadas de decisões governamentais ou da sociedade civil, estruturadas por meio de dispositivos previstos em Lei, viabilizados ou não pelo poder público.

As políticas públicas são um campo complexo que envolve a formulação, implementação e avaliação de ações governamentais voltadas para o bem-estar social. Elas são motivadas por diversas teorias e práticas que variam conforme o contexto histórico, social e econômico. Nesse sentido, as políticas públicas podem ser compreendidas como um conjunto de decisões e ações do governo que visam resolver problemas coletivos e melhorar a qualidade

de vida dos cidadãos. São diversas teorias e achados científicos que explicam como as políticas públicas são formadas. Entre elas, destacam-se a Teoria dos Grupos de Interesse, que foca na participação de grupos organizados, e a Teoria da Escolha Racional, que analisa a tomada de decisão com base em custos e benefícios.

Nesse contexto, é possível dizer que o significado e a aplicação das políticas públicas podem mudar significativamente dependendo do contexto histórico e cultural. O que funciona em um país ou região pode não ser aplicável em outro, devido a diferenças sociais e políticas. Assim, a implementação eficaz das políticas públicas enfrenta desafios como falta de recursos, resistência política, e a necessidade de coordenação entre diferentes níveis de governo e setores da sociedade.

As políticas públicas são essenciais para a gestão eficaz de uma sociedade, pois ajudam a organizar e direcionar os esforços governamentais em prol do desenvolvimento social e econômico. Elas promovem a justiça social, a igualdade de oportunidades e o bem-estar geral da população. Compreender a teoria e a prática das políticas públicas é fundamental para qualquer pessoa interessada em ativismo, cidadania e o papel do governo na sociedade.

Nesse contexto, é oportuno dizer que os conceitos de Políticas Públicas, trabalhados por diversos autores, têm se revelado complexos, uma vez que podem ser elaborados a partir de diversos aspectos, conforme aponta Howlett; M Cconnell; Perl (2017). Contudo, sua compreensão está firmada na ação na sociedade.

É bem verdade que diversos estudiosos acreditam ser indispensável conceituar Políticas Públicas, como um processo sociocultural, com a finalidade de assegurar a organização de uma sociedade. Nesse contexto, segundo Weimer e Vinicng (2017), o conceito de Políticas Públicas pode se vincular a um conjunto de aspectos que norteiam a construção de leis, como o intuito de alcançar direitos à sociedade.

As Políticas Públicas, nesse contexto, vão ser entendidas como um conjunto de ações, planos, programas e metas, destinadas para dar respostas aos problemas que afetam uma sociedade e que são de interesse público, com foco no bem-estar da sociedade, conforme apontam Lopes, Amaral e Caldas (2008). Segundo os autores, a gestão das Políticas Públicas passa pela atuação do estado, que seria responsável por construir ações e projetos, por meio de programas de governo, dedicados a diferentes interesses e setores, vinculados às necessidades encontradas na sociedade.

Segundo Silva, Santos, Ávila (2013), será por meio da participação social, um dos caminhos para que se possam localizar as carências da sociedade e, assim, construir planos de ações que contenham atividades que poderão ser incorporadas, em diferentes segmentos, a

exemplo da saúde, educação, cultura, pelos governantes e seus gestores.

Segundo Marques (2013), ao se refletir sobre as teorias e reformulações sobre a análise das políticas públicas, aponta que, ao longo dos últimos 50 anos, seria possível observar diversos deslocamentos, que colaboram para diminuir a atuação da racionalidade e do processo de decisão na construção das políticas públicas. O que há, de acordo com Marques (2013) é uma escolha por se trabalhar e refletir sobre outras perspectivas, como por exemplo, o processo de implementação das políticas públicas.

Para Marques (2013), essas escolhas se dão em virtude da forte politização dos processos de construção das políticas públicas, compreendidas por estruturas complexas, ligadas por questões relacionadas à dinâmica do poder. Nesse contexto, trazer essa perspectiva mais politizada do processo, que permeia a compreensão do papel de todos os atores sociais em suas relações, se faz necessário.

Em 2003, vale destacar o elevado número de reflexões teóricas sobre a relação entre segmentos privados e de setores estatais no processo de construção das políticas públicas. Segundo o autor, há uma significativa variedade de estudos empíricos que buscam comprovar a incapacidade das escolhas tradicionais de se compreender os processos de intermediação de interesses, como o pluralismo, o corporativismo, o marxismo etc.

O que há, segundo Faria (2003), é um desejo de compreender a diversidade e a complexidade dos processos. Um processo que, segundo o autor, é marcado por relações não hierárquicas e por carência de informações, além de contar com a atuação de organizações não-governamentais e especialistas diversos.

Neste contexto, pode-se dizer que a definição de uma política pública pode estar vinculada a um determinado problema que foi localizado. É comum, segundo Kingdon (2003), a compreensão de que a relação entre a construção de uma política pública está vinculada à localização de um problema, em decorrência das complexas questões presentes na sociedade.

Segundo Souza (2006), Políticas Públicas pode ser compreendido como um campo de estudo que tem como objetivo analisar a ação de governos e avaliar essas ações para reafirmá-las e avaliá-las, para posterior adequação. Essas Políticas Públicas serão estruturadas, a priori, em planos de governos e plataformas eleitorais, com o interesse de propor mudanças e soluções para problemas sociais.

Souza (2006) aponta que as Políticas Públicas são construídas a partir de um ciclo deliberativo, formado por várias camadas e marcado por um processo de aprendizado e dinamismo, perspectiva diferente das que vinha sendo trabalhadas anteriormente, alinhadas a uma visão mais funcionalista e racionalista, focada em pautar um problema, desenvolver

determinada política, e avaliar sua ação na prática.

Souza (2006) aponta que as Políticas Públicas são construídas a partir de um ciclo deliberativo, formado por várias camadas e marcado por um processo de aprendizado e dinamismo. Esse ciclo envolve a interação entre diferentes atores sociais e governamentais, que colaboram para a formulação, implementação e avaliação das políticas.

Ainda segundo Souza (2006), este é o estágio inicial onde os problemas são reconhecidos e definidos. Os atores sociais, como cidadãos, ONGs e grupos de interesse, desempenham um papel importante na sinalização de questões que necessitam de intervenção governamental.

Após a identificação dos problemas, é necessário desenvolver estratégias e soluções. Nesse estágio, ocorrem debates e análises para criar propostas de políticas que sejam viáveis e eficazes. As propostas formuladas são submetidas a processos de deliberação e decisão, geralmente por parte das autoridades governamentais, como legisladores e executivos. Nesta fase, as políticas decididas são colocadas em prática. Isso pode envolver a criação de novos programas, a alocação de recursos e a coordenação entre diferentes órgãos governamentais. A eficácia das políticas é monitorada e avaliada. Esse estágio é crucial para identificar se os objetivos foram alcançados e quais melhorias podem ser feitas. Com base na avaliação, as políticas podem ser ajustadas ou reformuladas para melhor atender às necessidades da sociedade. Esse processo contínuo de aprendizado e adaptação é o que torna o ciclo de políticas públicas dinâmico ((Souza, 2006: 175p).

Souza (2006) ainda ressalta que o processo deliberativo dentro do ciclo de políticas públicas promove a participação democrática, permitindo que diferentes perspectivas sejam consideradas. Isso não apenas enriquece o debate, mas também aumenta a legitimidade e a aceitação das políticas implementadas.

A capacidade de aprender e se adaptar às mudanças sociais e econômicas são essenciais para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes e sustentáveis. Nesse contexto, por meio de um olhar sócio construtivista da ação do estado, é que se chega a uma lógica que agrega diversos agentes em prol de construir diversas ações públicas, de modo a compreender essa construção mais plural e permeada por processos mais complexos, conforme também afirma Lessard e Carpentier (2016).

Segundo Secchi (2016), Política Pública (policy) pode ser entendida como uma diretriz construída para viabilizar o enfrentamento de um problema público ou pode ser compreendida também como um programa governamental, composto por ações elaboradas de forma estruturante. Já para Ronald Doworkin (2002), destaca que a Política Pública como sendo uma

espécie de parâmetro para alcançar melhorias em algum aspecto social, seja ele político, social ou econômico.

As políticas públicas desempenham um papel fundamental na estruturação e no desenvolvimento de sociedades justas e equitativas. Segundo Ronald Dworkin (2002), as políticas públicas funcionam como parâmetros fundamentais na busca por melhorias em diversos aspectos da vida social, sejam eles políticos, sociais ou econômicos.

Para Ronald Dworkin (2002), as políticas públicas podem impulsionar o crescimento econômico ao promover a educação, inovação tecnológica e infraestrutura. Exemplos incluem incentivos fiscais para empresas que investem em pesquisa e desenvolvimento ou programas de capacitação profissional para trabalhadores.

No aspecto social, as políticas públicas são fundamentais na promoção da igualdade e na redução das desigualdades. Programas de assistência social, como o “Bolsa Família” no Brasil, são exemplos de políticas que visam melhorar a qualidade de vida das populações mais vulneráveis.

Ronald Dworkin (2002), também ressalta que as políticas públicas devem, idealmente, ser formuladas com a participação ativa dos cidadãos, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e que suas necessidades sejam atendidas de maneira eficaz. Isso reforça a democracia e a responsabilidade governamental. Já no contexto ambiental, são essenciais para a proteção do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável. Regulamentos sobre emissões de carbono e incentivos para o uso de energias renováveis são exemplos de como as políticas públicas podem abordar questões ambientais críticas.

A formulação e a implementação eficaz de políticas públicas são fundamentais para o avanço de qualquer sociedade. Elas não apenas promovem mudanças positivas, mas também servem como guias para a tomada de decisões governamentais que buscam atender às necessidades da população de maneira justa e equitativa, como destaca Ronald Dworkin (2002).

Nesse contexto, pode-se dizer que Políticas Públicas poder ser entendidas como diretrizes construídas não apenas por governos, mas por iniciativas privadas, organizações não-governamentais, órgãos multilaterais, agrupamento de políticas públicas, e diversos outros autores, desde que estejam empenhados na resolução de problemas que afetam a sociedade, conforme aponta Secchi (2016).

Barroso (2015) destaca que as Políticas Públicas podem ser compreendidas como instrumentos de efetivação dos direitos fundamentais. O autor reforça que, mesmo que o Poder Executivo tenha a responsabilidade de implementá-las, diversos outros sujeitos sociais e

políticos podem participar do processo de construção e efetivação das Políticas Públicas, seja no fomento, controle ou suporte formal ou material.

Para Barroso (2015), às Políticas Públicas podem ser compreendidas como instrumentos de efetivação dos direitos fundamentais. Elas são essenciais para assegurar que os direitos previstos na Constituição e em outros documentos legais se traduzam em realidades concretas para a população. As políticas públicas atuam como um elo entre os direitos teóricos e a prática cotidiana, garantindo que a cidadania seja exercida plenamente.

As políticas públicas têm o papel relevante de transformar os direitos fundamentais, como saúde, educação e segurança, em serviços acessíveis e de qualidade para todos os cidadãos, pontua Barroso (2015). Assim, ao focar em áreas e grupos socialmente vulneráveis, às políticas públicas promovem a equidade e a justiça social, buscando diminuir as desigualdades socioeconômicas, a partir da implementação de políticas públicas eficazes é essencial para o desenvolvimento sustentável, equilibrando o crescimento econômico com a proteção ambiental e a inclusão social. Desse modo, as políticas públicas bem elaboradas incentivam a participação ativa dos cidadãos nos processos decisórios, fortalecendo a democracia e a responsabilidade governamental.

Barroso (2015) destaca que os desafios são muitos. Para ele, a alocação de recursos financeiros e humanos é um desafio constante, exigindo planejamento cuidadoso e priorização das ações mais urgentes e impactantes. Barroso (2015) pontua que a complexidade dos problemas sociais muitas vezes requer a coordenação entre diferentes setores e níveis de governo, o que pode ser dificultado por burocracia e falta de comunicação.

Nesse contexto, para Barroso (2015), eficácia das políticas públicas depende de um processo contínuo de avaliação e ajuste, garantindo que as estratégias adotadas sejam realmente eficazes e atendam às necessidades da população. Esses elementos são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde os direitos fundamentais são não apenas reconhecidos, mas efetivamente vividos por todos.

3.2 O conceito de Cultura – Algumas reflexões importantes

O presente tópico tem como objetivo discutir questões vinculadas ao conceito de cultura na pós-modernidade, visando refletir a relevância deste tema na contemporaneidade, buscando ter elementos teóricos para compreendermos as ações desenvolvidas coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo e sua relação com questões culturais.

Nesse contexto, apresentamos algumas reflexões teóricas sobre os conceitos de cultura e políticas culturais, para nos ajudar na formulação de análises mais robustas sobre como o coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo tem acesso e como vem fazendo uso das políticas culturais para fortalecer suas lutas, dar maior visibilidade ao território e promover ações de comunicação mais conectadas com o avanço tecnológico e midiático.

Cultura é um conceito complexo e multifacetado que abrange as artes, tradições, valores, crenças e práticas que caracterizam uma sociedade. Ela é o conjunto de manifestações humanas que refletem o modo de vida de um grupo em particular. A cultura não é estática; ela evolui com o tempo, motivada por fatores históricos, sociais, econômicos e políticos.

Discutir o conceito de cultura é fundamental para o desenvolvimento de políticas culturais eficazes e inclusivas. Essas políticas são instrumentos importantes para a preservação do patrimônio cultural, a promoção da diversidade cultural, e o apoio às expressões artísticas e culturais.

A compreensão do conceito de cultura é essencial para identificar e valorizar o patrimônio cultural de uma comunidade. Isso envolve a proteção de monumentos históricos, tradições orais, festividades e outras expressões culturais que são ameaçadas pela globalização e modernização.

Reconhecer a cultura como um elemento dinâmico e diversos permite a formulação de políticas que promovem a inclusão e o respeito pelas diferenças culturais. Isso é fundamental em sociedades multiculturais, onde a convivência harmoniosa entre diferentes grupos é um desafio constante. Desse modo, podemos afirmar que políticas culturais bem construídas incentivam a criatividade e a inovação, proporcionando aos artistas e criadores oportunidades para desenvolverem seu potencial e contribuir para o desenvolvimento econômico e social.

A cultura desempenha um papel vital na formação da identidade coletiva e na promoção da coesão social. Políticas culturais que valorizam essa dimensão podem ajudar a construir uma sociedade mais coesa e resiliente. A discussão teórica sobre o conceito de cultura é um passo essencial para o avanço na reflexão e formulação de políticas culturais. Ao compreender a

complexidade e a importância da cultura, podemos desenvolver estratégias que não apenas preservam e promovem a herança cultural, mas também fomentam um ambiente onde a diversidade e a criatividade possam florescer.

Segundo Fonseca (2005), a discussão sobre o termo cultura sempre é motivo de acaloradas reflexões entre antropólogos, filósofos e sociólogos, e outros sujeitos que se dedicam em estudar sobre essa temática. Para Fonseca (2005), em sentido amplo, pode-se compreender a cultura como um conjunto de experiências dos seres humanos. Seria, então, nessa perspectiva, tudo que o homem elabora e o diferencia da natureza pode ser entendido como cultural. De acordo com Fonseca (2005), o termo tem se vinculado às ideias de cultivo, crescimento, e uma atenção para com esse processo.

É neste sentido que podemos entender o cultivo de produtos agrícolas e a educação formal visando a erudição. A pessoa culta seria aquela que adquiriu cultura mediante uma formação livresca e direcionada. Mas isso não define plenamente o termo. Se fosse assim, os povos ou comunidades cuja ação cotidiana não visa a erudição seriam destituídos de cultura. Neste caso, ela deve ser entendida também como produto da vida social e do trabalho humanos. Toda produção material e imaterial de uma sociedade num determinado momento histórico, do mais simples ao mais complexo objeto ou ideia, deve ser chamado de cultura. (Fonseca, 2005, p. 03).

Fonseca (2005), ainda reforça que as normas, as tradições, os valores, o cotidiano das pessoas, as obras de arte, os padrões de postura e comportamento, as ferramentas de trabalho, tudo que é construído e elaborado por meio da educação e que tem como resultado a criatividade dos sujeitos, pode ser compreendido como cultural. Nesse sentido, o autor reforça que o termo cultura estará associado ao modo de vida de uma sociedade.

Segundo Tilio (2009), o surgimento do conceito de cultura e seu impacto no contexto social e histórico estão associados às primeiras reflexões do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, que compreendia a cultura como algo relacionado à civilização, em uma perspectiva mais etnológica ampla. Seria desse modo, um conjunto mais complexo, composto por crenças, arte, moral, direito, conhecimento, e outras habilidades e hábitos que foram sendo incorporadas pelo homem pertencente a um grupo, a uma sociedade.

Para Tylor, a cultura é caracterizada por sua dimensão coletiva e expressa a totalidade da vida social do homem (CUCHE, 1999). Enquanto a palavra civilização refere-se a sociedades primitivas, a palavra cultura rompe com essa ideia. Apesar de ser uma concepção universalista, a conceituação de Tylor é válida por ser a primeira

tentativa de explicação da palavra cultura – condizente, aliás, com o seu momento sócio histórico. Além disso, mesmo hoje em dia, as tentativas de uniformidade ainda se fazem presentes, mesmo que por motivos meramente políticos. (Tilio, 2009, p. 38).

Segundo Fonseca (2005), a cultura é um termo derivado do Latim *Colere*, e significa proteger, cultivar, colonizar, honrar. Para o autor, a cultura será o lugar onde nos sentimos protegidos e cuidamos daquilo que acreditamos. Ou seja, onde moramos, crescemos, será o ambiente onde será construída nossa identidade, adquirimos sentimento de permanência. Essa definição ressalta a diversidade de significados e a profundidade que o termo carrega, abrangendo desde o cuidado e desenvolvimento de tradições e valores até a participação e organização social.

A compreensão do termo cultura é fundamental na elaboração de políticas culturais que sejam inclusivas e respeitadas às diversidades culturais. As políticas estar comprometidas com a incorporar uma ampla gama de expressões culturais, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas, em proteger e promover a continuidade das tradições e práticas culturais de maneira sustentável, e em envolver as comunidades locais no processo de criação e implementação de políticas culturais, garantindo que elas reflitam as necessidades e desejos dos grupos culturais.

Ao considerar esses aspectos, as políticas culturais podem se tornar ferramentas poderosas de desenvolvimento social, promovendo a coesão social e a valorização da diversidade cultural. Segundo Morgado (2014), a palavra cultura será compreendida de formas diferentes, em contextos diversos e assumirá sentidos distintos. Segundo a autora, no campo das ciências sociais, por exemplo, seria possível dizer que a cultura seria simbolizar o que é aprendido, ensinado e compartilhado pelos sujeitos de uma determinada sociedade, a qual faz parte e carrega consigo sua identidade.

Segundo Kramsch (1998), mesmo duas ou mais pessoas serem da mesma nacionalidade, isso seria apenas um elemento em comum entre elas, uma vez que seria necessário levar em consideração outras diferentes que permeiam suas vidas. Ou seja, segundo o autor, ainda que tenha a mesma nacionalidade, essas pessoas podem apresentar características distintas, suas regiões podem ser diferentes, seus hábitos, suas profissões etc. Nesse sentido, o autor reforça que o conceito de cultura é um conceito essencialmente plural.

Para Fonseca (2005), a cultura não é algo dado de forma gratuita, por ser um processo, um produto construído por eles seres humanos, e que, por conta disso, passa por diversas transformações, uma vez que é o processo pelo qual os sujeitos se formam e constroem suas

histórias. A partir dessa compreensão e entendo a cultura como resultado das interações dos sujeitos consigo mesmo e com o meio em que está inserido, não se pode falar de cultura no singular, mas no plural: Culturas.

De acordo com Fonseca (2005), quanto mais sociedades forem forjadas pelos homens, mas culturas poderão ser encontradas, uma vez que a cultura pode ser construída a partir da diversidade e da riqueza que permeia a produção humana. Nesse sentido, o autor ressalta que a cultura não é uma herança biológica, mas algo que se constitui a partir de procedimentos e necessidades de cada sociedade.

Não a adquirimos pela herança biológica, mas sim segundo os procedimentos e necessidades de cada sociedade. O que faz do homem um ser diverso e múltiplo, pois cada povo cria seus próprios padrões de comportamento. Por outro lado, as culturas são permeáveis, influenciam-se mutuamente, fazendo surgir processos de hibridação levando às transformações e modificações nos padrões de comportamento humano. (Fonseca, 2005, p. 05).

Para Geertz (1989) a cultura será compreendida como a própria existência dos sujeitos, que podem vistos como produtos de diversos agentes externos, em movimento contínuo, por meio do qual, vão dando sentido às suas práticas cotidianas, elaborado suas relações e seus comportamentos, produzindo sentidos e significados, nessa dinâmica.

Segundo Fonseca (2005), não há cultura pura, uma vez que não se pode manter-se isolada e sem contato com outras culturas. A globalização será um processo importante para que se observem cada vez mais os sujeitos tomando conhecimento da diversidade cultural, o que pode colocar em risco essa diversidade, já que forças econômicas e midiáticas tendem a estabelecer um único padrão de cultura, daquelas, geralmente, que detém maior poder econômico.

Para Hall (1997), a cultura, na compreensão da realidade e seus comportamentos, colabora para uma significativa expansão de todos os aspectos que permeiam esse contexto, desde a metade do século XX. Nesse sentido, Hall (1997) reafirma que a cultura tem um papel constitutivo que se materializa em diversos aspectos da vida social, na estruturação das subjetividades, na construção de identidades, e na formação de um sujeito como ator social.

Para Hall (1997), a cultura desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos e das sociedades, uma vez que ela se materializa em diversos aspectos da vida social, contribuindo para a estruturação das subjetividades, a construção de identidades e a formação de sujeitos como atores sociais. Será, desse modo, por meio dos valores, normas e práticas

culturais, que as pessoas desenvolvem suas percepções e entendimentos sobre o mundo. A cultura colabora, de algum modo, com a maneira como os indivíduos pensam, sentem e agem, moldando suas subjetividades. Este processo é contínuo e dinâmico, mudando conforme novas experiências culturais são incorporadas.

Hall (1997) afirma que a identidade de um indivíduo é, em grande parte, constituída pelas culturas às quais pertence ou com as quais interage. A cultura oferece um senso de pertencimento e diferenciação, permitindo que as pessoas se identifiquem com grupos sociais específicos e se distingam uns dos outros. Através de símbolos, tradições e narrativas, a cultura ajuda a definir "quem somos" em relação aos outros.

Podemos assim, afirmar que a cultura também prepara o indivíduo para participar ativamente na sociedade. Ao internalizar valores e normas culturais, as pessoas se tornam capazes de agir e interagir de maneira significativa dentro de seus contextos sociais. Como atores sociais, são capazes de fomentar outras possibilidades de compreensão de suas realidades, contribuindo para o desenvolvimento e a mudança social. A cultura é um elemento intrínseco da vida social, desempenhando um papel central na formação de indivíduos e comunidades. Ela não apenas molda como vemos o mundo, mas também como nos posicionamos e agimos nele.

Segundo Morgado (2014), muitas transformações foram ocorrendo ao longo da história, em todas as áreas do conhecimento. A cultura, compreendida como um processo dinâmico, foi sendo alterada de modo lento e gradual. A autora ressalta que esse movimento ocorre em virtude de a cultura não ser passível de alteração, e que esse contexto tende a causar alterações na essência da cultura. O que, sendo a autora, afeta a construção das identidades culturais de um coletivo, seus costumes e comportamentos. Desse modo, reforça-se que a cultura não pode se desenvolver individualmente, uma vez que é parte substancial da vida coletiva da sociedade.

Fonseca (2005) ressalta que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), preocupada em garantir a preservação da diversidade da cultural, a compreendendo como um valor fundamental para o desenvolvimento da sociedade e de seus sujeitos, vai elaborar um documento intitulado “Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural”, com foco em assegurar orientações voltados para a preservação da diversidade, da identidade e da pluralidade das manifestações culturais, reforçando ser um patrimônio comum da humanidade.

Nesse contexto, o documento também irá propor algumas orientações para preservação da cultura. Indicando Políticas culturais, direcionadas aos Estados Nacionais para fomentar ações que tenham como objetivo garantir uma livre circulação de ideias e de obras, por meio

de políticas públicas culturais que estimulem o desenvolvimento da cultura local e mundial. Ressalta-se a necessidade de se estabelecer um trabalho em parceria entre Estado, iniciativa privada e sociedade civil, como estratégia necessária para avançar no fortalecimento e na preservação da diversidade cultural.

Diante deste contexto, pode-se dizer que as Políticas Culturais são importantes instrumentos para preservação da cultura e sua diversidade, uma vez que pode assegurar o incentivo à produção dos setores que não detém recursos econômicos, e que pode colaborar com o fomento para construção de sujeitos consumidores de cultura, possibilitando um olhar plural para sua prática, seja vinculada ao entretenimento, e para as altas formas de expressões da criatividade de um povo.

3.3 Políticas Culturais - Incentivam a criatividade e a inovação

O município de Meruoca apresenta tímidos processos de elaboração e implementação de políticas culturais, conforme aponta Soares (2012) “Para tanto, o poder simbólico das relações transcende a cultura local, haja vista ainda não haver em Meruoca políticas públicas que priorize a atividade turística como motivadoras do crescimento e desenvolvimento econômico, social e cultural, havendo assim muitas vezes visão negativa do visitante com o lugar, parecendo cidade estagnada”, destaca o autor.

Ainda segundo Soares (2012), o turismo local apresenta tímidos investimentos, mesmo com forte apelo e grandes oportunidades, “O poder público é omissor com esses lugares, não os reconhece como possíveis fontes de renda para o Município. Portanto, há grande potencial turístico a ser descoberto, identificado, estudado, trabalhado e explorado em Meruoca” (Soares, 2012, p.100).

Segundo Lia Calabre (2007), a construção de Políticas Culturais no Brasil, voltada para uma maior atuação no segmento, por parte do Estado, só vai ter uma envergadura mais consistente, por volta do século XX. Essa questão também marca os estudos sobre tais políticas, algo que foi objeto de interesse de pesquisadores recentemente.

Lia Calabre (2007) reforça que será nas décadas de 1930 e 1940 que se encontrará números significativos de pesquisas que vão se debruçar na reflexão sobre o Estado e a cultura, sendo, na maioria das vezes, experiências que não estão dentro da perspectiva das Políticas Culturais.

Por volta de 1950 que a Política Cultural foi compreendida como uma meta global,

surgindo com maior intensidade no pós-guerra, em meados de 1950. Antes disso, segundo Lia Calabre (2007), o que se observava era uma tímida preocupação e fortes tensões entre os setores da política e a da cultura, sendo a institucionalização da política cultural algo recente.

Félix e Fernandes (2011) ressaltam que às Políticas Culturais podem compreendidas a partir das formulações realizadas pelo poder público, ou qualquer organização privada ou não-governamental, tendo como principal intenção o fomento e a promoção das práticas culturais na sociedade. Para as autoras, por ser um campo de estudo ainda pouco explorado, o conceito de Políticas Culturais apresenta certa limitação de pesquisas destinadas a sua reflexão teórica, o que pode ser justificado pela complexidade que existe em decorrência da estreita relação com os conceitos de Cultura e Política.

Para Canclini (2001), as políticas públicas estarão associadas a um número significativo de intervenções promovidas pelo Estado, sociedade civil organizada e diversos atores sociais, com o objetivo de estimular a promoção da cultura e as necessidades que a sociedade apresenta dentro deste contexto cultural. Desse contexto, as Políticas Culturais estão voltadas para a promoção da cultura, seja em sua produção e disseminação, buscando preservar o patrimônio cultural da sociedade. As Políticas Culturais serão responsáveis, assim, pelo fortalecimento e organização da cultura de um povo, compreendendo a diversidade e singularidade que permeia esse contexto.

Félix e Fernandes (2011) ressaltam que o debate em torno do conceito sobre Políticas Culturais está fortemente vinculado ao processo de condução dessas políticas e seus atores em desenvolver ações e estratégias que assegurem sua execução. Reforça a autora o reconhecimento de duas importantes categorias que estão envolvidas nesse contexto da cultura e que deveriam ser o foco do debate sobre as Políticas Culturais.

Seriam elas, segundo as autoras, perspectiva ligada à sociologia que traz o debate da Política Cultura com maior entusiasmo, refletindo sobre o mercado da cultura, seria a cultura formulada com o propósito de construir e alcançar sentidos e públicos, por meio de ferramentas estratégicas de expressão. Do ponto de vista da antropologia, a cultura vai estar associada ao cotidiano dos sujeitos, compreendendo os processos viabilizados pelos indivíduos, que os confere uma melhor convivência social e equilíbrio nas relações.

Para Félix; Fernandes (2011), há um grande desafio de reconhecer o seu aspecto público, o que dificulta a definição do conceito de Política Cultural, uma vez que, para além de uma perspectiva institucional do Estado, o que as ações ligadas às Políticas Culturais podem ser desenvolvidas por diversos agentes sociais, atuando também em rede, por exemplo.

Este é, particularmente, um alinhamento exigido pelas novas demandas sociais emergidas das constantes transformações culturais observadas na contemporaneidade. A transversalidade do campo cultural, apontado por Rubim (2006), que perpassa todas as áreas da vida social, tais como economia, comunicação, direito, comportamento, diversidade, política (trans) nacional, exige das políticas culturais uma articulação capaz de romper as fronteiras da dimensão sociológica da cultura. Pensando nas particularidades socioculturais do Brasil, os diversos agentes que interagem no campo cultural possuem muitos desafios na elaboração e na prática de políticas culturais. (Félix; Fernandes, 2011, p. 02).

De acordo com Félix; Fernandes (2011), às desigualdades encontradas no contexto brasileiro, marcado por particularidades em cada região, podem ser colocados como indicadores importantes para se refletir sobre a carência de políticas que assegurem o acesso aos bens culturais, que fomentem a convivência com a diversidade e a diferenças, que tenham um olhar mais especial para a pluralidade de manifestações culturais e sociais etc.

Nesse movimento, há diversas entidades nacionais e internacionais que buscam estabelecer debates sobre a promoção das políticas culturais. A Unesco, por exemplo, diz que, uma nação precisa assegurar em seus gastos públicos, pelo menos 1% de investimento/incentivo. A realidade do Brasil ainda é muito precária, segundo as autoras, neste setor, mesmo sendo uma nação com o nível de seu porte econômico. Ainda há ausência de investimentos mais robustos do campo do esporte, da tecnologia, do meio ambiente e da cultural, por exemplo.

O corte de verbas para pagamento de dívidas ou para equilibrar orçamentos sempre recai sobre essas áreas, indispensáveis ao processo de inovação e desenvolvimento socioeconômico. Enquanto isso, o país sofre com índices alarmantes de analfabetismo entre crianças e adultos; de concentração de renda, especialmente entre homens e brancos etc. Se a cultura continuar sendo tratada apenas como mais umas das obrigações de Estado ou deixada à mercê das lógicas do mercado, dificilmente esses índices deixarão de compor a estrutura sociocultural brasileira ou, pelo menos, amenizados pela articulação de agentes ligados à educação, economia, às artes e pertencentes a setores públicos e privados em prol de políticas culturais que acompanhem o caráter transversal da cultura. (Félix; Fernandes, 2011, p. 03).

3.4 Os Movimentos sociais e os coletivos - suas reinvenções

O presente tópico tem como objetivo trazer alguns achados teóricos e traçar um

panorama geral dos movimentos sociais da atualidade, a fim de nos auxiliar na reflexão sobre como as práticas desenvolvidas pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo dialogam com as premissas ligadas aos movimentos sociais. Desse modo, busca aferir a valiosa contribuição de diversos coletivos que, por meio de suas atividades de ativismo, colaboram com esse processo de definição dos movimentos sociais e dos coletivos.

Diante disso, é oportuno destacar que para Escóssia, L., & Tedesco, S. (2015), tem sido cada vez mais recorrente o uso do termo coletivo para se referir a perspectiva da vida cotidiana que está mais próxima da coletividade que das questões individuais, e que esse conceito vem sendo comumente sendo trabalhado pelo segmento da sociologia e da psicologia.

Segundo Machado (2007), existe uma diversidade de teorias e pesquisas que tratam de esclarecer sobre a construção e atuação dos coletivos sociais. Há, de acordo com o autor, uma dificuldade em compreender e estudar sobre os coletivos sociais devido a diversidade de perspectivas e metas que mobilizam esses sujeitos, e que são estabelecidas dentro de um contexto específico. Esses aspectos podem justificar a intensa produção teórica que tenta analisar esses fenômenos, marcada por profunda pluralidade de reflexões.

Nesse contexto, de acordo com Escóssia, L., & Tedesco, S. (2015), as ideias de coletivo, vão ser entrelaçadas as compreensões de Nação, Classe, Igreja, Família etc., o que traz uma perspectiva social sobre esse conceito, levando a reflexões sobre esse movimento sociais que são decorrentes da relação entre sujeitos e grupos sociais. Sendo assim, essa ideia de coletivo terá forte ligação com reflexões que trazem em seu bojo o debate sobre as possíveis diferenças entre as ideias de coletivo e o que é estabelecido para ser as ciências modernas e a divisão entre o campo do saber e os objetos.

Gaiger (2020) ressalta as motivações que podem levar ao interesse nessa organização em coletivos. Segundo o autor, será por meio de uma reflexão sobre sua realidade, sobre seu cotidiano, seu modo de viver, que os sujeitos irão, por meio de uma organização coletiva, buscar formas para resolver problemas sociais, localizados a partir destas reflexões sobre sua realidade. Esse mal-estar, aponta Gaiger (2020), associado ao sentimento de revolta, faz com que haja um movimento de levante popular, materializado por diversas mobilizações coletivas.

São eventos efêmeros, mas via de regra estão associados, como prelúdio ou desdobramento, a intentos práticos e utópicos (Bregman, 2018) de romper com a lógica individualista imperante, por meio de experiências significativas de engajamento, inspiradas no passado ou movidas pela imaginação criativa, assentes em laços juramentados entre pessoas que se mobilizam, estimulando novos envolvimentos. (Gaiger, 2020, p.08).

Machado (2007) destaca que essa compreensão sobre a ação coletiva pode ser tratada por meio de duas correntes importantes. Uma que irá se debruçar sobre entender essa organização a partir de uma perspectiva irracional do surgimento das massas, vinculando essa ação coletiva a um possível perigo a organização da sociedade. Essa corrente traz a compreensão de que a racionalidade, a cultura e a civilização fazem parte do contexto dos sujeitos. São as emoções dos indivíduos, motivada pela credulidade das massas, que faz surgir o desejo de se aproximar ao instinto de manada e ao comportamento coletivo.

Já a outra corrente, segundo Machado (2007), trata a organização em coletivos como uma característica própria da ação social, dando margem para tipos colaboração em assuntos e temas complexos, para alteração no contexto social e para movimentos revolucionários, conforme afirmam Marx, Durkheim e Weber

3.4.1 Coletivos, território e os processos comunicacionais contemporâneos

Neste tópico, buscaremos dar visibilidade às reflexões teóricas relativas às formas de ação coletiva nas periferias urbanas, pouco presentes nos estudos sobre participação no Brasil, com foco em iniciativas que tenham conexão com a comunicação. Sugere uma interpretação histórico-processual para compreensão de quem são esses atores e por que são críticos à interação com o Estado.

O tópico em questão também tem o propósito de refletir, a partir de achados teóricos, sobre as relações entre territórios simbólicos e a produção de vínculo, considerando a experiência de atuação de coletivos neste contexto

Faremos uma reflexão teórica sobre as formas de ação coletiva nas periferias urbanas brasileiras que frequentemente escapam ao foco dos estudos tradicionais sobre participação. Esses coletivos são cruciais para a mobilização social e política, mas muitas vezes permanecem invisíveis na grande mídia e na academia. Eles representam uma força vital de resistência e inovação, promovendo mudanças significativas em suas comunidades.

Como já destacado, para compreender a complexidade e a dinâmica dessas ações coletivas, é essencial adotar uma abordagem histórico-processual, uma vez que essa perspectiva permite um entendimento mais profundo sobre a formação desses grupos, suas motivações e os contextos históricos que moldaram suas trajetórias. Reconhecendo suas raízes históricas, podemos apreciar melhor suas críticas ao status quo e suas reservas em relação à interação com o Estado.

Muitos desses atores são críticos em relação à interação com o Estado, devido a uma história de marginalização e falta de representatividade. Essa desconfiança não é infundada; é resultado de uma longa trajetória de políticas públicas que muitas vezes ignoraram ou prejudicaram as comunidades periféricas. O ativismo emergente dessas áreas busca autonomia e transformação social, promovendo uma nova forma de engajamento que desafia estruturas tradicionais de poder.

Nesse contexto, para Guattari, (1992) os coletivos sociais são espaços vibrantes de sociabilidade e atuação política. Dentro desses grupos, indivíduos se reúnem para explorar e expressar suas identidades, interesses e preocupações comuns. Esses coletivos não só promovem a troca de ideias, mas também criam modos de vida que refletem a complexidade das relações sociais contemporâneas.

É possível dizer, segundo Guattari, (1992), que os coletivos sociais frequentemente operam em múltiplas escalas, engajando-se tanto em questões locais quanto em movimentos globais. Isso permite que eles atuem como pontes entre diferentes comunidades e contextos, ampliando o impacto de suas ações. Dentro dos coletivos, há um reconhecimento e valorização da diversidade cultural. Esses espaços promovem a inclusão, incentivando a participação de diferentes grupos étnicos, raciais e socioeconômicos, assim como de diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

Para Escóssia, L. D., & Kastrup, V. (2005, p. 01) “O conceito de coletivo tem sido frequentemente utilizado, seja no âmbito da psicologia, seja no âmbito da sociologia, para designar uma dimensão da realidade que se opõe a uma dimensão individual. Entendido desta maneira, o coletivo se confunde com o social, sendo representado através de categorias como Estado, Família, Igreja, Comunidades, Povo, Nação, Massa ou Classe e investigado no que diz respeito à dinâmica de interações individuais ou grupais”.

A expressão criativa é uma característica central dos coletivos sociais. Seja por meio da arte, música, teatro ou literatura, esses grupos utilizam a criatividade como uma forma de resistência e afirmação identitária. O uso de tecnologias digitais, por exemplo, é essencial para a organização e a comunicação dentro e fora dos coletivos. Plataformas online possibilitam a ampliação do alcance das suas mensagens e a coordenação de ações conjuntas de forma ágil e eficaz.

Desse modo, segundo Escóssia, L. D., & Kastrup, V. (2005), os coletivos sociais têm um papel relevante na promoção de mudanças sociais. Ao desafiar estruturas de poder estabelecidas e propor alternativas, eles ajudam a construir uma sociedade mais justa e

equitativa. Por meio de suas atividades, os coletivos não apenas expõem injustiças, mas também criam espaços de esperança e transformação.

Os coletivos exercem um papel fundamental na sociedade contemporânea, promovendo autonomia e participação democrática em suas ações e decisões. De acordo com Montoya (2010), esses movimentos sociais se destacam por sua estrutura organizacional única e pela forma como se desenvolvem dentro dos contextos sociais.

Os coletivos são formados por grupos de indivíduos que compartilham uma base cultural e objetivos semelhantes. Essa coesão cultural é essencial para a formação de uma identidade coletiva forte. Em contraste com estruturas tradicionais, os coletivos evitam hierarquias rígidas. Isso permite que cada membro tenha voz e se posicione igualmente nas decisões, promovendo um ambiente de colaboração e igualdade. Os coletivos favorecem a auto-organização e a gestão horizontal, onde não há líderes fixos, mas sim uma distribuição equitativa de responsabilidades e poder de decisão.

Os coletivos têm se mostrado eficazes na promoção de mudanças sociais significativas. Por meio de ações coordenadas e focadas, eles conseguem se articular e se agrupar por causas comuns, aumentando a conscientização e o engajamento da comunidade, lutam por políticas públicas que reflitam as necessidades e aspirações da população que representam, e criam novas formas de interação e resolução de problemas comunitários, com o suporte tecnológico, por exemplo.

Os coletivos, desse modo, representam uma forma dinâmica e eficaz de organização social que desafia estruturas tradicionais, promovendo a interação coletiva e a ação coordenada em prol de objetivos comuns.

Peralva et al. (2016) traça um panorama abrangente dos movimentos no Brasil, investigando a estrutura e a composição dos grupos ativistas. O estudo analisa as diferentes modalidades de intervenção que esses grupos adotam, bem como sua participação ativa e crescente no debate público. Nesse contexto, podemos constatar que os movimentos sociais no Brasil são caracterizados por uma variedade de formas e estruturas. Alguns são altamente organizados, com hierarquias definidas e estratégias bem planejadas, enquanto outros são mais horizontais e espontâneos, refletindo a diversidade de causas e contextos em que atuam.

Os grupos adotam diferentes abordagens para promover suas causas, que incluem desde manifestações de rua e ocupações até a utilização de plataformas digitais para engajamento e mobilização. Essa diversidade de táticas permite que os movimentos alcancem um público mais amplo e exerçam participação em múltiplas frentes.

A participação no debate público é uma característica central desses movimentos. Com o advento das mídias sociais e o aumento do acesso à internet, os grupos têm encontrado novas maneiras de interferir na opinião pública e pressionar por mudanças políticas e sociais. Essa presença digital não só amplia a visibilidade das causas, mas também facilita a organização e coordenação de ações coletivas em uma escala sem precedentes.

Essas transformações no cenário dos movimentos sociais refletem uma sociedade em constante evolução, onde a comunicação e o ativismo se entrelaçam para moldar o futuro das lutas urbanas no Brasil.

Peralva et al. (2016) ressalta que as transformações nos meios de comunicação, especialmente o maior acesso às mídias sociais, desempenharam um papel relevante na consolidação dos movimentos sociais urbanos no Brasil. As mídias sociais não apenas ampliaram o alcance das mensagens dos grupos ativistas, mas também proporcionaram novas oportunidades de mobilização e engajamento.

As plataformas digitais tornaram-se acessíveis a um público mais amplo, permitindo que pessoas de diferentes regiões e contextos sociais participem ativamente das discussões e ações coletivas. Nesse contexto, as mídias sociais passam a oferecer uma vitrine global para as causas sociais, permitindo que mensagens de impacto e apelo ganhem visibilidade rapidamente, transcendendo fronteiras geográficas.

A partir desse avanço tecnológico, nota-se uma organização de eventos e protestos facilitada pela comunicação instantânea e pela capacidade de coordenar ações através de grupos e páginas dedicadas nas redes sociais. A natureza interativa das plataformas digitais incentiva o diálogo e a participação ativa, promovendo a construção de comunidades que compartilham interesses e objetivos comuns.

Apesar dos benefícios, o uso das mídias sociais não está isento de desafios. A disseminação de informações falsas, a polarização de opiniões e a vigilância digital são questões que os movimentos sociais precisam enfrentar. Além disso, é necessário um equilíbrio entre a presença online e a ação *offline* para garantir que os esforços de mobilização resultem em mudanças concretas. As mudanças nos meios de comunicação e o crescente papel das mídias sociais continuam a moldar o cenário dos movimentos sociais, oferecendo novas maneiras de engajar, motivar e promover transformações sociais significativas.

Na comunicação em tempo real, para além da mera troca de informações, há um profundo compartilhamento de experiências e situações vividas, dentro de uma conjuntura emocional coletiva. Este fenômeno é destacado por Castells (2013), que observa como essa nova estrutura de comunicação possibilita o compartilhamento de significados de maneira

inovadora e abrangente. Essa dinâmica é uma característica fundamental para a ampliação da democracia e da autonomia da sociedade moderna.

A comunicação em tempo real facilita a democratização da informação, permitindo que vozes antes marginalizadas sejam ouvidas e que a diversidade de perspectivas seja incorporada ao discurso público. Ao permitir que grupos e indivíduos compartilhem suas experiências e lutem por suas causas, essa forma de comunicação fortalece a participação cívica e a deliberação democrática.

Além disso, a comunicação instantânea promove uma maior autonomia social. As pessoas agora têm a capacidade de se conectar diretamente, formar redes e mobilizar ações coletivas de maneira mais eficaz. Essa conectividade não só fortalece os laços sociais, mas também capacita os indivíduos a atuarem ativamente nas mudanças sociais e políticas significativas.

A dinâmica emocional presente na comunicação em tempo real não deve ser subestimada. A partilha de emoções e experiências vividas cria um senso de comunidade e solidariedade entre os participantes, fortalecendo ainda mais os movimentos sociais e as iniciativas de ativismo. A comunicação em tempo real representa uma ferramenta poderosa para a transformação social, promovendo uma democracia mais inclusiva e uma sociedade mais autônoma.

A formação de perfis e coletivos em redes digitais desempenha um papel importante na criação de veículos para a troca de valores e perspectivas. Essas redes não apenas promovem uma comunicação mais eficaz entre os envolvidos, mas também fortalecem o sentido de comunidade e solidariedade, proporcionando um espaço onde indivíduos podem compartilhar suas experiências e desafios, facilitando um diálogo aberto e inclusivo.

Nesse contexto, ao reunir pessoas de diferentes contextos, as redes enriquecem a discussão com uma variedade de pontos de vista, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva. Desse modo, é possível dizer que redes bem estruturadas podem impulsionar movimentos sociais, promovendo a conscientização e a ação coordenada em prol de mudanças positivas.

Ao unir forças, os membros de uma rede podem exercer uma atuação maior, defendendo interesses comuns e promovendo justiça social, além de assegurar uma troca constante de ideias e experiências dentro das redes que pode levar ao desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas sociais complexos.

Desse modo, por meio destas ações, as redes e outras formas de se produzir e compartilhar conteúdos na rede, por meio do avanço tecnológico, se estabelecem como espaços

vitais para a transformação social, promovendo a inclusão, o diálogo, a ação coletiva, fortalecendo o território e a identidade local.

Nesse contexto, conforme argumentado por Police (2010), a relação entre território e identidade é caracterizada como dialógica. Isso implica que há um diálogo constante entre a identidade territorial e o processo de territorialização. A identidade territorial desempenha um papel importante na maneira como os grupos humanos se apropriam e atribuem significados aos espaços que habitam, orientando assim o processo de territorialização.

A identidade territorial refere-se à maneira como uma comunidade ou grupo social se reconhece e se define em relação ao seu espaço geográfico. Esta identidade é construída ao longo do tempo, através de interações sociais, culturais e históricas que conferem ao território um caráter único e distintivo, segundo Police (2010).

Ainda segundo Police (2010), o processo de territorialização é a manifestação concreta da identidade territorial. Envolve a organização do espaço físico de acordo com as necessidades, valores e crenças da comunidade, reforçando assim a conexão emocional e simbólica dos indivíduos com o seu território.

O aspecto dialógico dessa relação sugere que, ao mesmo tempo em que a identidade territorial orienta a territorialização, o processo de territorialização também fortalece e reitera a identidade da comunidade com o espaço vivido. Este ciclo contínuo sustenta uma ligação profunda entre as pessoas e o lugar, colaborando para a forma como se percebem e como interagem com o seu ambiente.

Assim, segundo Police (2010, p. 9) “O território de fato é interpretado como fonte de criação dos valores, que pode ser alimentada somente ligando mecanismos de identificação dos atores locais. O território, entendido como espaço de pertença, torna-se assim um produto afetivo [77//], social, simbólico, a partir do qual se constroem, as identidades locais retrospectivas e prospectivas”.

Para Guattari (2005), a territorialidade refere-se à construção de espaços onde os indivíduos ou grupos se sentem pertencentes e identificados. É a base onde se constroem identidades, relações sociais e culturais. Esses territórios não são apenas físicos, mas também simbólicos, englobando valores e significados compartilhados. A territorialidade é um processo contínuo de afirmação e estabelecimento de um lugar seguro e reconhecível.

A desterritorialização é o movimento em que esses territórios estabelecidos são desestabilizados ou transformados. Isso pode ocorrer devido a fatores externos, como mudanças econômicas, políticas ou sociais, que forçam os indivíduos ou grupos a se deslocarem ou a

reconfigurarem suas identidades e pertencas. Este processo pode ser desafiador, pois envolve a perda de referências e segurança, conforme pontua Guattari (2005),

Por outro lado, a reterritorialização é o processo de reconstrução e adaptação a novos contextos, onde novas identidades e territórios são formados. É uma resposta à desterritorialização, onde os indivíduos ou grupos buscam criar ou encontrar novos espaços de pertencimento e significado. Este movimento ressalta, segundo Guattari (2005), a capacidade de adaptação e resistência das comunidades ao se reformularem em novos cenários. Para Guattari (2005), esses três movimentos são dinâmicos e interligados, refletindo a complexidade das interações humanas com seus ambientes. Eles são fundamentais para entender como as sociedades se organizam e evoluem diante de mudanças e desafios constantes.

De acordo com Guattari (2005), o conceito de território vai além de uma simples delimitação geográfica; ele envolve uma dimensão simbólica e cultural que se conecta aos indivíduos e suas experiências. Este espaço pode ser tanto material quanto imaterial, proporcionando um sentimento de pertencimento e identidade para aqueles que o habitam ou se relacionam com ele.

O território, entendido como um espaço vivido, é aquele no qual as pessoas desenvolvem suas atividades cotidianas e constroem suas histórias. É o lugar onde a vida se desenrola, e onde as interações sociais, culturais e econômicas acontecem. Esse espaço é permeado por relações de poder, influências culturais e fluxos de comunicação que moldam a percepção dos indivíduos sobre o mundo ao seu redor.

Para Guattari (2005), além do aspecto físico, o território é carregado de significados simbólicos. Pode ser um espaço no qual tradições são mantidas e identidades são afirmadas. Este aspecto intangível do território permite que ele seja interpretado como um sistema no qual o sujeito se sente em "casa", mesmo que tal espaço não seja fisicamente habitado no sentido tradicional.

O território não é apenas o lugar onde se mora, se trabalha ou se cumprem obrigações ordinárias, mas também é dado a partir destas camadas de associações afetivas, significados e subjetividades que desenvolvemos ao se fazer presente neste espaço, seja em conjunto ou individualmente.

O território é tecido com lembranças e emoções que criam um vínculo pessoal entre o indivíduo e o espaço. Esses laços afetivos podem transformar um simples lugar em um lar, onde cada canto conta uma história e cada rua guarda uma lembrança. Os territórios carregam significados culturais que moldam a identidade de seus habitantes. Festas locais, tradições e

símbolos culturais são integrados ao espaço, reforçando o sentimento de pertencimento e continuidade cultural.

A maneira como cada pessoa percebe e interage com o território é única, motivadas por experiências pessoais, histórias de vida e interações sociais. Essa subjetividade contribui para a construção da identidade individual e coletiva dentro do espaço.

Como Maffesoli (1996) destaca, a dimensão simbólica do território é de grande relevância na sociedade contemporânea. A vivência comunitária, que outrora era fortemente ligada a laços de vizinhança e proximidade geográfica, hoje transcende essas barreiras físicas.

Atualmente, segundo Maffesoli (1996), os indivíduos se conectam por meio de redes de solidariedade que não se prendem a limites territoriais. Essas redes são formadas por pessoas que compartilham objetivos comuns e se apoiam mutuamente em suas jornadas, independentemente de onde estejam localizadas.

A afinidade entre pessoas é outro fator importante na formação de comunidades simbólicas. Seja por interesses culturais, hobbies ou causas sociais, as pessoas se unem baseadas em interesses comuns, criando laços que são, muitas vezes, mais fortes do que aqueles formados apenas pela proximidade física, aponta Maffesoli (1996).

Os momentos partilhados também desempenham um papel importante na construção dessas novas comunidades. Eventos, sejam presenciais ou virtuais, criam espaços para interação e troca de experiências, fortalecendo os vínculos entre os participantes. Para Maffesoli (1996), essas novas formas de vivência comunitária mostram que o território, no sentido simbólico, vai além das fronteiras físicas, englobando emoções, experiências e conexões pessoais que definem a identidade coletiva.

Além das dimensões afetivas e culturais, o território também pode ser um espaço de resistência e ativismo. Comunidades se organizam para defender seus direitos, preservar suas culturas e lutar contra injustiças sociais e ambientais. Assim, o território torna-se um palco de ação coletiva e transformação social.

Na visão do autor francês, Maffesoli (1996), as transformações sociais e as transmutações das instituições ocorrem a partir das relações que se desenvolvem no cotidiano e na base da sociedade. É nesse contexto que práticas comunitárias são colocadas em curso, moldando a identidade coletiva e a memória de um povo.

Para Maffesoli (1996), os hábitos e ritos cotidianos desempenham um papel relevante na fundação da memória coletiva. Através dessas práticas diárias, as comunidades desenvolvem uma narrativa comum que fortalece a coesão social. Esses elementos simbólicos do território

são essenciais para a identificação e o sentido de pertencimento dos indivíduos ao seu grupo social.

A memória coletiva é um alicerce fundamental na construção do território simbólico. Ela é alimentada pelas experiências compartilhadas e pelas tradições culturais que são passadas de geração em geração. Dessa forma, segundo Maffesoli (1996), o território não é apenas um espaço físico, mas também um espaço carregado de significados e histórias que unem seus habitantes.

Maffesoli (1996) defende que a identificação com o território e a comunidade é reforçada pelas interações diárias que acontecem nesses espaços. Essas interações criam laços sociais que são essenciais para o fortalecimento das instituições e para a promoção de mudanças sociais. Assim, o território torna-se um espaço de resistência e transformação, onde novas formas de ativismo e comunicação podem emergir

Ativistas se mobilizam para proteger florestas, rios e outros recursos naturais ameaçados por projetos de desenvolvimento insustentáveis. Comunidades se unem para garantir o direito à terra e moradia digna, enfrentando despejos forçados e especulação imobiliária. Grupos locais trabalham para manter vivas suas tradições e práticas culturais, resistindo à homogeneização cultural imposta por forças externas.

Nesse contexto, o território é um conceito rico e multifacetado, que vai muito além de suas características físicas. É um espaço carregado de significados, moldado pelas relações humanas e pelas lutas sociais, refletindo a complexidade das vivências e interações que ali ocorrem.

Na era digital, o conceito de território se expande ainda mais, incorporando espaços virtuais onde interações ocorrem e comunidades se formam, segundo Para Guattari (2005). A comunicação online cria novos territórios imateriais que são igualmente significativos para a construção de identidades e para o ativismo social. A compreensão do território como um espaço dinâmico e multifacetado é essencial para analisar questões contemporâneas de ativismo e comunicação, onde o local e o global se entrelaçam de maneiras cada vez mais complexas.

Diante deste contexto, torna-se fundamental, partindo deste aparato teórico, avaliarmos quais práticas comunicacionais, em curso nas atividades do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo contribuem para a revalorização do território, ao potencializar e representar algumas das relações sociais que permeiam o município de Meruoca, por meio das suas práticas comunicacionais, que dialogam com o avanço tecnológico em curso na contemporaneidade.

3.4.2 Coletivos, comunicação e ativismo: avanços e dilemas

Pretende discutir, no presente tópico, os usos das tecnologias como formas e estratégias de mobilização social no contexto contemporâneo, tendo como plano de fundo os processos tecnológicos em curso no coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, a fim de compreender como esses processos colaboram para novas formas de resistência cultural na atualidade.

Nos últimos anos, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) transformaram significativamente a organização e mobilização social de movimentos contestatórios. A conectividade global e o acesso instantâneo à informação proporcionados por essas tecnologias têm desencadeado novas dinâmicas e estratégias de engajamento social. As TICs permitem que movimentos locais ganhem atenção internacional rapidamente, ampliando assim a visibilidade de causas sociais que, de outra forma, poderiam permanecer desconhecidas.

As plataformas digitais têm, cada vez mais, oferecido meios para a organização de movimentos sem a necessidade de uma estrutura hierárquica rígida. Isso facilita a rápida mobilização de pessoas em torno de um objetivo comum. Nesse sentido, a internet proporciona um espaço onde diferentes narrativas podem emergir, desafiando os discursos predominantes e promovendo uma maior diversidade de vozes nos debates públicos. O coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por exemplo, tem feito uso de tais ferramentas para garantir maior visibilidade em suas ações.

Ferramentas como redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas colaborativas ajudam na coordenação e planejamento de ações coletivas, tornando a comunicação mais eficiente. Assim, as TICs seguem permitindo a formação de comunidades virtuais baseadas em interesses e causas comuns, fortalecendo laços sociais e criando uma sensação de pertencimento entre os participantes.

Contudo, é importante destacar que apesar das vantagens, as TICs também apresentam desafios, como a disseminação de desinformação e a vigilância digital. No entanto, as oportunidades de empoderamento social e transformação política continuam a crescer à medida que mais pessoas utilizam essas tecnologias para promover mudanças sociais significativas.

O objetivo deste tópico é analisar a literatura brasileira que aborda o tema das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) a partir da perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais. Este movimento visa compreender como as TICs têm sido utilizadas por movimentos sociais no Brasil para a mobilização, organização e amplificação de suas vozes e causas.

Para Castells (1999), o desenvolvimento e a difusão massiva de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), com destaque para a Internet e a telefonia móvel, vêm produzindo mudanças significativas em praticamente todas as esferas da vida nas sociedades contemporâneas. Estas tecnologias têm transformado a maneira como nos comunicamos, trabalhamos, aprendemos e nos conectamos com o mundo ao nosso redor.

As TICs revolucionaram a comunicação humana, tornando-a mais rápida e acessível. Segundo Castells (1999), a Internet, em particular, permite que as pessoas se conectem instantaneamente, independentemente de sua localização geográfica. As redes sociais e as plataformas de mensagens instantâneas tornaram-se meios fundamentais para a interação social, permitindo a troca de informações e o compartilhamento de experiências em tempo real.

Segundo Ruskowski, Bianca de Oliveira (2020), é possível comprovar uma estreita ligação entre movimentos massivos de luta por direitos e as TICs. “A forte conexão estabelecida entre protestos massivos observados em diversos países no início dos anos 2010 (Tunísia, Egito, EUA, Chile, Espanha, Turquia, Brasil, entre outros) e o uso das TICs direcionou muitos esforços de pesquisa para identificação e análise das mudanças nos processos de organização e/ou mobilização social contestatória relacionadas à incorporação das TICs. No caso brasileiro, especificamente, o ciclo de protestos de 2013 constituiu um marco importante para a colocação do tema das TICs no centro das agendas de pesquisa dos estudos sobre ativismo e movimentos sociais no país” (RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira, 2020, p.21).

Para Gregolin, M. V. (2012), a produção cultural contemporânea, seja no espaço público ou no âmbito privado, passou por profundas transformações derivadas do desenvolvimento das tecnologias digitais. Distribuídos em suportes cada vez mais rápidos, os produtos culturais chegam à completa desmaterialização digital atual como resultado do desenvolvimento de um amplo conjunto de tecnologias portáteis que permitem novas formas de consumo em mobilidade.

Com a digitalização, livros, músicas, filmes e outras formas de arte e diversas outras formas de comunicação podem ser acessadas sem a necessidade de um suporte físico. Segundo Gregolin, M. V. (2012), isso facilita a distribuição e o acesso global à informação. Smartphones, *tablets* e outros dispositivos portáteis permitem que os consumidores acessem e produzam conteúdos em qualquer lugar e a qualquer momento, promovendo um estilo de vida mais dinâmico e flexível. As plataformas digitais permitem que o público interaja com os produtores de conteúdo, participe de discussões e até co-crie produtos culturais, transformando a experiência de consumo em uma via de mão dupla.

Desse modo, para Gregolin, M. V. (2012), a internet e as ferramentas de comunicação, a partir do avanço tecnológico, possibilitam que mais pessoas produzam e tenham acesso a uma vasta gama de conteúdos culturais, independentemente de sua localização geográfica ou condição socioeconômica. As transformações na produção cultural contemporânea não apenas redefinem como consumimos cultura, mas também como nos relacionamos com o espaço e o tempo, criando novas dimensões simbólicas no território digital.

Segundo Gregolin, M. V. (2012), o ativismo no sistema midiático atual é um fenômeno complexo que se beneficia das estruturas multiplataforma modernas. Este modelo permite que a produção e o compartilhamento de conteúdo ocorram de maneira mais dinâmica e interativa, conectando indivíduos e grupos em torno de causas comuns. A estrutura multiplataforma, para Gregolin, M. V. (2012), refere-se à capacidade de utilizar diferentes meios de comunicação, como redes sociais, blogs, vídeos e *podcasts*, para disseminar informações e mobilizar pessoas. Essa diversidade de canais potencializa o alcance e a eficácia das mensagens ativistas, facilitando a construção de narrativas convincentes e envolventes.

Gregolin, M. V. (2012), ressalta que vivemos em uma sociedade cada vez mais conectada, onde as barreiras geográficas e culturais são superadas pela tecnologia. Isso cria um ambiente propício para o surgimento de comunidades globais unidas por interesses e objetivos compartilhados. A conectividade permite que indivíduos de diferentes partes do mundo colaborem e se organizem em prol de mudanças sociais significativas. O ativismo mediado por tecnologias digitais abre novos caminhos para o diálogo.

As plataformas digitais oferecem espaços onde vozes diversas podem ser ouvidas, promovendo a troca de ideias e a construção coletiva de soluções. Isso desafia as narrativas tradicionais e impulsiona o debate público, incentivando uma participação mais democrática e inclusiva.

O engajamento no ativismo contemporâneo vai além do simples compartilhamento de informações. Ele envolve a mobilização para a ação concreta, seja através de protestos, campanhas de conscientização, ou outras formas de intervenção social. As plataformas digitais não apenas facilitam a organização dessas ações, mas também ajudam a medir seu impacto e alcance, criando um ciclo contínuo de retroalimentação e melhoria, algo já previsto por Barbeiro (1999).

Nesse contexto, o ativismo no sistema midiático atual é uma força poderosa que se aproveita da conectividade e das tecnologias digitais para fomentar o diálogo e promover a ação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

No livro *Cultura da Convergência* (2008), Henry Jenkins explora as transformações significativas no campo da comunicação. Ele introduz o conceito de convergência para explicar como essas mudanças estão moldando a cultura comunicacional contemporânea. Jenkins (2008), argumenta que a multiplicidade se refere à coexistência de várias formas de mídia e plataformas, permitindo que o conteúdo flua entre diferentes canais. Essa característica proporciona aos usuários a capacidade de acessar informações de maneiras diversificadas, enriquecendo a experiência comunicativa e ampliando as perspectivas culturais.

Nesse sentido, Jenkins (2008), enfatiza a sociedade participativa, onde os consumidores de mídia não são mais apenas receptores passivos, mas também criadores ativos de conteúdo. Essa transformação é impulsionada pela democratização das ferramentas de produção e publicação, permitindo que mais vozes sejam ouvidas e que as audiências participem ativamente no processo de construção de significados.

Sobre o avanço nas ferramentas de comunicação, a partir do avanço tecnológico Gregolin, M. V. (2012), ressalta:

Enquanto ferramentas de apoio a diferentes formas de ações sociais, os celulares extrapolam suas funções clássicas enquanto telefones, o que significa que eles ultrapassaram a tecnologia de voz voltada para comunicação a distância e desempenham, hoje, funções que envolvem a tecnologia de acesso a dados e, portanto, de mediatização. Assim, os recursos alocativos que permitem o rastreamento, as câmeras de áudio e vídeo e o registro de situações extremas, a possibilidade de acesso à internet para compartilhamento de conteúdo tem sido importante potencializadores em mobilizações sociais (Gregolin, M. V., 2012, p. 13).

O uso de ferramentas comunicacionais mais avançadas pelos coletivos contemporâneos, podem fomentar ainda mais ativismo transmídia representando uma revolução nas formas de monitoramento, estabelecendo um sistema de *contra-vigilância* que combina elementos de libertação e vigilância. Este movimento é um resultado direto da mobilidade dos dispositivos móveis, que transformou a maneira como os acontecimentos são documentados e compartilhados.

Ao contrário do passado, onde o monitoramento de eventos era uma exclusividade daqueles no poder, hoje, inúmeras pessoas, dispersas em diversas posições sociais, têm a capacidade de capturar e transmitir informações. Este sistema de contra-vigilância permite que cidadãos, organizados em coletivos ou não, participem ativamente do processo de

documentação e disseminação de informações, equilibrando o poder entre o monitoramento tradicional e a nova vigilância cidadã.

Nesse sentido, é importante destacar que o ativismo transmídia, vem sendo impulsionado pelo avanço tecnológico, que tem redefinindo a dinâmica de poder na sociedade moderna, oferecendo novas oportunidades para a participação cívica enquanto impõe novos desafios que precisam ser abordados, é a partir deste contexto que nossa pesquisa se apresenta com relevante, uma vez que propõe o debate sobre como os coletivos contemporâneos vem atuando dentro desta lógica transmídia, projetando suas lutas, potencializando seus territórios e os sujeitos que constroem o cotidiano e as relações afetivas com destes lugares.

3.4.3 O documentário como ferramenta para construção de memórias

O propósito deste subtópico é delinear algumas bases essenciais para compreendermos o filme documentário e seu elo fundamental com a história e a memória, buscando traçar ligações com as produções audiovisuais do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, em Meruoca, no Ceará.

Segundo Rosenstone (2010), “os documentários, em suas diversas formas, propiciam uma vasta gama de informações sobre o passado, com alguns detendo-se em dados macro-históricos, enquanto outros se atêm a dados micro-históricos”.

No Brasil, conforme Fasanello (2018), nas primeiras décadas do século XX, a criação de documentários foi primariamente atrelada a telejornais e filmes de curta duração subsidiados pelo Estado e pelas elites. Embora esses filmes possuem relevância histórica, eles refletiam os pontos de vista das classes dominantes. Até a década de 1950, diversos documentários foram produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), impulsionando a cultura, a flora e a fauna do país, com ênfase no cineasta Humberto Mauro.

O termo “documentário” surgiu no final dos anos 1920, como transmitido por Teixeira, e logo se espalhou como um âmbito específico dentro do cinema. A princípio, a palavra foi mencionada nas ciências humanas, onde foi usada como sinônimo de documentos que serviram como evidências robustas sobre uma determinada época. Tal concepção inicial superou os documentários com uma forte característica representacional, sobretudo no que tange à sua função de documento histórico.

Como Bill Nichols (2009), definir o que é um documentário não é tarefa mais fácil do que definir conceitos como “amor” ou “cultura”. Isso ocorre porque não se trata de uma definição absoluta, mas de algo que é sempre relativo ou comparativo. Assim como o amor adquire significado em relação ao ódio, o documentário se define em contraste com gêneros como o filme de ficção ou o cinema experimental e de vanguarda.

Para Gregolin (2002), a palavra “documento” provém do latim e denota um instrumento escrito que atesta aquilo que se relaciona. Essa definição condensa as ideias basilares que fundamentam esta monografia, que se debruça sobre um formato contemporâneo: o webdocumentário. Segundo o autor, a noção de “instrumento escrito” nos leva a refletir sobre a importância crucial que o desenvolvimento da linguagem exerceu na história da humanidade, sobretudo no que diz respeito à preservação e transmissão do conhecimento. Foi por meio da evolução das “técnicas memoriais” — transitando da oralidade para a escrita, do manuscrito para o impresso, e do impresso para o digital — que a humanidade logrou acumular e perpetuar o saber ao longo do tempo.

Ademais, a palavra "documentário", como explicita Teixeira (2020), começou a ser empregada para se referir a um campo específico do cinema no final dos anos 1920. Esse termo foi adotado a partir das ciências humanas, sendo associado a documentos que fornecem uma prova palpável sobre uma determinada época.

Desde que ganharam forma, os filmes documentais carregam consigo uma forte missão de representação, especialmente quando se trata de narrativas históricas. A ideia de "documentário" vai muito além de simplesmente mostrar os fatos de eventos que marcaram a história; ele também engloba a forma como entendemos e analisamos a sociedade, a cultura e a política da época. Essa mudança em como vemos um documentário aberto às portas para uma variedade enorme de maneiras de contar histórias e estilos dentro do cinema, aumentando seu poder de alcance e o impacto que ele causa com o passar do tempo.

Na visão de Gregolin (2002), chamar algo de “documentário” significa dizer que não é um filme de ficção. Porém, é preciso ter atenção com essa definição, já que nem todo filme que mostra a realidade pode ser considerado um documentário de verdade. Um bom exemplo disso são as produções audiovisuais como as notícias dos jornais ou os filmes feitos por empresas, que mostram a realidade, mas não entram na categoria de documentários.

Dentre as opções que temos, o jornalismo em forma de reportagem muitas vezes se mistura com a ideia de um filme documental. Isso acontece porque os dois têm como meta principal levar uma "realidade" baseada em fatos para um meio de comunicação, buscando atingir certos objetivos que beneficiam a sociedade.

Já para Gonçalves (2019), os documentários usam a diferença entre o que já foi e o que é agora para criar uma memória que é de todos, como um grupo, fazendo com que o passado nunca seja esquecido e mantendo as raízes sempre presentes:

É através de um intenso contraste entre passado e presente que o vídeo se estabelece como dispositivo de construção da memória coletiva de um determinado grupo. “Os documentários contribuem para eternizar o passado e manter vivos, rememorados, os traços das nossas origens”, Gonçalves, p. 22. (2019).

Os documentários são possibilidades de apresentar o mundo por diferentes perspectivas e formas. Eles mostram o que as pessoas, os grupos, governos, e sociedade em geral pensam e refletem sobre sua realidade. Misturando o que pensam, o que falam e o que provam, os documentários nos fazem entrar de cabeça em temáticas do cotidiano e assuntos complexos, necessários de reflexão coletiva, como ressalta Nichols (1997).

Já para o sociólogo Pollak (1989), tanto o documentário quanto o filme de depoimentos são os melhores caminhos para apresentar como os sujeitos se relacionam com a sociedade, com filhos, cheiros, espaço, cores etc. Essas produções são capazes de captar, de forma precisa, como as pessoas vivem as coisas, de um jeito bem mais completo e próximo da realidade. Com imagens em movimento, músicas, sujeitos narrando e conversas, os documentários e os filmes de depoimentos permitem que lembremos de momentos e lugares marcantes, nos levando para um universo já vivenciado ou não, nos levando para bem perto das histórias que contam.

Pollak (1989), reforça que lembrarmos das coisas pelos sentidos nos permite não só lembrar do que aconteceu, mas sentir novamente o que sentimos no momento em que esses momentos ocorreram. Quando os realizados inserem elementos que mexem com sentidos, como músicas, formas de mostrar símbolos afetivos, como era um determinado lugar, suas transformações, essas produções nos levam para aquele universo construído pelas produções.

E mais, Pollak (1989) ressalta que os documentários e os filmes de depoimentos são úteis para mostrar que as coisas podem carregar “certas verdades” e para nos auxiliarem no processo de entender os outros. Quando se conta histórias de vida do jeito que uma pessoa viveu, com a voz e o jeito dela, entendemos melhor o que cada um sente e vive. Isso não só guarda como foi uma lembrança, mas também nos ajudam a dialogar com outros lugares e tempos históricos e contemporâneos.

Assim, de acordo com Pollak (1989), essas formas de mostrar o cotidiano e os sujeitos não só nos fazem projetar os acontecimentos, mas também os olhares e perspectivas dos sujeitos inseridos nesse processo, para que as histórias e as lembranças sejam ouvidas e lembradas para sempre.

Para Fasanella (2018), o documentário, dessa forma, carrega consigo meios capazes para que não só aprendamos sobre algum contexto, mas nos permite também termos condições de analisar de forma crítica os contextos, possibilitando caminhos para construção de novas perspectivas para nossa sociedade.

Segundo Pollak (1989), os documentários são fontes de conhecimento valiosas para espalhar diversas narrativas, com vários discursos, que mostram e discutem o que é necessário

levar para reflexão da sociedade. Cada fala ou o que se diz em um documentário vem de algum lugar, de pessoas que mostram o que as coisas querem dizer, e são filmadas do jeito que o diretor vê o mundo, com o que ele quer e com o que ele sente.

De acordo com Fasanello (2018), essa modalidade de obra audiovisual não se limita a informar, mas também estimula ponderações, exibindo óticas e relatos diversos. Através do documentário, os criadores ganham a chance de expor histórias que, do contrário, talvez fiquem encobertas ou à margem. Desse modo, os documentários exercem uma função essencial na democratização da informação e no estímulo ao julgamento crítico, como ele mesmo destaca:

O documentário, em última instância, essa realização é sempre subjetiva e utiliza múltiplas linguagens textuais, imagéticas e sonoras, o cinema documentário é, sempre, uma 24 expressão artística e que se articula com as dimensões comunicacionais e epistemológicas (FASANELLO, p. 24. 2018).

Na nossa sociedade, como notam Mombelli e Tomaim (2012), a lembrança alcançou um valor enorme. Essa supervalorização se mostra na tendência crescente de guardar momentos por meio de recursos audiovisuais. Tal informação é gerada por diversos elementos, com destaque para a popularização de aparelhos que filmam som e imagem em movimento.

Além disso, os autores perceberam que, nos últimos anos, o avanço tecnológico facilitou o acesso a celulares, câmeras digitais e outros dispositivos portáteis, deixando-os à disposição de boa parte da população. Esses aparelhos não apenas capturam imagens com uma qualidade incrível, mas também possibilitam o compartilhamento imediato nas redes sociais, ampliando o alcance e a durabilidade dessas lembranças no espaço público.

Mombelli e Tomaim (2012) frisam que o registro audiovisual ultrapassou seu papel comum de mero divertimento, virando um instrumento essencial para a comunicação e a interação social. As imagens e vídeos que fazem são divulgados em plataformas como Instagram, TikTok e YouTube, onde não apenas mantemos lembranças pessoais, como também criamos narrativas que podem direcionar opiniões e comportamentos em escala global.

Mombelli e Tomaim (2012) perceberam que a crescente importância do registro audiovisual na sociedade moderna reflete nossa busca por ligação e sentido em um mundo cada vez mais digital. A capacidade de filmar e divulgar experiências ajuda a construir um legado duradouro, garantindo que as lembranças não sejam apenas guardadas, mas também celebradas e compartilhadas. Assim, os aparelhos que captam imagem e som em movimento vão além de simples ferramentas tecnológicas; eles viram ligações que unem o agora ao futuro.

Nesse cenário, os documentários exercem um papel crucial na conservação da tradição oral, funcionando como um meio potente para registrar e transmitir histórias, tanto individuais quanto coletivas. A tradição oral é um patrimônio imaterial que carrega como vivências, ensinamentos e valores de uma cultura. Por meio dela, muitas comunidades conseguem manter vivos os saberes ancestrais, perpetuando a lembrança de seus antepassados.

Nos documentários, essa tradição acha um lugar especial. Eles atuam como uma ligação entre o passado e o presente, filmando as vozes e histórias de pessoas que, de outra forma, poderiam ser esquecidas. Ao dar voz a esses indivíduos, os documentários não apenas registram suas narrativas, como também revelam as concepções patrimoniais que cada um possui, oferecendo uma visão íntima e retrospectiva de suas vidas e culturas, como ressalta Gonçalves (2019):

Os documentários têm o poder de consagrar o gênero como um dispositivo capaz de nos dar acesso aos traços afetivos que compõem a memória. Isso significa que, além de informar, os documentários têm a capacidade de tocar emocionalmente o espectador. Eles capturam não apenas fatos, mas também sentimentos, criando uma conexão empática entre o público e os protagonistas das histórias narradas, Gonçalves, p. 49. 2019).

Além de ter relevância individual, o registro audiovisual cumpre um papel crucial na construção da memória coletiva e na proteção da identidade cultural. Acontecimentos históricos, celebrações culturais e momentos importantes são registrados e guardados para as gerações futuras, garantindo que a história e a cultura se mantenham ativas, conforme ressaltam Mombelli e Tomaim (2012).

Na visão de Fernão Pessoa Ramos (2008), assim como Nichols, a concepção de um documentário é motivada pela intenção do autor durante sua concepção e produção. Ramos argumenta que discutir essa ligação social na definição do que é um documentário nos permite ponderar sobre como a sociedade interpreta um filme.

Outro aspecto essencial para entender esse formato é o que Nichols (2012) denominou de “modos do documentário”, que abrangem: o modo poético, o expositivo, o observacional, o participativo, o reflexivo e o performático. Cada um desses oferece modos uma abordagem singular para a narrativa e a representação da realidade, enriquecendo o cinema documentário com uma gama de estilos e perspectivas.

O modo poético prioriza a estética e a forma, enfatizando o impacto emocional e a experiência sensorial em detrimento da lógica e da linearidade usual. Filmes nesse estilo tendem a evocar sentimentos e ideias por meio de imagens e montagens que desafiam a narrativa

tradicional. Por outro lado, o modo expositivo permite informar ou persuadir o espectador por meio de uma narração que orienta a interpretação das imagens exibidas. Este é o modo mais próximo dos documentários convencionais, que visam instruir o público sobre eventos ou temas específicos.

O modo observacional, também conhecido como cinema vérité, se distingue pela captura de momentos espontâneos sem a interferência do cineasta. A ideia é observar a realidade tal como ela é, oferecendo ao público uma perspectiva imparcial das situações. De forma participativa, o cineasta interage diretamente com o tema ou com os indivíduos do documentário. Essa interação pode ocorrer por meio de entrevistas, diálogos ou até mesmo a participação ativa do cineasta na ação, estabelecendo uma conexão mais estreita entre o filme e seu tema.

Finalmente, o modo reflexivo realça o próprio processo de filmagem e as questões de representação, levando o espectador a refletir sobre o que está sendo exibido e como está sendo apresentado, frequentemente rompendo a "quarta parede" e convidando o público a questionar a própria essência do documentário.

De modo performático, o foco reside na expressão subjetiva e na vivência pessoal do cineasta. Este modo emprega a performance e a narrativa pessoal para explorar temas mais amplos, apresentando uma visão única e frequentemente pessoal sobre o assunto.

Conforme aponta Gonçalves (2019), tais maneiras se conectam a diversos momentos cruciais na história do desenvolvimento dessa forma de expressão no cinema, a qual, aos poucos, começou a ser chamada de cinema documentário:

Cada modo representa uma resposta às demandas culturais e tecnológicas de sua época, refletindo mudanças na forma como percebemos e representamos a realidade. Essa evolução demonstra a flexibilidade e a capacidade do documentário de se reinventar e permanecer relevante ao longo do tempo, adaptando-se aos contextos sociais e culturais em constante mudança, Gonçalves, p. 24. 2019).

Conforme Penkala (2012) destaca, a força do documentário reside em sua habilidade de gerar uma impressão genuína e real. Como Nichols (2005) bem notou, isso reflete as supostas provas de veracidade obtidas das descobertas.

Na ficção, essa obsessão pelas coisas não se distancia tanto assim. Para vender o documentário, é crucial separar conceitos ligados à verdade e à linguagem, como veracidade, verdade, plausibilidade, eventualmente, realidade, real, efeito de real e efeito de realidade. Tais

ideias são cruciais para definir o que um documentário também transmite ao espectador, como Penkala (2012) sublinha:

Assim, definir o documentário por essa garantia circunstancial de verdade e por sua linguagem é algo que passa por definirmos algumas diferenças entre termos comuns em ambos os aspectos, como veracidade, verdade, verossimilhança, autenticidade, realidade, real, efeito de real e efeito de realidade, Penkala, A. P. p. 102. 2012.

Na visão de Da Silva (2011), o documentário é um jeito formidável de se comunicar, que ultrapassa as barreiras das mídias comuns e nos mostra o mundo de um jeito singular. Ele sobressai como um tipo de história contada com imagens, que junta jornalismo, arte e aprendizado, instigando as pessoas a pensar, questionando as regras e incentivando transformações na sociedade.

Da Silva (2011), frisa que, diferente dos filmes inventados, os documentários focam em acontecimentos e pessoas que existem de verdade, exibindo os fatos de um jeito imparcial ou pessoal, conforme o ponto de vista de quem dirige. Esse modo de comunicação faz com que o público se aprofunde em assuntos complicados, que muitas vezes não parecem muito ou são entendidos errados pela mídia mais conhecida, como destaca:

Ele é um gênero caracterizado como não-ficcional, aproximando seu discurso da realidade. Sua linguagem mostra a questão da reflexividade do discurso cinematográfico, ao mesmo tempo em que sustenta a negativa da existência de uma representação objetiva do real. Sua estrutura narrativa permite contar uma história através de uma organização estrutural dramática de cenas e sequências a partir de uma mensagem a ser transmitida na visão do sujeito realizador sobre determinado assunto, (Da Silva, p. 09, 2011).

Da Silva (2011) também destaca o enorme poder do documentário em narrar histórias reais. Ele propicia um olhar honesto e, muitas vezes, próximo de temas sociais, políticos, culturais e do meio ambiente. Através de entrevistas, filmagens antigas e cenas comuns, os documentários revelam opiniões que, sem ele, poderiam não ser ouvidas.

Ainda na visão de Da Silva (2011), os documentários fornecem instruir e manter o público informado sobre consideráveis temas. Podem funcionar como meio de alerta, oferecendo um estudo aprofundado em temas como direitos humanos, variações do clima, saúde da população e muito mais. Ao aumentar a percepção do público sobre esses temas, os documentários podem contribuir para iniciativas e grandes mudanças.

Conforme Fasanello (2018), o documentário de cinema tem chamado a atenção de diversos autores e provocou vários debates teóricos sobre o seu sentido, levando em conta os diferentes momentos históricos em que surgiu. Muitas e várias dessas discussões ficam evidentes nos diversos termos usados para explicar a relação entre cinema e o que é real: Cinema Direto, Cinema do Vivido, Cinema Verdade, Cinema de Realidade, Documentário e Cinema de Não Ficção. Essas definições mostram os diferentes ângulos e maneiras que surgiram com o passar do tempo, cada um tentando pegar a essência e o intuito do documentário na sua busca por mostrar a verdade ou o que foi vívido.

Ainda na visão de Fasanello (2018), cada termo traz consigo uma opinião específica sobre como o documentário deve se relacionar com a realidade. Enquanto uns dão valor à captura direta e sem truques do dia a dia, outros se concentram na interpretação e apresentação da verdade que se vive. Essa variedade de abordagens não apenas destaca a riqueza do estilo do documentário, como também a sua capacidade de se desenvolver e se moldar às mudanças sociais e tecnológicas.

O documentário, como frisa Fasanello (2018), nas suas diversas formas, tenta principalmente mostrar a verdade ou o que foi vívido, criando uma conversa entre quem assiste e o mundo real que se revela na tela. Essa procura pela verdade, seja ela real ou imaginada, continua a inspirar cineastas e teóricos a descobrir novas formas de narrar histórias que tocam o público, valorizando o cenário cultural e intelectual do cinema.

Mais que um jogo de palavras, o documentário evoca um conjunto amplo de estratégias e políticas de representação cinematográfica que operam entre dois pólos em torno do significado de realidade ou real. De um lado, há uma clara demarcação e oposição entre os termos realidade e ficção; de outro, há um relacionamento mais fluido que explora as diferentes nuances entre o que envolve uma representação cênica definida como ficção, e a captação de imagens produzidas diretamente a partir de paisagens e pessoas que representam diretamente suas formas de ser no mundo num dado momento e contexto, (FASANELLO, p. 32. 2018).

Na visão de Eduardo Coutinho (1997), um documentário transcende a mera representação; ele se torna uma jornada em busca de outros aspectos, estimulando a participação de sujeitos que, de fato, estão inseridos de verdade no contexto. Contudo, é preciso destacar que essa postura também pode apresentar desequilíbrios, pois quem filma detém o poder sobre o que será contado. A verdadeira alteridade, reforçada na ética, na união e na compaixão,

permite que o trabalho com o povo e os movimentos sociais escapem do controle e da direção, mesmo sob o pretexto da imparcialidade.

Fasanello (2018) ressalta que a compreensão sobre o que seria um filme documental foi bastante motivada pelos cineastas Flaherty e Vertov nos anos 20. Duas características principais saltam aos olhos: a primeira é que as imagens de um documentário devem refletir o mundo real, dando um tom de não ficção à obra, mesmo que se apele para encenações e produções bem elaboradas, para mostrar essa realidade. Isso criou uma fronteira incerta entre o cinema documental e o ficcional, com várias tendências buscando mostrar a realidade da forma mais fiel possível, seja como propaganda, como denúncia social, como apoio científico ou como uma lembrança viva de lugares e pessoas.

A segunda característica fundamental do cinema documental, segundo Fasanello (2018), aparece na sala de edição, no momento da montagem. É ali que as sequências de imagens gravadas, sejam no local ou de outras fontes, são arrumadas e aprimoradas por várias ferramentas que dão forma final ao filme. Tanto a gravação das imagens quanto a edição final trazem um toque artístico, político e social, mostrando a forma como o cineasta e sua equipe veem o mundo, que complementam uma visão particular da época em que o documentário foi feito.

Segundo Gregolin (2002), ao se aventurar na criação de um documentário, não há cartas ou regras rígidas a serem seguidas. Diferente das orientações bem definidas para escrever um lead jornalístico, não existem fórmulas prontas. Em vez disso, a produção de documentários preza por uma forma criativa e única de abordar os temas escolhidos.

O documentário nasce da liberdade de estilo e a regra básica para sua criação é a capacidade humana dos profissionais envolvidos. O documentário não exige conceitos técnicos senão aqueles referentes às técnicas de produção específicas (cinema, televisão, Internet); não exige imagens meramente ilustrativas e sua montagem não obedece a um padrão determinado e exclusivo. A produção de um documentário responde às características de estilo do autor e sua existência está intimamente ligada às formas individuais de criatividade intrínseca que estabelecem o elo com a “realidade” a ser reproduzida, (GREGOLIN, p.06, 2002).

Segundo Gregolin (2002), é comum vermos o documentário como uma produção que reflete ações humanas peculiares, sem depender da imaginação do diretor ou de quem cria o filme. As imagens exibidas no documentário geralmente nos remetem à tal "realidade" que está

sendo explorada ali. Em contrapartida, uma obra de ficção foca na criação imaginativa, onde as imagens se ligam a um universo que não é "real", mas sim um momento construído pelo autor.

No entanto, como Gregolin (2002) aponta, há quem defenda que, tal qual um filme de ficção, o documentário também nos conta uma história. Ele apresenta enredo, personagens, trama e construção de situações e conflitos de forma semelhante a qualquer outro tipo de filme. Assim, ambos os gêneros podem ter elementos narrativos em comum, mesmo que suas origens e objetivos sejam diferentes.

Gregolin (2002) também ressalta que é corriqueiro definir o documentário sob uma ótica social. Muitos estudiosos buscam essa característica de dar ao documentário uma definição mais precisa e clara, embora poucos tenham se complementado com o que essa definição realmente existe. O documentário é uma, em suma, definição do tempo e de seus criadores. Ao longo dos anos, os documentaristas têm moldado, nas telas, o conceito de documentário. Essa evolução fica nítida ao analisarmos obras de diferentes épocas, enquadrando-se no contexto do período em que foram produzidas.

Já de acordo com Fasanello (2018), o documentário com crítica social no Brasil começou a se destacar por meio de iniciativas nas universidades, especialmente ligadas ao Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Cineastas se juntaram aos movimentos populares, resultando em produções como "Cinco vezes favela" (1962), dirigida por jovens cineastas, e "Cabra marcada para morrer", iniciada em 1964 sob a direção de Eduardo Coutinho, mas interrompida pela ditadura militar, sendo retomada apenas 17 anos depois. A partir da década de 1980, o cinema nacional passou a dar mais espaço para documentários, com destaque para cineastas como Eduardo Coutinho, Sílvio Tendler e João Moreira Salles.

Diante disso, fica claro que a definição do documentário não se resume a aspectos técnicos ou formais, mas sim a uma visão que reflete a perspectiva do autor e o contexto histórico da obra. É amplamente aceito que a produção de um documentário possua uma intenção clara, buscando apresentar uma interpretação específica de uma "realidade" em um tempo e espaço específicos.

3.4.4 Documentário, memória, identidades e tradição: entre o território e as mídias

Neste subtópico, vamos explorar e definir conceitos como memória e história, culminando na ideia de "lugar de memória", inspirada pelo pensamento de Pierre Nora. Nosso

objetivo é conectar esses conceitos com características específicas do documentário, um gênero único dentro do audiovisual.

Esse movimento é crucial para criar uma ligação entre a produção documental e seu potencial como "lugar de memória". Com essa compreensão, conseguimos ver como os documentários preservam e apresentam memórias, enriquecendo nossa reflexão sobre a história e sua representação no audiovisual.

De acordo com Fasanello, M. T., & Porto, M. F. (2023), no Brasil, o documentário tem sido visto como uma prática social transformadora há várias décadas. Esse reconhecimento ganhou força especialmente com o surgimento do Cinema Novo. Durante esse período, muitos cineastas começaram a refletir sobre o País e seus desafios, abordando questões como desigualdades sociais, a vida nas periferias e favelas, a realidade dos mais pobres, a luta pela reforma agrária, a situação do sertão e a questão da fome.

Nesse contexto, conforme Oliota, R., Rocha (2011), ao investigar as diferenças entre memória e história, surge o conceito de "lugar de memória". Essa ideia pode ser vista como a materialização da lembrança. O termo "lugar de memória" vai além de uma simples categorização histórica ou de uma memória pura; ele representa uma interconexão entre esses dois conceitos, criando um espaço onde o passado é revivido e preservado.

O “lugar de memória”, na realidade, estaria dançando acompanhado destes dois conceitos, visto que ele, na concepção do autor, seria uma história com resquícios de memória. Não é somente memória, por que não é mais vivida, e por que concretizou a ruptura com o tempo, daí a necessidade de arquivar, registrar. Os suportes físicos ou simbólicos, a exemplo dos arquivos, coleções, cemitérios, museus, santuários, festa, são traduzidos como rituais lembrança, testemunhas de uma época capaz de carregar consigo um conjunto de rememorações, (OLIOTA, R., & ROCHA, L. L.p. 05, 2011).

Conforme apontam Oliota, R., Rocha (2011),, existem três grandes grupos de "lugares de memória", cada um com seu jeito de manter viva a história e a cultura: os lugares que a gente pode tocar, tipo arquivos, bibliotecas e museus, feitos justamente para guardar lembranças e bens culturais, funcionando como um tipo de cofre do passado; os lugares que são mais simbólicos, onde rolam festas, rituais e datas importantes.

Esses cantinhos, explicam Oliota, R., Rocha (2011), necessários para um povo, uma vez que mostram os marcos históricos e ajudam nos sentimentos fazendo parte de algo maior; e os lugares que servem para cuidar e espalhar a notícia sobre acontecimentos, pessoas e

monumentos que estão na memória de todo mundo. Entram nessa perspectiva, livros, as histórias de vida, os grupos e as instituições, todos eles peças-chave para a identidade de um povo ou comunidade.

O documentário vai além de ser uma simples reprodução da realidade; ele é, na verdade, uma representação do mundo em que vivemos. Isso significa que ele reflete as perspectivas de indivíduos, grupos ou instituições específicas. Além disso, o documentário é frequentemente visto como um conceito um tanto vago, pois não se limita a um conjunto fixo de técnicas, não aborda apenas um número restrito de questões e não se restringe a um estilo ou forma específica.

Para entendermos melhor o que faz um documentário ser o que é, Bill Nichols (2009) propõe olharmos por quatro perspectivas distintas: pelas organizações que bancam a produção, pelas pessoas que botam a mão na massa, pelas obras em si (sejam filmes ou vídeos) e pelos sujeitos que consomem e são impactados pela produção. Essa forma de ver por vários lados nos ajuda a compreender melhor a importância e o que os documentários representam para a sociedade.

Na mesma linha de raciocínio, Fernão Pessoa Ramos (2008) defende que o ponto de partida do documentário é a ideia do autor ao fazê-lo. Essa perspectiva social fica clara na forma como o trabalho é apresentado, ou seja, no modo como o autor e quem distribui o material já definiram como ele deve ser visto.

Fernão Pessoa Ramos (2008) também ressalta certos traços da narrativa documental, por exemplo, alguém narrando (voz off), mostrar entrevistas ou declarações, usar imagens antigas, quase não usar atores de profissão e pegar as imagens com uma força diferente. Esses traços vão estabelecer características essenciais para compreender a linguagem documental.

Na visão de Santos Tomaim, C. (2019), um documentário pode ser tão inovador quanto uma obra de ficção, destacando que qualquer filme carrega consigo uma dimensão histórica, estabelecendo uma conversa constante com o momento em que foi produzido. Ainda de acordo com Santos Tomaim, C. (2019), existem duas maneiras principais de perceber a natureza inventiva de um filme histórico e como ele enriquece nossa compreensão do passado, valendo tanto para filmes documentais quanto para os de ficção.

Uma perspectiva direcionada na criatividade examina como os filmes empregam a narrativa e os elementos visuais para recriar acontecimentos históricos, oferecendo uma visão do passado que é ao mesmo tempo mais profunda e cativante. Em contrapartida, há a perspectiva informativa, que se dedica a demonstrar como os filmes têm o poder de instruir e informar o público sobre eventos do passado, muitas vezes trazendo à luz detalhes que não são tão conhecidos ou debatidos.

As duas perspectivas realçam o valor dos filmes, sejam eles documentários ou obras de ficção, como instrumentos importantes para a interpretação e a ponderação sobre a história. Conforme aponta Rosenstone (2010), todas as modalidades de documentário oferecem um vasto leque de informações sobre o passado, embora algumas se voltem mais para dados macro-históricos, enquanto outras dão maior ênfase a dados micro-históricos.

Como dito antes, o intuito deste trecho é criar um alicerce para a compreensão do documentário e sua conexão com a história e a memória. Para tanto, selecionamos algumas obras do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo para análise, as quais exibem modos de expressão bem próximos do discurso histórico. Vale frisar que historiadores e documentaristas obedecem a normas e expectativas distintas, como salienta Rosenstone (2010).

Ao eleger o documentário como tema essencial para pesquisa, nosso interesse maior reside não na objetividade fílmica, que é um atributo das imagens documentais com poder de comprovação, mas em perscrutar as subjetividades inerentes a essas mesmas imagens. Enxergar o documentário como um veículo e local "de memória" nos incita a questioná-lo enquanto um objeto de instrumentalização ou arranjos de memórias e identidades, que almejam edificar um discurso sobre o passado de forma persuasiva e tocante.

Segundo Santos Tomaim, C. (2019), ao optar pelo documentário como um local e meio de "memória", somos chamados a ponderar sobre como esse tipo de cinema pode engendrar um jogo multifacetado, capaz de manipular memórias — quer dizer, ressignificando ou não — e, ao mesmo tempo, revigorar sentimentos e mágoas. Em suma, o documentário sobressai como um espaço onde sentidos e vivências das identidades de grupos sociais são remodelados.

No âmbito dos documentários, Santos Tomaim, C. (2016) descreve o documentário como uma “mídia de memória”, onde afeto, símbolo e trauma agem como elementos de estabilização da lembrança. As testemunhas surgem como figuras de autoridade, porém exercem um papel diverso do intelectual ou especialista que se manifesta no filme. Enquanto a voz do intelectual traz um saber institucionalizado que busca conferir credibilidade ao que é exposto, sua presença termina sendo uma citação que se sujeita à lógica narrativa do documentário.

Em contrapartida, Santos Tomaim, C. (2016) defende que os relatos das pessoas envolvidas funcionam como evidências de primeira mão. Embora muitos filmes documentais utilizem esses depoimentos apenas como meras frases, o que pode prejudicar sua força na história, é essencial valorizar o testemunho na hora de revelar a experiência real, que é definida pelo tempo. Essa particularidade permite que os relatos enriqueçam a narrativa de um jeito

único, dando uma visão verdadeira e cheia de detalhes sobre os acontecimentos ou assuntos em questão.

Conforme Santos Tomaim, C. (2019), ao escolher o documentário como um lugar e forma de "lembrança", somos chamados a pensar sobre como esse tipo de filme consegue criar uma dinâmica com várias faces, capaz de mexer com as memórias — mudando seus sentidos ou não — e, ao mesmo tempo, reacender emoções e mágoas. No fim das contas, o documentário se mostra como um espaço onde os sentidos e vivências das identidades de grupos da sociedade podem ser transformados.

Na visão de Araújo, J. J. (2015), a produção de vídeos de não-ficção hoje em dia se destaca pela quantidade de documentários que não se encaixam em categorias fáceis. Isso acontece por causa da riqueza, da complexidade e da variedade de jeitos que os cineastas usam. De forma geral, esses documentários mostram quatro estilos principais: um forte toque pessoal; uma reflexão marcante com um jeito de ensaio; o uso de imagens antigas; e a mistura dos limites entre o documentário e a ficção.

Na opinião de Prioste, M. V. (2014), o documentário, como uma forma de contar histórias em vídeo, tem um papel importante em fortalecer as identidades de grupos ao confirmar valores que todos compartilham. Isso fica claro em relatos de iniciativas parecidas, como o projeto brasileiro Vídeo nas Aldeias (VNA). Além disso, olhando para o passado, vemos os filmes do diretor boliviano Jorge Sanjinés desde os anos 1960, que tentava valorizar as tradições dos Andes ao “filmar junto com o povo”. Esses exemplos mostram como o documentário pode ser uma ferramenta poderosa para mostrar e proteger a cultura, unindo comunidades em torno de histórias e valores em comum.

Portanto, como gênero cinematográfico multifacetado, capaz de atuar na composição de uma identidade coletiva, o documentário analisado nesta pesquisa é aquele que colabora com a formação de um imaginário coletivo que ultrapassa a natureza do mundo conceitual. São formas que representam e dão sentido à vida em sociedade, definem papéis, classificam valores e legitimam comportamentos. Estão amalgamados às práticas sociais cotidianas, das mais singelas às mais elaboradas, e são subentendidas como pressupostos de convívio e interação, (PRIOSTE, M. V. p. 08. 2014).

Na visão de Santos Tomaim, C. (2019), o documentário, quando analisado como espaço de memória, é uma obra com um compromisso político com a lembrança de um acontecimento histórico específico. A produção desse filme nasce de um forte senso de responsabilidade, onde o realizador se dedica a honrar o passado. Mesmo que existam outros filmes que usem temas

históricos como pano de fundo para suas histórias, isso não significa que esses documentários sejam necessariamente ferramentas de um projeto de memória específico.

Como apontam Fasanello, M. T., Porto, M. F. (2023), o cinema documentário é uma ferramenta de grande impacto que vai muito além de simplesmente mostrar a realidade. Ele tem o poder de ampliar a imaginação criativa e gerar mudanças importantes na sociedade. Esse gênero de filme não só informa, mas também inspira, desafia e motiva o público a agir. Um dos pontos fortes do cinema documentário é seu potencial para educar.

Documentários podem explicar questões complexas de um jeito fácil de entender, dando uma visão mais profunda sobre temas que podem ser difíceis de entender só por textos ou notícias. Eles incentivam uma visão mais crítica sobre o mundo, levando o público a questionar suas ideias e preconceitos.

Ainda segundo Fasanello, M. T., Porto, M. F. (2023), a força do cinema documentário está na sua capacidade de contar histórias verdadeiras através de imagens marcantes. Essas imagens podem despertar empatia e compreensão ao mostrar a realidade de pessoas e comunidades que, de outro modo, ficariam invisíveis. Esse impacto visual pode ser um forte impulso para a mudança, incentivando ações concretas e participação social.

Nesse sentido, o cinema documentário se apresenta como uma ferramenta poderosa para impulsionar a transformação social. Ele não apenas informa, mas também estimula a imaginação criativa, inspirando mudanças reais e incentivando um público global a olhar além do óbvio e se envolver com questões urgentes do nosso tempo. A capacidade do documentário de conectar pessoas e ideias é uma prova do seu potencial transformador, como ressalta Fasanello, M. T., Porto, M. F. (2023).

Conforme mencionado por Michael Pollack (1989), o documentário é considerado um "instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva". Mesmo que não capture a realidade de forma totalmente fiel, ele tem a capacidade de resgatar, preservar, conservar, registrar e arquivar aspectos da memória social que continuarão importantes no futuro. Assim, podemos entender e avaliar o documentário como um típico "lugar de memória".

Nessa linha de raciocínio, Oliota, R., Rocha (2011) destacam que o documentário promove aquilo que poderíamos descrever como um "autêntico movimento histórico". Refere-se a um tipo de salvaguarda da lembrança que passa a "existir sob a análise de uma narrativa revista". Vale ressaltar que os cineastas de documentários costumam abraçar tal função ao se disponibilizarem para escutar, gravar e legitimar um coletivo particular. Desse modo, eles edificam um arquivo documental que auxilia a (re)validar a singularidade de um conjunto

3.4.5 Ação cultural como ação política

O presente tópico propõe a reflexão sobre o conceito de ação cultural, uma vez que são reflexões importantes para que possamos compreender quais aproximações existem entre esse conceito e as práticas desenvolvidas pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

Nesse contexto, o presente tópico busca realizar, a partir de achados teóricos, uma análise sobre as atividades realizadas pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, observando como fazem conexão com a prática da ação cultural, como forma de desenvolvimento de ações políticas.

A ação cultural enfrenta desafios significativos em termos de financiamento, acessibilidade e resistência a mudanças. No entanto, ela também oferece oportunidades para reinventar a vida pública, tornando-a mais vibrante, inclusiva e representativa das diversas vozes que compõem uma sociedade. É oportuno dizer que nosso desafio é trazer reflexões que compreendam a ação cultural a partir de seus processos históricos, vinculados aos tempos de crises política e democrática.

Nesse contexto, a ação cultural atua como um veículo de expressão dentro da esfera pública, permitindo que diferentes vozes sejam ouvidas e que narrativas diversas sejam compartilhadas. Isso fortalece a democracia ao criar um espaço para o diálogo e a troca de ideias. Assim, a cultura não irá apenas refletir a sociedade, mas também tem o poder de transformá-la. Através da ação cultural, indivíduos e comunidades podem se engajar em processos políticos, colaborando para construção de políticas públicas e promovendo mudanças sociais significativas.

A participação ativa em atividades culturais promove o direito à partilha sensível, permitindo que mais pessoas acessem e contribuam para o repertório cultural coletivo. Isso ajuda a combater a exclusão e a desigualdade, promovendo uma sociedade mais inclusiva. A ação cultural tem o poder de resingularizar os universos existenciais, ou seja, de reconfigurar as percepções e experiências individuais e coletivas. Isso não apenas enriquece o tecido social, mas também fortalece identidades e comunidades.

Desse modo, ao refletir sobre essas perspectivas, é evidente que a ação cultural é uma dimensão fundamental para o fortalecimento da esfera pública e a promoção de uma participação política mais ampla e inclusiva.

De acordo Viganó (2020), a ação cultural, em seu surgimento sob a tutela do Ministério da Cultura francês de André Malraux, foi inovadora ao estabelecer uma política pública

dedicada exclusivamente ao campo cultural. Este movimento visava democratizar o acesso às obras artísticas, criando uma ponte entre a arte e o público em geral.

“Em seu nascimento, no âmago do Ministério da Cultura francês de André Malraux, o primeiro dedicado exclusivamente aos assuntos culturais, a ação cultural surge como o fundamento básico de uma política pública que visava à democratização do acesso às obras artísticas. Criaram-se assim espaços nos quais a arte pudesse ser fruída e praticada, garantindo a organização e a transmissão do patrimônio cultural e da experiência estética (Viganó, 2020, p. 13).

O principal objetivo desta política era assegurar que as obras de arte fossem acessíveis a todos, independentemente de sua origem social ou econômica. Isso foi alcançado por meio da criação de espaços dedicados à fruição e prática das artes, onde o público poderia ter contato direto com diversas formas de expressão artística.

Segundo Viganó (2020), esses espaços não eram apenas locais de exposição, mas também ambientes de aprendizado e prática, permitindo que as pessoas se envolvessem ativamente com as artes. Além disso, eles desempenhavam um papel importante na organização e transmissão do patrimônio cultural, garantindo que o conhecimento e a experiência estética fossem passados para as futuras gerações.

Nesse sentido, Viganó (2020), ressalta que a implementação desta política teve um impacto significativo na sociedade, promovendo uma maior inclusão cultural e fomentando o desenvolvimento de uma identidade cultural mais rica e diversificada. Ao tornar a arte mais acessível, a ação cultural contribuiu para o enriquecimento cultural das populações e para o fortalecimento dos laços comunitários. Desse modo, a ação cultural continua a ser um elemento fundamental nas políticas públicas atuais, refletindo a importância do acesso à cultura como um direito básico de todos os cidadãos.

Para Coelho (1985, p. 12) “a análise dos dois conceitos recobertos pela expressão "ação cultural" produz por si só todo um programa de atuação. "Ação" é um conceito cujo sentido fica mais claro quando confrontado com outro, "fabricação", de amplo trânsito não explicitado e não confessado. A fabricação é um processo com um início determinado, um fim previsto e etapas estipuladas que devem levar ao fim preestabelecido”.

Segundo Coelho (1985), o conceito de *ação* ganha clareza quando analisado em contraste com o de *fabricação*. Enquanto a fabricação segue um processo bem definido e previsível, a ação é mais dinâmica, aberta e muitas vezes imprevisível.

Já a fabricação, para a Coelho (1985), é caracterizada por suas etapas claramente delineadas. Este processo possui um início claro, um objetivo final preestabelecido e uma série

de procedimentos que devem ser seguidos para alcançar o resultado desejado. Essa previsibilidade é o que diferencia a fabricação de outros tipos de processos.

Por outro lado, a *ação* não está necessariamente presa a um conjunto rígido de etapas. Ela é mais flexível e adaptável às circunstâncias, permitindo mudanças ao longo do caminho. A ação pode ser impulsionada por fatores como intuição, adaptação ao contexto e respostas a situações emergentes, ressalta Coelho (1985).

No que se refere ao jornalismo e ativismo, por exemplo, compreender essa distinção é essencial. A ação no ativismo pode ser vista como uma resposta ágil e adaptativa às mudanças sociais, enquanto a fabricação pode ser mais aplicável a campanhas planejadas com objetivos claros e mensuráveis. Essa diferença também se reflete na maneira como a comunicação é abordada, com a ação permitindo uma narrativa mais aberta e envolvente.

Segundo Coelho (1985, p. 13) “A ação, de seu lado, é um processo com início claro e armado, mas sem fim especificado e, portanto, sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar - já que não há um ponto terminal ao qual se pretenda ou espere chegar. Na fabricação, o sujeito produz um objeto, assim como o marceneiro faz um pé torneado. Na ação, o agente gera um processo, não um objeto. O objeto pode até resultar de todo o processo, mas não se pensou nele quando se deu início ao processo, e nisso está toda a diferença”.

Os bons modos, ou a utopia, sugerem que a escolha pela ação é sempre a mais desejável. Optar pela ação significa embarcar em um processo dinâmico e evolutivo, onde o resultado final é muitas vezes desconhecido e fora de controle total do agente. Esta é uma prática que, embora possa começar com um propósito ou intenção específica, frequentemente se transforma e adapta-se ao longo do tempo, conforme novos elementos e desafios surgem.

Ao optar pela ação, os agentes culturais podem se encontrar em um território desafiador, mas rico em oportunidades para inovação e transformação. A prática ativa fomenta um ambiente onde a comunicação e o ativismo podem florescer, possibilitando novas formas de interação e expressão. Nada de autoritarismo, nada de dirigismo, nada de paternalismos, conforme destaca Coelho (1986).

A ação cultural tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo. Entre as formas do imaginário que a constituem, as da arte - ao lado de práticas culturais leigas, mítico-religiosas, etc. - são privilegiadas, por mais que se diga o contrário. O papel da arte na ação cultural é central, pois ela tem o poder de refletir e ao mesmo tempo alterar as dinâmicas sociais e culturais de uma comunidade.

A arte não apenas representa a realidade, mas também a transforma. Através de várias

expressões artísticas, como a pintura, a música, o teatro e a literatura, a cultura de um grupo pode ser comunicada e reinterpretada, permitindo um diálogo contínuo entre o passado, o presente e o futuro. Este diálogo é essencial para a evolução cultural e para a manutenção da identidade de um grupo.

Além das artes, as práticas culturais leigas e mítico-religiosas desempenham um papel fundamental na preservação e na transmissão dos valores e crenças de uma comunidade. Elas fornecem um contexto simbólico rico, no qual os indivíduos podem se conectar com suas raízes e entender seu lugar no mundo. Tais práticas são frequentemente incorporadas em rituais e celebrações, que servem para fortalecer laços comunitários e afirmar identidades coletivas.

Os instrumentos de comunicação, sejam eles tradicionais ou modernos, também desempenham um papel vital na ação cultural. Eles facilitam o compartilhamento de ideias e experiências, ajudando a construir um entendimento comum e promovendo o ativismo cultural. Com o advento das novas mídias, as formas de comunicação têm evoluído rapidamente, oferecendo novas oportunidades para a expressão e o engajamento cultural.

Nesse contexto, a ação cultural é um processo dinâmico e multifacetado, enraizado na produção simbólica de um grupo. As artes, junto com práticas culturais e instrumentos de comunicação, desempenham papéis essenciais na formação e na transformação das culturas, contribuindo para um mundo mais diverso e interconectado.

Nesse sentido, Coelho (1986) nos aponta algumas questões relativas ao trabalho, compreendido como modalidade artística e cultura. Contudo, que esse olhar esteja conectado com a compreensão sobre os princípios básicos da arte.

O trabalho com uma modalidade artística em particular pode até não ser do interesse de uma ação cultural específica. Mas, o que é vital à ação cultural é a operação com os princípios da prática em arte, fundada no pensamento divergente (identificado por Gaston Bachelard como o "princípio do diagrama poético", que consiste em aproveitar, para o processo, tudo que interessar, venha de onde vier, na hora em que for necessário, sem o recurso a justificativas claras e precisas) e no pensamento organizado, e movido pela possibilidade, pelo vir-a-ser (COELHO, 1986, p. 33).

Para Viganó (2020), a partir dos anos 1960, a relação entre cultura, ação cultural e democracia se amplia, tanto no âmbito acadêmico como nas políticas públicas. Este período marca o surgimento de novas classes protagonistas desse processo, incluindo artistas, intelectuais e agentes culturais. Eles começam a experimentar novas formas de fazer arte e se conectar com o espectador e o espaço público.

Os anos 1960 foram, segundo Viganó (2020), um período de intensa experimentação artística, onde os limites entre diferentes formas de arte começaram a se dissolver. Artistas passaram a buscar interações mais diretas e significativas com o público, muitas vezes utilizando o espaço público como cenário para suas obras. Performances, instalações e happenings tornaram-se comuns, rompendo com a tradicional separação entre artista e espectador.

Ainda de acordo com Viganó (2020), intelectuais desempenharam um papel fundamental na ampliação do discurso crítico sobre cultura e democracia. Eles começaram a questionar as estruturas estabelecidas e a propor novas formas de pensar a sociedade e as práticas culturais. Este período viu a emergência de teorias que desafiavam o status quo e promoviam a inclusão e a diversidade nas políticas culturais.

Agentes culturais surgiram como importantes mediadores entre a cultura e o público, desenvolvendo políticas e projetos que visavam democratizar o acesso à cultura. As políticas culturais começaram a se expandir, incluindo e valorizando expressões culturais antes marginalizadas. Este movimento foi fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

O espaço público tornou-se um palco para a inovação cultural e a participação cidadã. A arte passou a ser vista não apenas como entretenimento, mas como uma ferramenta de transformação social e política. Este período fomentou o engajamento cívico e a criação de um diálogo mais aberto entre diferentes setores da sociedade.

Nesse contexto, para Viganó (2020), podemos afirmar que foi a partir dos anos 1960, a relação entre cultura, ação cultural e democracia ganhou novas dimensões, moldando o cenário cultural de forma profunda e duradoura. As novas classes de protagonistas não apenas ampliaram o conceito de arte, mas também promoveram uma maior integração entre cultura e cidadania.

No que diz respeito à relação entre ação política e ação cultural, Coelho (1986) destaca: “Ação política não é ação cultural. Alfabetização não é ação cultural necessariamente, mas ação educativa. Programas sanitaristas não são ação cultural em seu sentido próprio. A ação cultural tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo. E entre as formas do imaginário que a constituem, as da arte - ao lado de práticas culturais leigas, mítico-religiosas, etc. - são privilegiadas, por mais que se diga o contrário (COELHO, 1986, p. 33).

Coelho (1986, p.45), ainda ressalta que há questões muito específicas que envolvem o processo cultural, que muitas vezes não podem ser atendidas pelos instrumentos que permeiam o contexto político. “Existe uma especificidade do processo cultural que não pode ser atendida

pelos mecanismos da prática política, e uma das consequências disso é que o projeto cultural vai sempre e necessariamente além, muito além do projeto político, de modo que insistir na ação cultural quando se quer uma ação política pode ser um equívoco tão grande quanto tentar chegar à cultural via política”.

O que podemos observar, a partir dos achados de Viganó (2020), é que a ação cultural no Brasil, em meio a um cenário sociopolítico complexo, apresenta-se como um campo fértil de análise e intervenção. A diversidade de formas e princípios que norteiam essas ações reflete a riqueza e a complexidade da sociedade brasileira. Neste contexto, é essencial entender a vocação e as possibilidades de efetivação da ação cultural, considerando suas múltiplas dimensões e contribuições.

Segundo Viganó (2020), a ação cultural pode ser vista como um instrumento de transformação social ou como um meio de apaziguamento. De um lado, há iniciativas que buscam questionar e transformar estruturas sociais, promovendo a inclusão, a justiça social e a conscientização política. De outro, existem projetos que, embora bem-intencionados, podem acabar reforçando o status quo ao focar apenas no entretenimento ou na valorização de tradições sem questionamento crítico.

Para Viganó (2020), muitas ações culturais se entrelaçam com o ativismo, utilizando a arte como uma plataforma para o discurso político e social. Performances, exposições e manifestações artísticas frequentemente abordam temas como desigualdade, racismo e direitos humanos.

Projetos culturais que se concentram na educação têm o potencial de transformar comunidades, oferecendo novas perspectivas e oportunidades, segundo aponta Viganó (2020). Oficinas, cursos e programas educativos são formas eficazes de promover a inclusão social. A valorização e preservação de culturas tradicionais também são aspectos fundamentais da ação cultural. No entanto, é importante que essa preservação não se torne uma ferramenta de exotização ou estagnação, mas sim um meio de fortalecimento das identidades locais.

Nesse contexto, segundo Viganó (2020), a efetivação da ação cultural no Brasil enfrenta diversos desafios, incluindo a escassez de recursos, a censura e a falta de apoio institucional. No entanto, há também inúmeras oportunidades. A tecnologia, por exemplo, tem permitido a ampliação do alcance das iniciativas culturais, quebrando barreiras geográficas e sociais. Além disso, a colaboração entre setores – como governo, empresas privadas e organizações não governamentais – pode potencializar o impacto das ações culturais, promovendo um ambiente mais propício para a inovação e a sustentabilidade das iniciativas.

Diante do cenário atual, a ação cultural no Brasil tem a vocação de ser um agente de mudança e de fortalecimento social. Ao equilibrar a ambição revolucionária com a necessidade de inclusão e apaziguamento, é possível construir um futuro mais justo e equitativo, onde a cultura desempenha um papel central na formação de uma sociedade mais consciente e participativa, como ressalta.

Observa-se atualmente uma diversidade de formas e princípios expressos na ação cultural, animadas por diferentes ideologias e visões de mundo, que correm sobre o fio de uma navalha, oscilando entre a ambição revolucionária e o apaziguamento social. É com base nesta trajetória que nos propomos a analisar, dado o contexto sociopolítico atual, a vocação e as possibilidades de efetivação da ação cultural no Brasil hoje (Viganó, 2020, p.06).

O pesquisador George Yúdice (2014) explora o conceito de ação cultural, referindo-se ao que ele chama de “ativismo heterogêneo de coletivos culturais”. Este conceito abrange uma gama diversificada de práticas e iniciativas que emergem de grupos culturais, movendo-se além das formas tradicionais de ativismo para incluir uma variedade de expressões artísticas e culturais.

Os coletivos culturais, segundo Yúdice (2014), são grupos que se organizam com o propósito de promover mudanças sociais e culturais através de práticas colaborativas. Este ativismo cultural pode incluir desde performances artísticas, exposições, até intervenções urbanas e uso de mídias digitais para amplificar vozes marginalizadas.

Para Yúdice (2014), o ativismo heterogêneo se caracteriza pela diversidade de formas de expressão utilizadas pelos coletivos, que podem variar de manifestações artísticas a eventos educativos. Segundo Yúdice (2014), muitas vezes, esses coletivos abordam questões interseccionais, reconhecendo a complexidade das identidades sociais e as múltiplas formas de opressão que as pessoas podem enfrentar.

A criatividade é um elemento central, permitindo que os coletivos encontrem novas maneiras de engajar o público e de chamar a atenção para causas sociais importantes. Nesse sentido, muitos coletivos aproveitam as plataformas digitais para disseminar suas mensagens e alcançar um público mais amplo, utilizando desde redes sociais até tecnologias de realidade aumentada.

O ativismo cultural, conforme descrito por Yúdice (2014), tem um papel significativo na comunicação contemporânea. Ao desafiar narrativas predominantes e oferecer novas perspectivas, esses coletivos não só enriquecem o discurso público, mas também ajudam no processo de pensar políticas culturais e sociais. Ao considerar o ativismo heterogêneo de

coletivos culturais, é essencial reconhecer seu potencial para transformar a sociedade, promovendo inclusão, diversidade e diálogo intercultural através da ação cultural.

Yúdice (2014), aponta que, no cenário contemporâneo, a distinção entre arte autônoma e transcendente e a cultura de massas ou popular muitas vezes se dissolve. Essa tendência reflete uma reavaliação do que tradicionalmente se percebe como "alta" e "baixa" cultura, abrindo caminho para um diálogo mais inclusivo e dinâmico entre diferentes formas de expressão artística.

Artistas e criadores estão cada vez mais colaborando com profissionais de diversas áreas, como cinema, música e design, para criar obras que ressoam tanto no circuito artístico tradicional quanto no mainstream. Yúdice (2014), ressalta que, com o advento das plataformas digitais, a arte e a produção de conteúdo de comunicação tornaram-se mais acessíveis ao público em geral. Isso permite que obras consideradas "elitistas" alcancem um público mais amplo e diverso.

A cultura de massas não apenas se inspira na arte tradicional, mas também colaboram nesse processo, impactando a forma como os sujeitos se comunicam e se expressam. Elementos de culturas populares frequentemente aparecem em galerias de arte e exposições, desafiando as fronteiras entre os dois mundos.

A interação do público com a arte e os mais diversos processos comunicacionais se intensifica através de mídias sociais e eventos interativos, promovendo uma experiência coletiva e participativa que mistura o consumo de cultura de massas com a apreciação das belas artes. A arte contemporânea frequentemente aborda questões sociais e políticas, utilizando a estética e as plataformas da cultura de massas para amplificar suas mensagens e alcançar um público mais amplo.

Assim, podemos afirmar que essas dinâmicas demonstram que a divisão rígida entre a arte autônoma e a cultura de massas está se tornando obsoleta. Em vez disso, estamos testemunhando um rico intercâmbio cultural que valoriza a diversidade e a inclusão, permitindo que a arte contemporânea seja um espelho mais fiel da sociedade em que vivemos.

A ação cultural moderna não opera em compartimentos autônomos como arte, emprego, lazer, educação, mercado, direito e segurança. Em vez disso, ela se movimenta através de complexas cadeias de articulação, permitindo a intersectorialidade e a abertura da arte e da cultura a novas linguagens e narrativas. Essa abordagem integrada possibilita que a cultura seja um catalisador para o desenvolvimento social e econômico, atuando como uma ponte que conecta diferentes esferas da sociedade.

Para Yúdice (2014), a intersectorialidade permite a emergência de novas linguagens e

narrativas, expandindo o alcance e o impacto da cultura. Isso se traduz na integração de diferentes disciplinas e setores possibilitando a criação de narrativas mais inclusivas e representativas da diversidade cultural e social, e na colaboração entre artistas de diferentes áreas e setores fomenta a inovação, resultando em novas formas de expressão artística que desafiam as normas tradicionais.

Nesse contexto, é possível afirmar que a ação cultural integrada é um campo fértil para a inovação e a transformação social, ultrapassando as divisões convencionais para criar um impacto mais abrangente e significativo. E que esse fenômeno pode colaborar de maneira substancial para o fortalecimento das atividades em curso nos mais diferentes coletivos organizados.

A observação de Yúdice (2014), nos convida a refletir sobre a maneira como a cultura pode servir como uma ponte, conectando a arte autônoma e transcendente com a cultura de massas ou popular. Este fenômeno desafia as divisões tradicionais e sugere que as características normalmente associadas a essas categorias podem se manifestar de formas novas e inesperadas.

Diante desse contexto, podemos considerar que a percepção cultural não é estática ou linear. As pessoas interagem com a arte e a cultura de maneira que refletem suas próprias experiências, vivências e contextos sociais. Essas interações podem desestabilizar as fronteiras entre o que é considerada “alta” e “baixa” cultura, promovendo um diálogo que é tanto pessoal quanto coletivo.

4 ESCOLHAS METODOLÓGICAS – UM CAMINHO CONSTRUÍDO CAMINHANDO

Nos últimos anos, o avanço tecnológico transformou profundamente a maneira como nos comunicamos e como o ativismo social se manifesta. A tecnologia não apenas facilitou a disseminação de informações, mas também permitiu novas formas de engajamento e mobilização social. A seguir, exploramos como essas mudanças estão impactando o ativismo social.

Segundo Fernandes (2010), com a internet e as redes sociais, o acesso à informação se tornou mais democratizado. Qualquer pessoa com uma conexão à internet pode acessar uma vasta gama de informações, desde notícias locais até eventos globais. Isso tem permitido que mais vozes sejam ouvidas e que mais narrativas sejam compartilhadas.

As plataformas digitais possibilitam a comunicação instantânea entre indivíduos e grupos. Isso tem sido importante para o ativismo social, permitindo que organizadores se conectem rapidamente com apoiadores e coordenem ações em tempo real, conforme aponta Castells (2003).

Segundo Gohn (2008), as redes sociais oferecem uma plataforma poderosa para dar visibilidade a causas sociais. Campanhas podem se tornar virais, alcançando um público global em questão de horas. Isso tem ajudado a chamar a atenção para questões que antes poderiam ter sido negligenciadas pela mídia tradicional. A tecnologia tem facilitado a organização de protestos e eventos, permitindo que ativistas alcancem um grande número de pessoas sem a necessidade de recursos significativos. Plataformas como o *Facebook* e o *Twitter* são frequentemente usadas para coordenar eventos e manter os participantes informados.

Grupos online e fóruns permitem que pessoas com interesses e causas comuns se unam, independentemente de sua localização geográfica. Isso tem criado um senso de comunidade e solidariedade entre ativistas ao redor do mundo. Através de vídeos, *podcasts* e blogs, os ativistas têm a oportunidade de educar o público sobre suas causas de maneiras envolventes e acessíveis. Essas campanhas podem desmistificar questões complexas e incentivar uma participação mais informada.

O ativismo digital tem a capacidade de colocar pressão significativa sobre governos e corporações. Petições online, boicotes organizados e campanhas de e-mail são exemplos de como a tecnologia está sendo usada para exigir mudanças e responsabilizar entidades

poderosas, conforme aponta Gohn (2008).

Assim, é possível dizer que o avanço tecnológico tem sido um aliado poderoso para o ativismo social. Ao expandir as possibilidades de comunicação e engajamento, a tecnologia está ajudando a criar um mundo onde mais pessoas podem participar ativamente na promoção de mudanças sociais.

Segundo Gohn (2008), os coletivos sociais, muitas vezes formados por grupos que compartilham interesses e objetivos comuns, utilizam a comunicação como uma ferramenta poderosa para interagir e transformar o território em que estão inseridos. A comunicação permite que esses grupos expressem suas demandas, articulem suas estratégias e mobilizem a comunidade para ações coletivas.

Plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* são amplamente usadas para disseminar informações, organizar eventos e captar apoio. Elas permitem uma comunicação rápida e de grande alcance, essencial para envolver um público maior e diversificado. Coletivos frequentemente criam seus próprios jornais, revistas ou blogs para divulgar suas ideias e iniciativas. Esses canais oferecem uma perspectiva única e focada nas questões locais, muitas vezes ignoradas pela mídia tradicional.

A organização de manifestações, debates públicos e oficinas é uma forma eficaz de chamar a atenção para suas causas e envolver a comunidade local diretamente. Colaborações com rádios comunitárias, canais de televisão locais e outras mídias alternativas ajudam a amplificar suas vozes e alcançar públicos que normalmente não seriam atingidos, como destaca Recuero (2009).

Por meio dessas formas de comunicação, os coletivos podem realizar uma série de ações que impactam diretamente o território, como: Utilizando a comunicação para destacar a importância de determinados espaços, os coletivos podem colaborar na construção das políticas públicas e promovendo a revitalização de áreas negligenciadas. Campanhas de conscientização sobre questões ambientais, sociais e culturais ajudam a educar a população e fomentar mudanças de comportamento. A comunicação eficaz pode ajudar a fortalecer a identidade cultural e histórica de uma região, promovendo um senso de pertencimento e orgulho comunitário, como destaca Gohn (2008).

Assim, os coletivos que utilizam a comunicação de forma estratégica são capazes de moldar e transformar seus territórios de maneira significativa. Ao entender como esses grupos operam e quais ferramentas utilizam, podemos aprender valiosas lições sobre o poder da comunicação na promoção de mudanças sociais e territoriais.

Nesse contexto, o objetivo da presente pesquisa estava voltado para explorar como

grupos sociais organizados (coletivos) interagem e colaboram para pensar o espaço geográfico (território), por meio de processos comunicacionais, com foco em compreender como os coletivos utilizam diferentes formas de comunicação para moldar, reivindicar e transformar seu território.

Desse modo, como já destacado anteriormente, a metodologia escolhida para o trabalho foi o método estudo de caso e análise de conteúdo.

De acordo com Valle, P. R. D., & Ferreira, J. D. L. (2025), as etapas da pesquisa científica têm se revelado um campo vasto e complexo de investigações, dado o número de interfaces e interlocuções que integram esse processo. Essa complexidade é ainda mais evidente nas análises e discussões que buscam ampliar e qualificar o desenvolvimento da pesquisa, especialmente no que se refere à abordagem metodológica adotada pelo pesquisador frente ao seu objeto de estudo.

Para os autores, a escolha da metodologia é crucial, pois determina o percurso investigativo e a forma como os dados serão coletados, analisados e interpretados. Compreender as nuances de cada etapa, desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados, é fundamental para garantir a validade e a relevância científica do trabalho. Assim, a pesquisa não apenas contribui para o avanço do conhecimento, mas também se torna um exercício de reflexão crítica, onde o pesquisador deve constantemente dialogar com a literatura existente e adaptar suas estratégias às especificidades do seu objeto de estudo.

O percurso metodológico é um elemento crucial no desenvolvimento de uma investigação científica, servindo como alicerce para que a pesquisa alcance originalidade, rigor e reconhecimento no meio acadêmico. É nesse estágio que o pesquisador delinea os caminhos a seguir, definindo com clareza as estratégias para a produção e análise dos dados. A assertividade durante esse processo é vital, pois qualquer desvio ou imprecisão pode comprometer o desenvolvimento e a credibilidade do estudo. Portanto, a construção cuidadosa do percurso metodológico assegura não apenas a qualidade dos resultados, mas também a contribuição significativa para o avanço do conhecimento na área investigada, conforme ressaltam Valle, P. R. D., & Ferreira, J. D. L. (2025).

Nesse sentido, a escolha metodológica de um pesquisador desempenha um papel crucial na condução eficaz de um estudo, sendo fundamental que essa escolha esteja em consonância com os objetivos, problemas de investigação e elementos específicos do projeto, como o número de participantes, abrangência e contexto da pesquisa.

Segundo autores como Gil (2008), Triviños (1987), Flick (2004), Minayo (2014) e André (2001, 2007), a adequação entre a metodologia adotada e os objetivos da pesquisa é

essencial para a obtenção de resultados válidos e significativos. Uma pesquisa bem-sucedida requer que o pesquisador escolha técnicas de produção e análise de dados que não apenas respondam às perguntas de pesquisa, mas que também considerem as características dos participantes e o contexto em que o estudo será realizado. Essa articulação entre escolha metodológica e elementos da pesquisa garante que os dados coletados sejam relevantes e que a análise possa fornecer insights valiosos, contribuindo, assim, para o avanço do conhecimento na área investigada.

A intersecção entre a pertinência, a coesão, a rigorosidade e o comprometimento em todo processo investigativo é crucial para assegurar a credibilidade e o reconhecimento dos resultados apresentados nas pesquisas qualitativas. Esses elementos, quando harmoniosamente integrados, garantem que os dados produzidos sejam analisados de maneira coerente e eficaz. Para isso, é essencial empregar técnicas que promovam um olhar reflexivo, compreensivo e dinâmico sobre os dados.

Ainda de acordo com Valle, P. R. D., & Ferreira, J. D. L. (2025), a Análise de Conteúdo (AC) destaca-se como uma dessas técnicas, sendo amplamente utilizada no contexto educacional. Este método consiste em um conjunto de técnicas destinadas a compreender os sentidos manifestos pelos participantes de uma pesquisa, documentos analisados e outras formas de expressão. A AC permite explorar profundamente as nuances dos dados qualitativos, fornecendo insights valiosos que contribuem para o avanço do conhecimento e prática educacional.

A Análise de Conteúdo, conforme descrita por Bardin (2016), é uma metodologia em constante evolução que se aplica a discursos de naturezas variadas, buscando extrair e compreender os sentidos e significados atribuídos pelos participantes em estudos tanto qualitativos quanto quantitativos. Este método visa a sistematização rigorosa e objetiva das comunicações para descrever e interpretar o conteúdo das mensagens.

Assim, segundo Valle, P. R. D., & Ferreira, J. D. L. (2025), ao utilizar um conjunto de técnicas específicas, a análise se propõe a identificar indicadores que, quantitativos ou não, possibilitam inferir conhecimentos acerca das condições em que as mensagens foram produzidas e recebidas. A abordagem metodológica busca, portanto, não apenas quantificar dados, mas também compreender as complexidades e sutilezas presentes nos discursos, ampliando a interpretação e a contextualização dos fenômenos estudados.

Segundo Bardin (2016), as técnicas da Análise de Conteúdo são fundamentais para transformar dados brutos em informações significativas e compreensíveis. Entre essas técnicas, destacam-se a codificação, categorização e análise temática. A codificação envolve a atribuição

de rótulos ou códigos a segmentos de dados, facilitando sua organização e comparação. A categorização agrupa esses códigos em categorias maiores, permitindo uma visão mais ampla dos temas abordados. Já a análise temática busca identificar padrões ou temas recorrentes nos dados, possibilitando a revelação de insights profundos sobre o objeto de estudo. Além disso, a análise de conteúdo pode ser quantitativa, focando na frequência de palavras ou temas, ou qualitativa, onde a ênfase está no significado e contexto. Com essas técnicas, é possível garantir uma análise sistemática que respeita a complexidade e a riqueza dos dados analisados.

Para Galvão, M. C. B., Pluye, P., & Ricarte, I. L. M. (2017), refletir sobre os fenômenos sociais e contemporâneos é uma tarefa que exige uma análise profunda e multifacetada. Os desafios enfrentados pelos pesquisadores incluem a necessidade de avançar em estratégias metodológicas que possam compartilhar conhecimentos de maneira respeitosa e colaborativa. Segundo os autores, deve-se haver busca incessante por inovações nas abordagens metodológicas, que são essenciais para lidar com a complexidade dessas questões.

Nesse contexto, Galvão, M. C. B., Pluye, P., & Ricarte, I. L. M. (2017), reforçam que os métodos mistos são particularmente valiosos, pois permitem uma aplicação criativa e flexível das ferramentas de pesquisa, aumentando o potencial para mudanças transformadoras. O objetivo é assegurar que essas mudanças não causem danos adicionais ao tecido social, mas sim contribuam para um entendimento mais profundo e para soluções eficazes. Portanto, a capacidade de integrar diferentes perspectivas e metodologias é fundamental para enfrentar os desafios dos fenômenos sociais de maneira responsável e inovadora.

Nesse contexto, a proposta de estudo apresenta como base teórica e metodológica natureza qualitativa, de meios bibliográficos e fins exploratórios, visando investigar como o projeto TV de rua, do Instituto Tapuia, interage e alteram o espaço geográfico (território), por meio de processos comunicacionais, com foco em compreender como o projeto utiliza diferentes formas de comunicação para moldar, reivindicar e transformar seu território.

Nessa perspectiva, o corpus será composto de aporte teórico e análise de conteúdo das produções audiovisuais, realizadas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, tendo como procedimentos a seleção, leitura, fichamento, análise e discussão a partir de fontes bibliográficas, constituídas principalmente de livros, teses, dissertações e artigos. Este método permitirá uma compreensão profunda das dinâmicas e implicações do uso dos celulares no ativismo nas mídias, proporcionando uma base sólida para a análise crítica.

Importante destacar que pesquisas bibliográficas e exploratórias colaboram para que se tenha maior familiaridade com o problema de pesquisa. Dentro desta perspectiva, podemos dizer que as entrevistas serão extremamente úteis para coleta de material bibliográfico, o que

pode configurar, de acordo com Gil (2008), uma forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A escolha deste método de pesquisa se justifica pela complexidade do fenômeno estudado, que requer uma análise detalhada e abrangente. Ao combinar diferentes tipos de fontes e abordagens analíticas, espera-se oferecer uma contribuição significativa para o campo do jornalismo e das ciências sociais.

Desse modo, a escolha pelo estudo de caso, neste trabalho, decorre da compreensão de que desejamos avançar na reflexão sobre o impacto das produções audiovisuais, produzidas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, considerando, especialmente, que se refere a um processo não dominado pelos pesquisadores, mas de um desejo de construção de uma análise reflexiva e exploratória sobre os fenômenos em curso no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, e em suas produções.

Ventura (2007) destaca que descrever e caracterizar estudos de caso são uma tarefa complexa, pois esses estudos são empregados de formas variadas em diferentes disciplinas. Eles podem ser abordados tanto de maneira quantitativa quanto qualitativa, abrangendo uma ampla gama de áreas do conhecimento. Ainda segundo Ventura (2007), as abordagens quantitativas nos estudos de caso frequentemente envolvem a coleta e análise de dados numéricos para identificar padrões e verificar hipóteses. Esse tipo de abordagem é comum em pesquisas que buscam resultados generalizáveis ou que pretendem medir a eficácia de determinadas intervenções.

Por outro lado, segundo Ventura (2007), as abordagens qualitativas se concentram na compreensão profunda e detalhada de fenômenos específicos. Elas são úteis para explorar contextos complexos e obter insights sobre comportamentos, motivações e experiências humanas. Métodos como entrevistas, grupos focais, observações diretas, análises de conteúdo, são frequentemente empregados. Os estudos de caso são uma modalidade de pesquisa versátil e poderosa, com aplicações em diversas áreas do conhecimento. Seja para explorar fenômenos complexos ou para testar teorias e hipóteses, eles oferecem uma riqueza de informações que pode contribuir significativamente para o avanço do conhecimento em inúmeros campos, ressalta Ventura (2007).

O estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação. Destacam em seus estudos as características de casos naturalísticos, ricos em dados descritivos, com um plano aberto e flexível que focaliza a realidade de modo complexo e contextualizado (Ventura, 2007, p.384).

Para Yin, R. K. (2015), o estudo de caso, como método de pesquisa, será indispensável para muitas ocasiões, contribuindo, desse modo, para compreendermos os mais diferentes fenômenos sociais sejam eles coletivos, individuais, institucionais, políticos etc.

Segundo Yin, R. K. (2015), seja qual for o interesse do pesquisador e o objetivo da pesquisa, o método estudo de caso será extremamente útil para compreendermos fenômenos que acontecem na sociedade, e que podem ser definidos como complexos e de diagnóstico sem entendimento, nem clareza. Em síntese, segundo Yin, R. K. (2015), um estudo de caso estará voltado para colaborar com os pesquisadores, estimulando o foco em um “caso”, a fim de que consiga ter elementos consistentes para uma reflexão mais holística do fenômeno em questão.

Para César (2005), o Estudo de Caso pode ser definido como um método qualitativo, amplamente utilizado em diversas áreas de pesquisa, incluindo na comunicação. Seu principal objetivo é analisar um caso específico em profundidade, buscando compreender suas particularidades e, a partir disso, identificar padrões ou tendências que possam ser aplicados a situações semelhantes.

O Estudo de Caso é, segundo Cesar (2005), uma ferramenta valiosa no arsenal do pesquisador que busca não apenas informar, mas também entender e explicar os fenômenos que impactam nossa sociedade. Nesse contexto, podemos afirmar que o método Estudo de Caso é utilizado para coletar dados, por meio da observação, coleta de documentos, de relatos e outros elementos vinculados a um determinado fenômeno.

Para Yin (2015), o estudo de caso está vinculado a reflexão sobre fenômenos cotidianos que perfazem a vida real e, desse modo, busca colaborar para compreensão desses eventos, sejam eles, políticos, organizacionais, individuais, ainda que não se tenha uma clareza sobre os limites e possibilidades que atravessam esses fenômenos.

De acordo com Ventura (2007), essa escolha se mostra de grande valia, uma vez que quando utilizados em estudos exploratórios e, a partir de sua flexibilidade, sugere-se que se tenha atenção sobre os passos iniciais da investigação, sobretudo relacionados a temas mais complexos, com a proposta de contribuir para a elaboração de hipóteses ou redefinição de possíveis problemas.

Outro método fundamental para nossa reflexão se refere à análise de conteúdo, a fim de colaborar com a apreciação dos dados, conforme aponta Bardin (1997). Acredita-se que as integrações desses dois métodos podem auxiliar na pesquisa, sobretudo no que se refere à utilização de produções audiovisuais, como é o caso da presente tese.

Desse modo, compreendemos que a análise de conteúdo poderá nos dar pistas mais

claras sobre como essas produções audiovisuais, elaboradas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, podem impactar nas relações entre os sujeitos e o território, fomentando uma maior relação entre eles, para além das produções audiovisuais.

Para Bardin (1977, p. 29) “De uma maneira geral, pode dizer-se que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo, corresponde aos objetivos seguintes: - a ultrapassagem da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo está «visão» muito pessoal, ser partilhada por outros?”.

A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas que se utiliza de forma substancial para que seja possível a realização de uma análise de dados qualitativos. Silva e Fossá (2013) ressaltam que esse agrupamento de técnicas, tem por finalidade investigar, de modo mais complexo, o que se diz em entrevistas ou no processo de observação, realizada pelo pesquisador. Esse movimento permite colaborar para uma sistemática de relatos sobre posturas e atitudes, que podem fazer conexão com o contexto pesquisado ou não.

Para Barbosa (2016, p. 66), a análise de conteúdo teve sua origem por meio das metodologias quantitativas, que visavam a interpretação codificada do conteúdo qualitativo. “A análise de conteúdo se originou das metodologias quantitativas, cuja lógica seria a interpretação codificada do material de caráter qualitativo, e onde a rigidez científica recorria da pretensa objetividade dos números e das medidas. Contudo, sua evolução histórica explicita seu desenvolvimento como instrumento da análise das comunicações, sendo a presença de processos técnicos de validação a principal característica que a torna diferente de outras técnicas anteriores a ela”.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, conforme aponta Bardin (1977). Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Segundo Bardin (1977), no contexto da comunicação, a análise de conteúdo se torna uma ferramenta essencial para entender e interpretar as mensagens transmitidas por diferentes meios de comunicação. Ela permite aos jornalistas e pesquisadores examinar os temas, padrões e tendências dentro de um conjunto de dados comunicativos. Esta análise pode revelar insights sobre como as informações são apresentadas e percebidas pelo público. Desse modo, ao utilizar a análise de conteúdo, os pesquisadores podem aprimorar sua compreensão das comunicações e melhorar a qualidade e a precisão de suas reportagens.

Para Gomes (2002), a análise temática tem importante função haja vista sua relevante contribuição para o aprofundamento de reflexões teóricas e está compreendido em três etapas:

pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na pré-análise podemos observar o processo de organização, para que seja possível o desenvolvimento e sistemática das ideias primárias que estava prevista no referencial teórico, por exemplo. Esta etapa pode ser compreendida por quatro importantes passos. A leitura flutuante, a escolha dos documentos, a construção de objetivos e hipóteses, e a construção de indicadores.

Já na etapa definida como exploração do material é possível observar o movimento importante de administração das escolhas realizadas na etapa anterior. Pode ser definida como uma etapa longa, que prevê a construção do processo de codificação, e deve levar em conta os recortes realizados ao longo da primeira fase. Ou seja, essa etapa de codificação pode ser considerada como uma etapa fundamental na análise de conteúdo. Seria uma especial de mutação que os dados brutos tentem ou devem passar, a partir do recorte proposto pelo pesquisador, como aponta Bardin (1977).

Na terceira fase, podemos observar o movimento de apreciação e tratamento dos resultados, onde será possível constatar certa inferência e interpretação dos dados, que irá colaborar pela construção de resultados expressivos e latentes, a partir do material coletado. É neste momento que a análise terá condições de apresentar dados significativos, resultados que poderão colaborar com os objetivos definidos ou sobre outras possibilidades e descobertas que não estavam previstas.

Assim, entendemos que o uso dos métodos descritos acima, nas mais diferentes etapas de produção da Tese, tende a colaborar com a coleta de dados e consolidação de reflexões mais robustas e consistentes, auxiliando na compressão das atividades audiovisuais em curso no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

Desse modo, após definida a abordagem metodológica, o primeiro desafio desta pesquisa foi listar os coletivos com os quais iria interagir. Essa etapa é fundamental para garantir que a investigação seja abrangente e representativa das diversas vozes existentes no campo de estudo.

Trabalhar fora de Fortaleza apresentou um desafio significativo que levou a uma alteração nos objetos da pesquisa. Embora o contato inicial com alguns coletivos de Fortaleza tenha sido estabelecido, optamos por deslocar o foco da pesquisa para Sobral. Essa decisão foi baseada na possibilidade de dedicar mais tempo à pesquisa e de ter um contato mais próximo com coletivos que atuam com comunicação nessa região específica.

Após essa definição de mudança ou deslocamento da pesquisa, compreendemos que a cidade de Sobral possui uma variedade de coletivos ativos que trabalham com comunicação, o

que enriqueceu a pesquisa com novas perspectivas e práticas. A mudança para Sobral permitiu um maior investimento de tempo na interação e colaboração com os coletivos locais, ampliando o alcance e a profundidade da investigação.

Com essa mudança estratégica, a pesquisa não só se adaptou às circunstâncias, mas também se fortaleceu através do engajamento com uma nova rede de atores sociais, mantendo seu compromisso com a diversidade e representatividade.

A seleção foi feita considerando a relevância, diversidade e impacto dos coletivos na área de território, ativismo e comunicação. Esses passos iniciais foram fundamentais para estabelecer uma base sólida para a pesquisa e assegurar que ela fosse conduzida de maneira inclusiva e abrangente.

Assim, ao longo do processo, foi preciso identificar e se integrar aos coletivos: Cine Percepções (Sobral/Ceará, Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, Instituto Teias da Juventude (ITJ), Coletivo CORPØRE, Movimento Social FOME, Coletivo Ocuparte, Coletivo Comunicação Periférica, Coletivo de juventude periférica, Coletivo Sombras Nebulosas, participando de reuniões, eventos e outras atividades pertinentes. Será por meio da observação participante que será possível experimentar e documentar as dinâmicas internas do coletivo, como a tomada de decisões, a distribuição de tarefas e as formas de comunicação. Propomos a realização de entrevistas em profundidade com os membros do coletivo, a fim de fornecer compreensões valiosas sobre suas motivações, desafios e conquistas.

No que tange ao território, foi importante entender o espaço físico e simbólico que os coletivos ocupam e como esses espaços colaboram para pensar os processos em curso, motivados pelas práticas de comunicação. Isso pode envolver a análise do ambiente urbano, rural ou digital, e como esses contextos moldam as interações e identidades dos membros do coletivo.

Realizamos um mapeamento, ainda que superficial, dos coletivos, de maneira detalhada, revelando como o território e a comunicação se entrelaçam nas práticas cotidianas do grupo, por meio dos coletivos, foram diversos coletivos mapeados e, de algum modo, realizado um processo de aproximação para minimamente compreender suas relações com o território e com os processos de comunicação, até chegamos no principal objeto da nossa reflexão: Projeto TV da Rua - Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

Com base nas escolhas metodológicas traçadas e desenvolvidas, compreendemos que foi possível alcançar uma visão rica e compreensiva sobre a dinâmica dos coletivos em relação ao seu território e suas práticas comunicacionais, contribuindo significativamente para o campo de estudo. Nesse sentido, ao longo do processo, fizemos uso de multimetodologias no

procedimento etnográfico, utilizando Estudo exploratório, utilizando a técnica bola de neve e aplicação de questionários online; Observação oculta na plataforma do *Instagram* e *Youtube*, realização de oficinas - Método História de vida, e entrevistas entrevista semiestruturadas - Método História de vida

Apresentamos, a seguir, um quadro demonstrativo das atividades desenvolvidas, ao longo do processo de construção da presente tese, a fim de que se tenha um demonstrativo dos passos percorridos até o momento de avanço e/ou consolidação das reflexões em curso.

4.1 Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa

Quadro 1 - Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa

| Ordem de Acontecimento | Procedimento/ Técnica | Objetivo | Período | Participantes | Local de abordagem | Situação |
|------------------------|--|--|---------------------------|---|-------------------------------|-----------|
| 01 | Bola de neve | Mapeamento dos coletivos | Junho de 2023 | 03 coletivos | Entrevistas | Realizado |
| 02 | Survey / Questionário com perguntas Fechadas e Abertas | Coletar informações sobre os coletivos | Agosto e setembro de 2023 | 03 coletivos | Plataforma Formulários Google | Realizado |
| 03 | Conversações | Compreender os desafios e usos das ferramentas digitais para apresentar o território e projetar bandeiras de lutas dos coletivos | Junho e julho de 2024 | 15 Participantes (05 de cada coletivo) | Whatsaap | Realizado |
| 04 | Observação oculta no Instagram e Youtube | Acompanhar publicações dos coletivos no Instagram e Youtube | A partir de junho de 2023 | Redes dos 03 coletivos pesquisados | Instagram/ youtube | Realizado |
| 05 | Análise das produções audiovisuais. | Realizar análise das produções audiovisuais do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo | A partir de junho de 2024 | Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo | Produções Audiovisuais | Realizado |
| 05 | Mostra“Cinema | Identificar como | Junho de | 01 coletivos | Presencial | Realizado |

| | | | | | | |
|----|---------------------------------------|--|--------------------|-------------|--------------------|-----------|
| | na Praça” | os coletivos estão dialogando com o território e quais situações concretas isso se revela. | 2025 | pesquisados | | |
| 06 | Percepções e reflexões sobre o campo. | Registrar as principais observações, atividades, inquietações da Pesquisa. | Durante a pesquisa | - | Bloco de anotações | Realizado |

4.2 Entrevistas semiestruturadas

Para ampliar a compreensão sobre os usos das ferramentas de comunicação contemporâneas, realizei entrevistas semiestruturadas de cunho antropológico (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1995, 2001, 2003), com integrantes de coletivos do município de Sobral. Essas entrevistas permitiram explorar as diferentes maneiras como cada participante utiliza as plataformas digitais e ferramentas de mídia para promover suas ideias e projetos.

Os resultados das entrevistas revelaram uma diversidade de práticas comunicacionais, assim como desafios e oportunidades específicas enfrentadas por cada indivíduo no contexto atual. Além disso, essas conversas proporcionaram percepções valiosas sobre a percepção dos participantes em relação à eficácia e impacto de suas estratégias de comunicação.

Por meio dessa abordagem qualitativa, foi possível identificar padrões comuns e peculiaridades nas formas de expressão e interação mediadas por tecnologia, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do papel das ferramentas de comunicação na construção de identidades e na articulação de ações coletivas.

A entrevista semi-estruturada permite uma flexibilidade que é essencial para explorar profundamente as percepções e experiências dos entrevistados. Ao mesmo tempo, mantém um foco claro nos objetivos da pesquisa, garantindo que aspectos cruciais não sejam negligenciados. Essa técnica é particularmente eficaz em contextos onde é importante captar a complexidade e a riqueza das narrativas pessoais, proporcionando um equilíbrio entre a estrutura e a espontaneidade.

Utilizando essa abordagem, pude aprofundar minha compreensão sobre como as ferramentas de comunicação contemporâneas são empregadas pelo coletivo. As entrevistas

revelaram não apenas os métodos de utilização dessas ferramentas, mas também os significados atribuídos a elas pelos participantes. Isso foi importante para compreender como essas ferramentas são integradas nas estratégias de luta e defesa do território.

Além disso, a entrevista semi-estruturada facilitou um ambiente de diálogo onde os entrevistados se sentiram à vontade para compartilhar suas histórias e perspectivas. Isso não só enriqueceu a pesquisa com dados qualitativos valiosos, mas também contribuiu para a construção de um espaço de reflexividade mútua, onde tanto o pesquisador quanto os participantes puderam refletir criticamente sobre suas práticas e contextos.

Em suma, a entrevista semi-estruturada se mostrou uma ferramenta poderosa para desvendar o universo de significações do objeto estudado, promovendo uma compreensão profunda e nuançada das dinâmicas em jogo.

As entrevistas ocorreram em março de 2024, realizadas de forma virtual, por meio de formulário digital. Estas foram transcritas e foram essenciais para aprofundar a análise deste estudo e perceber as relações deles com as tecnologias digitais e com a mídia. Foi importante as entrevistas para confrontar os dados observados por meio da rede social Instagram.

Através dessas conversas, foi possível identificar padrões de comportamento, preferências e percepções que de outra forma poderiam passar despercebidos. As respostas dos entrevistados forneceram uma visão mais detalhada e qualitativa, complementando os dados quantitativos coletados previamente. Além disso, as entrevistas ajudaram a esclarecer dúvidas e a validar hipóteses formuladas durante a fase inicial da pesquisa.

Outro aspecto relevante das entrevistas se deu no momento em que construímos uma espécie de mapa dos coletivos que atuam com comunicação no município de Sobral, algo extremamente importante para efeito documental e histórico. A seguir, acompanhamos os dados extraídos das entrevistas/aplicação de questionários, realizadas ao longo da pesquisa, a fim de conhecer e construir aproximações com os mais diferentes coletivos da cidade de Sobral e Região.

4.3 Sobral e seus coletivos em movimento - uma aproximação necessária

A seguir, apresentamos alguns coletivos com os quais tivemos uma importante aproximação até a definição do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, como objetivo necessário para avançarmos na pesquisa. Apresentamos também,

alguns achados relevantes sobre a realidade de cada coletivo, a partir das informações, obtidas por meio de entrevistas via formulário virtual⁷. Essas entrevistas foram realizadas com 07 (sete) representantes dos coletivos abaixo destacados, e tinham o objetivo, como já mencionado, realizar uma aproximação com os coletivos da cidade de Sobral e Região.

4.3.1 Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo

O Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo ressalta as lutas em prol do município de Meruoca, visando o fortalecimento das artes, cultura, meio ambiente e cidadania. Com o projeto TV DE RUA fomenta a produção audiovisual focado no mercado de trabalho para a juventude, sem perder de vista os moldes artísticos.

Desde 2017, já tivemos 04 turmas. Onde os participantes aprendem técnicas da produção audiovisual. Entidade que atua na área da comunicação, audiovisual com foco na profissionalização da juventude. Surge com o intuito de oportunizar a juventude formação para atuar na cadeia produtiva da comunicação, se estendendo depois para demais linguagens, hoje está constituída como associação.

Segundo Ronis Tomaz, o Instituto atua na área da comunicação e audiovisual, com foco na profissionalização da juventude. “O Instituto Tapuia ressalta as lutas em prol do município de Meruoca, visando o fortalecimento das artes, cultura, meio ambiente e cidadania”, ressalta Ronis. Ele também destaca que ainda há Ilcenir Bôto, Naiana Souza e Renata Neres que atuam como representantes do Instituto.

Sobre o surgimento do instituto ele destaca que foi com o intuito de oportunizar a juventude formação para atuar na cadeia produtiva da comunicação, se estendendo depois para demais linguagens “do intuito de oportunizar a juventude formação para atuar na cadeia produtiva da comunicação, se estendendo depois para demais linguagens”, pontua. Ronis destaca também que a atuação do instituto acontece no município de Meruoca, no Ceará, e seu funcionamento está constituído como uma associação.

De acordo com Ronis Tomaz, o Instituto conta com o apoio da comunidade local na realização das atividades desenvolvidas e a relação com o território tem sido exitosa. Ronis destaca que há projetos com foco na formação e profissionalização na área da economia criativa, buscando incentivar a reflexão sobre o empreendedorismo e a busca por

⁷ Representante do Instituto Tapuia - Entrevista realizada de forma *online*, em março de 2024.

sustentabilidade financeira dos projetos audiovisuais, e que há apoio das comunidades locais nas atividades.

Segundo Ronis, o instituto desenvolve diversas atividades onde o produto final, são documentários produzidos pelos jovens participantes. “Como atividade final, os participantes gravaram um documentário sobre pessoas e histórias das suas comunidades”, reforça Ronis Tomaz.

Ainda segundo Ronis, há um diálogo permanente com a comunidade/ território, possibilitando uma maior integração com a comunidade local e com o território. Ele destaca que não conta com apoio Governamental, por meio de políticas públicas.

Contudo, em algumas ocasiões contam com apoio pontuado da Gestão Municipal. Nessa questão tem dificultado avançar nos processos e ações planejadas pelo coletivo. Com ausência de um suporte maior, do ponto de vista financeiro, não se consegue avançar nas suas lutas, fragilizando o impacto das ações na sociedade, finaliza Ronis Tomaz.

Registros:

Figura 1- Oficinas - Projeto TV de Rua - Instituto Tapuia



Fonte: Instagram oficial Instituto Tapuia

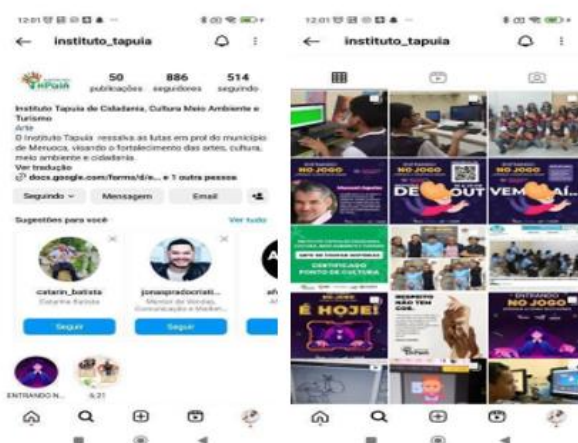
Figura 2 - Oficinas - Projeto TV de Rua - Instituto Tapuia



Fonte: Instagram oficial Instituto Tapuia

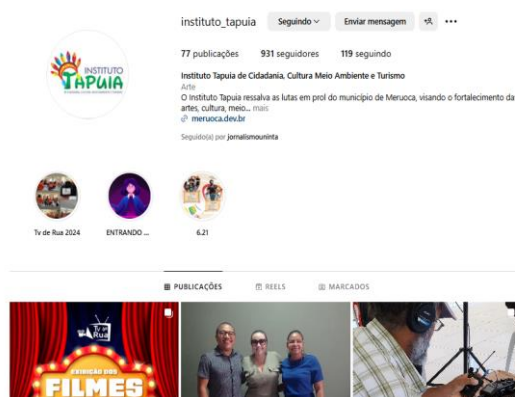
Redes sociais

Figura 3- Redes sociais - Instituto Tapuia



Fonte: Instagram oficial Instituto Tapuia

Figura 4 - Print do Instagram oficial Instituto Tapuia



Fonte: Instagram oficial Instituto Tapuia

4.3.2 Instituto Teias da Juventude (ITJ)

O Instituto Teias da Juventude (ITJ) é uma entidade autônoma, de direito privado, sem fins econômicos e lucrativos, com foro jurídico no município de Sobral, e articulação em todo território nacional. Tem como missão: colaborar para a construção de projetos de vida de adolescentes, jovens e suas famílias, através de atividades que promovam a ressignificação de valores, a democratização do acesso às políticas públicas (cultura, educação popular, saúde comunitária, meio ambiente e assistência social) e o fortalecimento da participação juvenil, enquanto instrumentos de transformação social.

Desde 2015, realizamos o projeto Vida nas Teias da Cultura que desenvolve atividades sócio educativas, aulas de dança, música e teatro, acompanhamento familiar, dentre outros. Desde sua constituição já executou diversos projetos na área de juventude, esporte, comunicação, saúde e etc. configura-se como estratégia de redução e prevenção das principais problemáticas vivenciadas por crianças, adolescentes e jovens e intervenção frente às múltiplas fragilidades existentes nas comunidades periféricas nas quais estão inseridos, possibilitando uma visão ampliada e compreensiva da complexidade das situações de vulnerabilidade e risco social às quais estão expostos.

Propõe-se a ser um espaço de promoção, proteção e defesa de direitos, promovendo ações direcionadas ao estímulo do empoderamento infanto-juvenil, para intervirem como agentes de transformação social, com atuação in loco, de forma crítica, consciente e transformadora junto à sua comunidade. Além disso, visa tornar os seus beneficiários cidadãos participativos e transformadores da sua realidade.

O Projeto fomenta o protagonismo juvenil, levando o público a agir proativamente nas comunidades de forma protagônica, consciente e crítica. Possibilita o acesso a ações de arte e

cultura, estimulando e disseminando o desenvolvimento de habilidades e de expressões culturais nas comunidades atendidas favorecendo e instigando uma comunicação não violenta entre crianças, adolescentes, famílias e comunidades.

Segundo Janaína Magalhães⁸, coordenadora Administrativa do Instituto Teias da Juventude, o Instituto colabora para a construção de projetos de vida de adolescentes, jovens e suas famílias “Através de atividades que promovam a ressignificação de valores, a democratização do acesso às políticas públicas (cultura, educação popular, saúde comunitária, meio ambiente e assistência social) e o fortalecimento da participação juvenil, enquanto instrumentos de transformação social, o Instituto tem colaborado com a comunidade local.

Desde sua constituição já executou diversos projetos na área de juventude, esporte, comunicação, saúde e etc. Janaína também destaca que o coletivo surge como estratégia de redução e prevenção das principais problemáticas vivenciadas por crianças, adolescentes e jovens, “Será por meio de intervenção frente às múltiplas fragilidades existentes nas comunidades periféricas nas quais estão inseridos, possibilitando uma visão ampliada e compreensiva da complexidade das situações de vulnerabilidade e risco social às quais estão expostos”, pontua Janaína.

Propõe-se a ser um espaço de promoção, proteção e defesa de direitos, promovendo ações direcionadas ao estímulo do empoderamento infanto juvenil para intervirem como agentes de transformação social, com atuação *in loco*, de forma crítica, consciente e transformadora junto à sua comunidade. Além disso, visa tornar os seus beneficiários cidadãos participativos e transformadores da sua realidade”, ressalta Janaína.

Nesse sentido, para Janaína, ao fomenta o protagonismo juvenil, levando o público a agir proativamente nas comunidades de forma ativa, consciente e crítica, possibilitando o acesso a ações de arte e cultura, estimulando e disseminando o desenvolvimento de habilidades e de expressões culturais nas comunidades atendidas favorecendo e instigando uma comunicação não violenta entre crianças, adolescentes e famílias o Instituto tem se consolidado no território que atua.

Janaína pontua também que o Instituto se configura como uma entidade social sem fins lucrativos, sediada em Sobral, e desenvolve ações ligadas a aulas de teatro, dança e Música; as oficinas socioeducativas; tendas culturais; intercâmbios culturais; encontros de formação – SEMEARTE; espetáculos culturais; visitas domiciliares e as sessões de vida terapia, além das atividades diretamente com a comunicação.

⁸ Representante do Instituto Teias da Juventude - Entrevista realizada de forma *online*, em março de 2024

Sobre a relação com o território, Janaína pontua “O ITJ possui estreita relação com o território em que está localizado, assim como também com as comunidades em que atua. Todos os projetos e ações são voltados para a melhoria da qualidade de vida dos beneficiados e o desenvolvimento das comunidades atendidas. Há uma forte presença do território nas atividades do Instituto. Seja pensando nas ações, seja participando dos projetos.

Estão sempre disponíveis à comunidade para contribuir no que estiver ao nosso alcance, assim como, através dos projetos realizamos as atividades com as famílias, encontros, visitas domiciliares e etc.” Sobre os desafios, Janaína aponta a ausência de uma sede própria; acessibilidade do espaço alugado; continuidade dos projetos; captação de recursos; maior envolvimento das famílias e etc.

Registros:

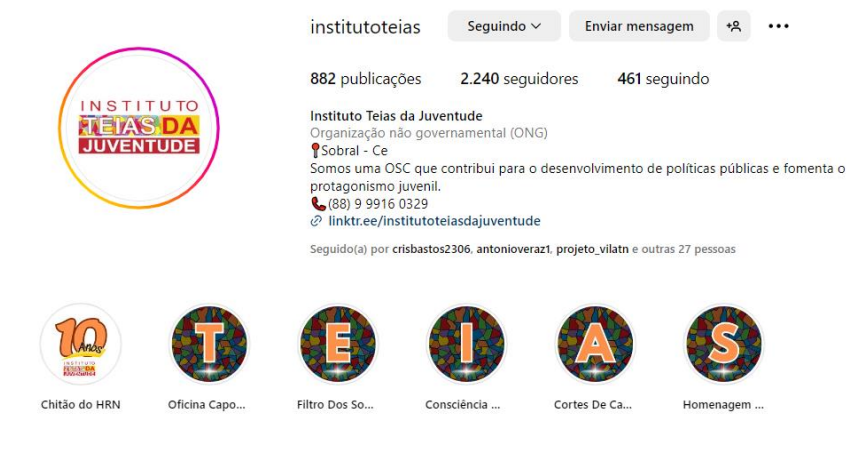
Figura 5 - Registro de atividades - Instituto Teias



Fonte: Instagram oficial **Instituto Teias da Juventude**

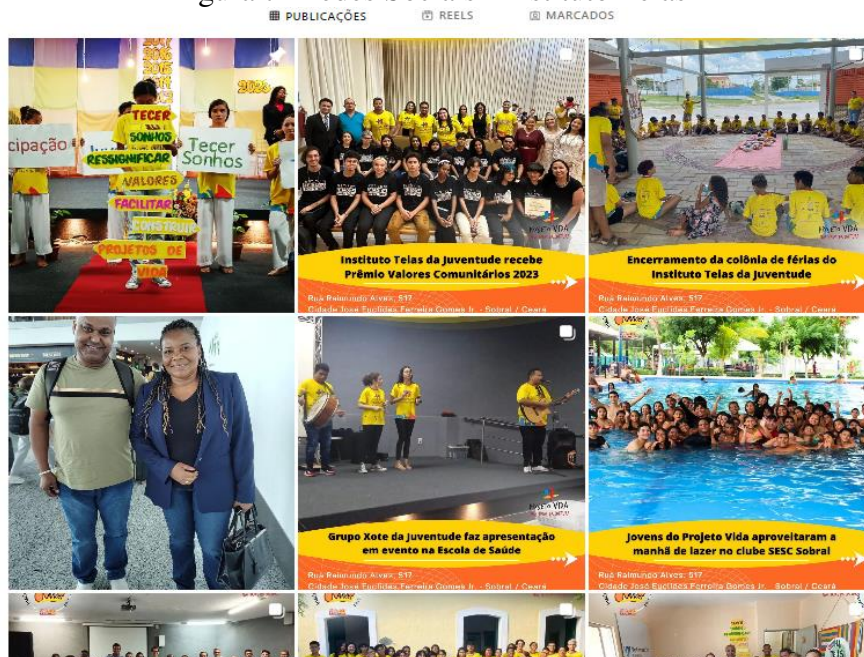
Redes sociais

Figura 6- Redes Sociais - Instituto Teias



Fonte: Instagram oficial Instituto Teias da Juventude

Figura 7- Redes Sociais - Instituto Teias



Fonte: Instagram oficial Instituto Teias da Juventude

4.3.3 Coletivo CORPØRE

O Coletivo CORPØRE se configura enquanto um agente cultural voltado para a produção em Dança Contemporânea e Audiovisual formado e protagonizado por indivíduos de sexualidade dissidentes habitantes da cidade de Sobral, no Ceará. Existente desde 2018 com o espetáculo “Díspar”, o grupo tem como característica principal o resgate de memórias e

histórias que carecem de documentação histórica.

De acordo com Renan Salgueiro⁹, um dos idealizadores e responsáveis pelo coletivo, O Coletivo CORPØRE se configura enquanto um agente cultural “Nosso coletivo é voltado para a produção em dança contemporânea e audiovisual, formado e protagonizado por indivíduos de sexualidade dissidentes habitantes da cidade de Sobral, no Ceará. Existente desde 2018, com o espetáculo “Díspar”, o grupo tem como característica principal o resgate de memórias e histórias que carecem de documentação histórica”, ressalta.

Para Renan, o coletivo surgiu do desejo de trabalho dos integrantes com a criação e produção com a Dança Contemporânea. Atualmente, o coletivo possui três encontros semanais, divididos entre ensaios, criações e organização das produções. O coletivo possui ações de formação: Portas Para a Dança, todas as segundas-feiras Casa Cultural. Além dos encontros/ações de criação: divididos entre a Casulo e Casa Cultural e o Instituto ECOA.

Sobre a relação com o território, Renan destaca que “Entendendo o território como a cidade na qual o coletivo atua, elenca a Secretaria de Cultura do Município como principal ferramenta territorial quando se fala sobre a produção cultural e artística na cidade. Sendo assim, a relação da SECULT com o coletivo é pontual, logo não continuada. Não existe um entendimento direto da SECULT sobre as ações-encontros e produções do coletivo. Todo o diálogo existente é limitado às ações ligadas a editais”.

Renan não soube o território nas ações do coletivo: Não soube definir a representação do território nas ações do coletivo, contudo pontuou que há espaços de diálogos permanentes com o território, a fim de estreitar relações e estimular a sua participação ativa nas ações do coletivo? “Não. Acreditamos que as ações de diálogo permanente devem ser possibilitadas e realizadas pela própria instituição organizacional do território (em nosso caso, a SECULT)”.

Sobre os desafios enfrentados pelo Coletivo Corpore, Renan pontua a carência de políticas públicas. “A carência de editais municipais que contemplem as produções locais. A maioria dos editais nos quais o coletivo está inscrito são de cunho estadual ou federal, o que significa uma maior concorrência. Considerando que os critérios adotados são os mesmos para produções desenvolvidas em capitais e grandes centros culturais, as ações de um coletivo localizado no interior do estado em uma cidade média dificilmente terão a mesma base estrutural, ressaltou.

⁹ Representante do Coletivo Corpore - Entrevista realizada de forma *online*, em março de 2024

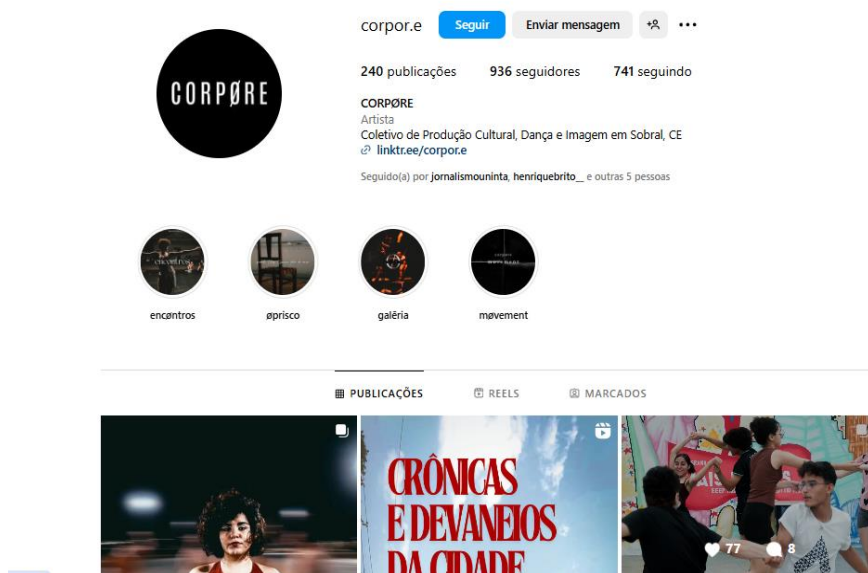
Registros:

Figura 8 - Registro atividades – CORPORE



Fonte: Instagram oficial **Corpore**

Figura 9- Print do Instagram oficial CORPORE



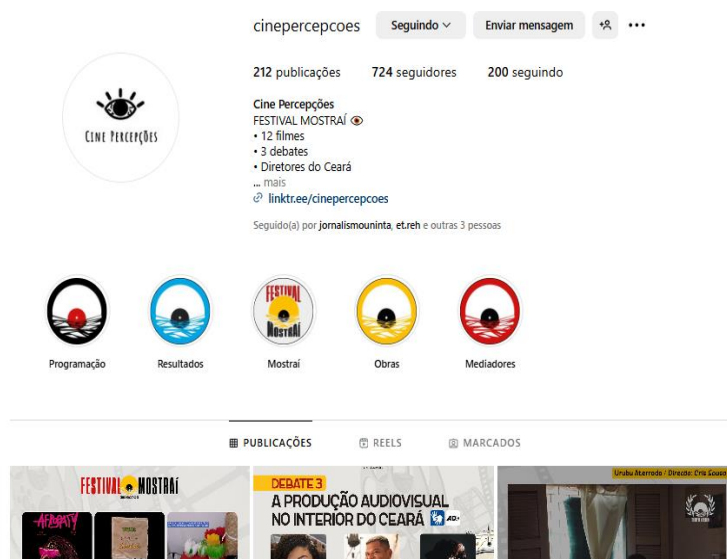
Fonte: Instagram oficial **Corpore**

4.3.4 Coletivo: Cine Percepções (Sobral/Ceará)

O Cine Percepções (Sobral/Ceará) começou a se organizar em 2018 com o objetivo inicial de estabelecer um local para encontros entre amantes do cinema, exibição, discussão e debate de obras cinematográficas, promovendo interação e mostras de trabalhos audiovisuais. Percebendo a importância da mobilização e efeitos da arte no período de isolamento social (a saber: Exibindo a Sala de Cinema Virtual, realizada em maio deste ano através da plataforma Twitch, o Cine Percepções destaca o cinema e audiovisual como parte essencial das contribuições culturais e mentais (por exemplo, representatividade cultural e saúde mental),

com interações entre curadores, equipe técnica e público no chat ao vivo da plataforma.

Figura 10- Print do Instagram oficial Cine percepções



Fonte: Instagram oficial Cine percepções

O Cine Percepções foi idealizado por Tamires Coimbra. Ela é uma artista visual, produtora cultural, artista do corpo e cineclubista LGBTQIAP+, e colabora com os Coletivos Lado B e Toca da Matraca. Responsável também pela criação do ateliê Vaca Profana. Obteve formação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Tamires também realiza pesquisas sobre as artes, culturas e juventudes, explorando a conexão entre a cidade e os corpos.

Desse modo, segundo Tamires Coimbra¹⁰, o Cine Percepções (Sobral/CE) tem se organizado com objetivo inicial de criar um espaço de encontros entre apreciadores da sétima arte ao promover exposições, debates e produções audiovisuais, sendo um espaço para interações e mostras de trabalhos. Iniciaram suas atividades com encontros despretensiosos, aos finais de semana, na Casa de Cultura 4 Portas na Mesa, em Sobral/Ce.

Atualmente, o coletivo conta com participação “fixa” de Thamires Coimbra, Fran Nascimento e Lucas Melo; e dentre as principais ações desenvolvidas pelo Coletivo Cine Percepções estão: as maratonas cinematográficas com filmes assinados por diretores consagrados da história do cinema mundial, onde ao final das sessões eram realizadas rodas de

¹⁰ Representante do Coletivo Cine Percepções - Entrevista realizada de forma *online*, em março de 2024.

conversas a respeito das obras, referências e como esses artistas colaboram, de algum modo, com nossa trajetória, conforme pontua Thamires.

Percebendo a importância dos efeitos da arte no período de isolamento social - contribuições na representatividade cultural e saúde mental, por exemplo - durante o período de quarentena decidimos dar continuidade às nossas atividades por intermédio da Sala de Cinema Virtual, através da plataforma Twitch.

Segundo Thamires, durante as exibições era possível a troca de interações entre os espectadores pelo chat ao vivo da plataforma. O filme *Ser da Margem*, realizado durante os anos de 2018 a 2020, contou com o apoio do Cine Percepções para sua realização e estreia.

O filme reúne imagens captadas nesses dois anos e tem como plano de fundo histórico as tensões sociopolíticas que os marcaram, como a eleição para presidência e a pandemia da covid-19. O média-metragem apresenta quatro histórias de jovens sobralenses, conectadas através da relação desses personagens com um espaço físico/abstrato em comum: a Margem.

Sobre os conteúdos das transmissões, Thamires destaca: “As histórias abordam temas como as mudanças, incertezas, surpresas e absurdos da vida no século XXI. Festival Mostraí Cine Percepções (2022), primeiro festival de cinema independente da Região Norte, contou com exibições de produção cinematográfica dos interiores cearenses, oportunizando encontros da cena audiovisual para estimular a criação de uma rede de realizadores de Sobral e Região Norte, democratizando o acesso ao cinema e ao fazer cinema. Esse projeto foi financiado pela Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural do município de Sobral/CE’.

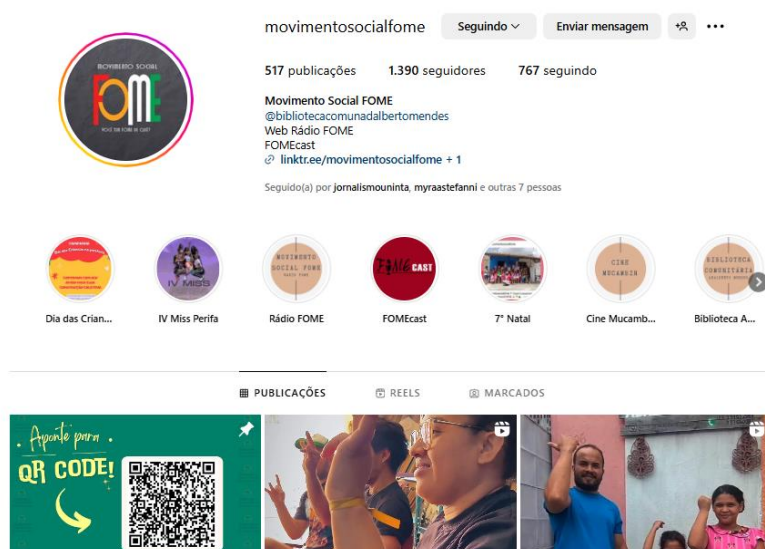
4.3.5 Movimento Social FOME

O Movimento Social FOME surge nessa perspectiva de apresentar uma organização popular, que insira diretamente a força do povo nas ocupações do espaço público. O Movimento surge pela FOME de políticas públicas direcionadas às comunidades periféricas da cidade de Sobral, por esse motivo tomamos a iniciativa de lutar ao lado dos nossos irmãos, uma vez que a FOME que passamos é a mesma para além de se pensar só num prato de comida. Assim, “Ter FOME não é só comer um prato de comida” (Gil do Rock), nós que moramos na periferia acreditamos que a mudança deve acontecer de baixo para cima e não como está colocado pelos governantes, que sem conhecer ou comunicar a população tomam decisões arbitrárias contra a coletividade, construindo assim os mecanismos burocráticos e hierárquicos da

representatividade.

Atualmente, o Movimento Social FOME, atua em diversas linguagens culturais e sociais, o movimento administra o espaço da biblioteca comunitária Adalberto Mendes no bairro Terrenos Novos além de realizar a biblioteca ambulante, sarau Força e Resistência, Quebrada Roots (reggae), oficinas com intervenções de arte urbana, fotografia, áudio e vídeo.

Figura 11- Print do Instagram oficial Movimento Fome



Fonte: Instagram oficial Movimento Fome

4.3.6 Coletivo Ocuparte

O Coletivo Ocuparte se configura como um espaço voltado para diálogos, proposições de ideias, construção de projetos, e maneiras de ocupar e permanecer. Projetos desenvolvidos:

- Laboratórios do Corpo. Os encontros ocorrem aos domingos, no Parque Sobral. Principais ações: Grito Rock Sobral; Música na Rota; Periféricos - Mostra de Artes da Periferia.

Figura 12- Print do Instagram oficial Coletivo Ocuparte

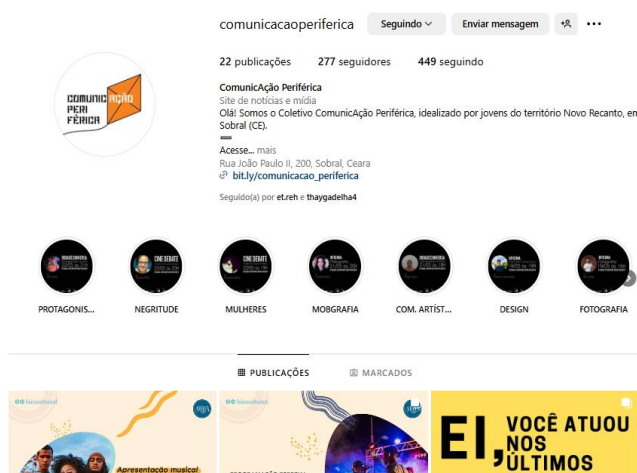


Fonte: Instagram oficial Coletivo Ocuparte

4.3.7 Coletivo Comunicação Periférica ou Coletivo de Juventude Periférica

O Coletivo Comunicação Periférica ou Coletivo de Juventude Periférica propõe novas formas de representação midiática, legitimando a comunicação livre, além de democratizar e ampliar o acesso à informação. Nossa luta é contra a marginalização em sua forma estrutural, promovendo atividades de cunho político-social que possam projetar novas narrativas e permitam o entendimento da população periférica sobre a dinâmica de se compreender.

Figura 13 - Instagram oficial Comunicação Periférica



Fonte: Instagram oficial Comunicação Periférica

É alinhado às lutas políticas da Pastoral de Juventude em defesa das vidas à margem da sociedade. Atua com cultura popular, arte, educação e política comunitária. Grupo de jovens ligados à Pastoral da Juventude (PJ) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desde sua origem na década de 1990 com atuação religiosa, artística e cultural voltada para valorização da vida do jovem e pelas lutas sociais e políticas a favor da juventude e da vida humana e ambiental.

4.3.8 Coletivo Sombras Nebulosas

O Coletivo Sombras Nebulosas surge no início de 2020, com 09 DJs periféricos compondo a programação do Bloco LGBTQI+ Tô Loukah, na cidade de Sobral. A Coletiva Sombras Nebulosas nasce da necessidade de incluir na cena local nossos sons, incluindo ritmos e danças que por diversas vezes são colocados em segundo plano. Além disso, algo que contribuiu para este encontro de DJs foi nossa busca constante de representatividades nos palcos.

Entendendo o palco como nosso lugar por direito, além de ser um dos locais com maior facilidade para ampliarmos nossas vozes e pensamentos. Indo do rap ao trap, do funk ao vogue, passando pelo psytrance, nossos sets inicialmente foram escolhidos baseados em nossas pesquisas informais sobre as músicas que habitam os rolezinhos, batalhas de MCs e slams da cidade de Sobral.

A partir de um processo de análise, por meio das coletas de dados, foi possível realizar a escolha pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, localizado no Município de Meruoca, no Ceará, para avançarmos nas reflexões sobre a proposta do trabalho. Para a presente pesquisa, optamos por analisar as produções audiovisuais realizadas por jovens participantes do projeto TV DE RUA, realizado pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, em Meruoca, além de oficinas e aplicação de questionários.

É importante ressaltar os desafios enfrentados ao tentar localizar e se encontrar com os coletivos mencionados anteriormente. A comunicação para agendamento de visitas e encontros frequentemente foi colocada em espera devido ao ritmo intenso de encontros e atividades que os coletivos mantêm.

Muitos membros relataram falta de tempo devido às suas agendas lotadas. Houve uma clara priorização de prazos para entrega de projetos para editais, o que frequentemente adiou ou impossibilitou a realização de encontros. A comunicação efetiva para o agendamento de

visitas foi dificultada pela necessidade de alinhar as disponibilidades dos coletivos com as visitas. A necessidade de flexibilidade nos horários para acomodar as atividades e compromissos dos coletivos.

Esses fatores contribuíram para os desafios no processo de articulação e engajamento com os coletivos, destacando a necessidade de estratégias adaptativas para facilitar a comunicação e colaboração futuras. Ressaltamos que esse movimento de aproximação com diversos coletivos que atuam diretamente ou indiretamente com comunicação, foi importante para definição do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, como importantes coletivos para avançarmos nas reflexões que a pesquisa se propunha a realizar.

4.4 Percepções e reflexões - Movimento marcado por descobertas

Aqui, trato especificamente da minha aproximação e desenvolvimento da pesquisa no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, explorando das mais diferentes formas onde os processos comunicacionais estavam conectados com o avanço tecnológico e como o território estava sendo apresentado nas ações do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo.

Assim, ao ingressar no Instituto Tapuia, senti-me imediatamente imerso em uma atmosfera vibrante e acolhedora. Este coletivo, dedicado à interseção entre cidadania, cultura, meio ambiente e turismo, utiliza a comunicação como uma ferramenta poderosa para fortalecer os laços entre os participantes e o território em que estão inseridos.

Durante minha jornada com o Instituto, tive a oportunidade de participar de diversas atividades que ampliaram meu entendimento sobre a importância do território. Em uma dessas ocasiões, visitamos uma comunidade que, através de práticas sustentáveis, preservava não apenas o meio ambiente, mas também sua rica herança cultural.

Os moradores, com quem tivemos longas conversas, compartilharam histórias de resistência e adaptação, evidenciando como a comunicação comunitária pode ser um catalisador para a preservação cultural e ambiental.

Testemunhar a interação entre os membros do Instituto e a comunidade local solidificou minha percepção de que a comunicação não só informa, mas também transforma. Esta troca contínua de saberes e experiências promove um sentimento de pertencimento e responsabilidade coletiva em relação ao território.

Por meio do trabalho no Instituto Tapuia, pude compreender como as diversas vozes - desde os sábios conhecimentos dos líderes comunitários até análises acadêmicas sobre práticas de sustentabilidade, estavam inseridos em seus processos de produção de comunicação. Este diálogo entre diferentes perspectivas enriquece não só o entendimento do território, mas também inspira ações concretas de preservação e valorização cultural.

Posso destacar que minha experiência no Instituto Tapuia reforçou a ideia de que o ativismo em comunicação territorial é essencial para fomentar um desenvolvimento sustentável e inclusivo, onde cada voz é ouvida e cada história é valorizada.

Conforme já ressaltado, a escolha do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, se deu por questões de aproximação pessoal - uma vez que já tinha vivenciado experiências similares, atuando, ainda jovem, em um projeto social de uma ONG de Fortaleza, chamada “Fábrica de Imagens”, onde ocorria processo de formação, produção e disseminação de conteúdo audiovisual, produzidos por jovens da periferia da cidade, e por questões de maior aproximação com os desafios que a pesquisa nos colocava.

Assim, estabelecemos o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo como objeto central das nossas reflexões. A partir desta definição, foi necessário realizar uma aproximação com esse campo que já seria palpável e que já se tinha um caminho construído.

Nesta coleta, permiti-me “*ser afetado pelo campo*” (Favret-Saada, 2005), dada minha condição de pesquisador durante a realização do estudo e minha relação íntima práticas de comunicação que envolvem sujeitos periféricos, tanto por ter sido um jovem comunicador, participante de projetos sociais de comunicação quanto por compreender a importância de ações como as quais Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo tem buscado desenvolver

Minha abordagem ao estudo foi guiada por uma combinação de experiências pessoais e profissionais, permitindo-me compreender de maneira mais abrangente a complexidade dos fenômenos comunicacionais em curso no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, como esses processos estão conectados com o avanço tecnológico e quais conexões com o território seriam possíveis, a partir das atividades em curso.

A imersão no campo foi tanto um desafio quanto uma oportunidade de crescimento, ampliando minha perspectiva sobre o papel do imigrante na sociedade portuguesa e sua contribuição na comunicação e ativismo local.

Ao abordar a pesquisa de campo, é fundamental reconhecer a importância de uma dimensão sensível, que transcende a mera coleta de dados. Esta abordagem humanizadora e civilizatória não só busca a humanização dos sujeitos e interlocutores, mas também transforma o próprio pesquisador. Como apontam Sodré (2016) e Gomez & Reyes (2011), a interação

genuína e empática é essencial para a construção de um conhecimento mais profundo e significativo.

Este enfoque promove uma comunicação mais autêntica e uma compreensão mais rica das dinâmicas sociais, culturais e ambientais que cercam o estudo, refletindo o compromisso do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo com uma prática de pesquisa que respeita e valoriza a diversidade e a dignidade humana.

Na prática, enfrentei desafios que, anteriormente, só conhecia por meio das leituras, mas que, ao fazer uso do método Estudo de Caso, foi possível avançar no campo e na busca por elementos que pudessem lançar novas pistas para pesquisa, conforme Cesar (2005) aponta, ao dizer que o Estudo de Caso é uma ferramenta valiosa no arsenal do pesquisador que busca não apenas informar, mas também entender e explicar os fenômenos que impactam nossa sociedade.

O processo de interação com os sujeitos da pesquisa no campo revelou-se desafiador, exigindo habilidades de comunicação e empatia para estabelecer confiança e compreensão mútua. Encontrei a necessidade de mediar conflitos que surgiam durante as entrevistas e observações, garantindo que as vozes de todos os participantes fossem ouvidas e respeitadas. A adaptação às diferentes realidades e contextos culturais dos interlocutores foi um aprendizado contínuo, destacando a importância da flexibilidade e do respeito às diversidades culturais. Além dos desafios de campo, a troca de ideias e experiências com colegas na academia foi relevante para a construção de um Estudo de Caso rico e bem fundamentado, promovendo um ambiente de aprendizado coletivo.

Esses desafios práticos não apenas enriqueceram minha compreensão teórica do jornalismo etnográfico, mas também fortaleceram minha capacidade de análise crítica e reflexiva, essenciais para a prática do jornalismo comprometido com a cidadania e a cultura.

O resultado dessa pesquisa é uma colcha de retalhos tecida através de inúmeras interações e experiências. Cada reunião, cada conversa, e cada debate acalorado contribuíram para a construção deste trabalho, transformando-o em uma rica narrativa de observações e aprendizados. As sessões contínuas com a orientadora foram fundamentais para afinar o foco da pesquisa e garantir que todas as nuances fossem capturadas.

Cada encontro trouxe novas perspectivas e direcionamentos importantes. Participar de encontros e atividades do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo proporcionou um espaço para troca de ideias e discussões intensas. Esses momentos foram cruciais para desafiar suposições e enriquecer a análise crítica do tema estudado, realizar a Mostra “Cinema na Praça”, ao longo do processo, ampliou o conhecimento sobre o objeto da pesquisa, reforçando seus objetivos prioritários, e o contato direto com os sujeitos e interlocutores de pesquisa foi, sem dúvida, uma das partes mais enriquecedoras do processo.

Cada conversa foi uma oportunidade de aprender e entender melhor o contexto e as

dinâmicas sociais em jogo. Este trabalho é, portanto, um mosaico de experiências, reflexões e colaborações, que juntas fornecem uma visão abrangente e detalhada do objeto de estudo.

A abordagem metodológica adotada neste capítulo foi orientada pela necessidade de uma recombinação intelectual constante, conforme discutido por Peirano (2014). Esta recombinação não apenas enriquece a coleta de dados, para avançar o Estudo de Caso, mas também permite ao etnólogo explorar novas perspectivas e narrativas dentro do território de estudo, sempre considerando o contexto específico de espaço e tempo.

A recombinação intelectual mencionada por Peirano (2014) é essencial para a inovação e a relevância do Estudo de Caso, proposto neste trabalho. Este processo envolve a contínua adaptação e reformulação de abordagens teóricas e metodológicas à luz das observações e interações de campo. É este dinamismo que permite que o Estudo de Caso permaneça uma ferramenta vital para o entendimento de realidades sociais em constante mudança.

4.4.1 Instituto Tapuia: comunicação, território e ativismo

Apresentar o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo e como ele vem dialogando com o território, se apropriando das ferramentas de comunicação contemporânea é, de certo modo, analisar como foi se constituindo, os acontecimentos cotidianos e as relações que vão compondo sua história e sua dinâmica territorial.

O Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo tem se consolidado como organização que se dedica a promover a cidadania e a sustentabilidade através da interação com o território que ocupa. Este instituto tem se destacado ao utilizar ferramentas de comunicação contemporânea para fortalecer suas ações e engajar a comunidade local em suas iniciativas.

A apropriação das ferramentas de comunicação pelo Instituto Tapuia tem sido essencial para a disseminação de suas atividades e para a construção de uma identidade forte e coerente. Utilizando redes sociais, plataformas digitais e eventos presenciais, o instituto consegue transmitir suas mensagens de forma eficaz e alcançar um público mais amplo.

A história do Instituto Tapuia vai sendo construída a partir dos acontecimentos cotidianos e das relações que estabeleceu ao longo dos anos. Desde sua fundação, o instituto tem se comprometido em entender e respeitar as dinâmicas territoriais, sempre buscando integrar suas ações às necessidades e demandas da comunidade.

O impacto das ações do Instituto Tapuia é visível na transformação que promove no território. Projetos voltados para a educação ambiental, o turismo sustentável e a valorização

da cultura local têm gerado resultados positivos, incentivando a participação ativa dos cidadãos e promovendo o desenvolvimento socioeconômico da região. O Instituto Tapuia continua a ser um exemplo de como organizações podem utilizar a comunicação para fortalecer suas missões e promover mudanças significativas em suas comunidades.

Assim, a elaboração deste capítulo é resultado direto das atividades de campo realizadas com os jovens participantes do projeto TV de Rua, coordenado pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo. Este projeto tem sido uma plataforma significativa para que jovens da comunidade possam expressar suas vozes e narrativas, utilizando-se das ferramentas de comunicação audiovisual como instrumento de transformação social.

Durante o ano de 2024, apesar das dificuldades iniciais em conciliar minhas atividades profissionais com a pesquisa e o estar em campo, consegui estabelecer uma aproximação efetiva com o campo. Essa aproximação foi importante para a compreensão das dinâmicas locais e para a coleta de dados relevantes, que enriqueceram a análise deste capítulo.

As conversas e entrevistas realizadas ao longo da pesquisa desempenharam um papel fundamental na construção deste trabalho. Elas permitiram uma visão mais ampla e detalhada sobre as experiências e percepções dos jovens envolvidos no projeto. Através desses diálogos, foi possível identificar os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e as expectativas futuras dos participantes.

Preciso aqui destacar que, ao longo do processo, surgiram diversas intercorrências que exigiram adaptações e ajustes no planejamento inicial. No entanto, essas dificuldades também proporcionaram aprendizados valiosos e contribuíram para um entendimento mais profundo das particularidades do território e das necessidades da comunidade.

Ao longo da minha presença em campo, foi possível compreender que o projeto TV de Rua não apenas capacita jovens em técnicas de comunicação, mas também promove um espaço de diálogo e reflexão sobre questões sociais relevantes. Essa iniciativa tem potencializado a participação cidadã e incentivado a transformação social, alinhando-se com os objetivos do Instituto Tapuia de promover cidadania e sustentabilidade.

Nesse contexto, a elaboração deste capítulo reflete o compromisso de documentar e analisar as experiências vividas no campo, destacando o papel fundamental do Instituto e do projeto TV de Rua na construção de uma sociedade mais engajada e consciente.

Como já destacado, o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente, Turismo

e Arte ressalta as lutas em prol do município de Meruoca, visando o fortalecimento das artes, cultura, meio ambiente e cidadania. Com o projeto TV DE RUA fomenta a produção audiovisual focado no mercado de trabalho para a juventude, sem perder de vista os moldes artísticos. Desde 2017, já tivemos 04 turmas. Onde os participantes aprendem técnicas da produção audiovisual.

Entidade que atua na área da comunicação, audiovisual com foco na profissionalização da juventude. Surge com o intuito de oportunizar a juventude formação para atuar na cadeia produtiva da comunicação, se estendendo depois para demais linguagens, hoje está constituída como associação. São responsáveis pelo coletivo Ronis Tomaz, Ilcenir Bôto, Naiana Souza, Renata Neres. O coletivo vem desenvolvendo o projeto TV de Rua. O TV DE RUA é um mergulho no universo da produção audiovisual focado no mercado de trabalho para a juventude, sem perder de vista os moldes artísticos. Desde 2017, já tivemos 04 turmas. Onde os participantes aprendem técnicas da produção audiovisual.

O coletivo está constituído como uma associação e tem realizado diversas reuniões de planejamento e construção de estratégias de captação de recursos, além de avaliar permanentemente as ações e projetos desenvolvidos pelo coletivo. Todas as ações desenvolvidas pelo coletivo estão pautadas em projetos com foco na formação e profissionalização na área da economia criativa. A comunicação é um elemento muito recorrente nas ações e projetos do coletivo, que atua na formação de jovens comunicadores.

Figura 14 - Registro do curso "Direção de Fotografia: Um Contador de Histórias Visuais"



Fonte: Instagram oficial do Instituto Tapuia

Assim, desenvolvem de aulas dos cursos de Planejamento e Produção: do Briefing ou Orçamento; Curso de Trilha Sonora Para Cinema Tv e Publicidade; Curso de Produção e Diversidade; Curso de Acessibilidade nos Conteúdos Audiovisuais e o curso de Produção e Diversidade. Os alunos têm a oportunidade de conhecer o que há no set de filmagem, e contando com o acompanhamento de professores capacitados no audiovisual.

O coletivo tem atuado desenvolvendo diversas ações que estreitam as relações nas comunidades. Para além dos jovens beneficiados com os projetos em curso, o coletivo busca contratar serviços de pessoas que estão no território, buscando colaborar com o andamento das ações e projetos do coletivo.

Para além desses aspectos, há uma forte presença do território nas produções dos jovens comunicadores, que gravam documentários sobre pessoas e histórias das suas comunidades. O coletivo busca construir espaços de diálogos permanentes com o território, a fim de estreitar relações e estimular a sua participação ativa nas ações do coletivo.

TV de Rua é um projeto de formação em audiovisual, com vistas nas suas múltiplas possibilidades, tanto em relação ao mercado de trabalho quanto no desenvolvimento das ferramentas criativas que a linguagem abrange. A importância do TV de Rua vai além da formação audiovisual. Ele fortalece a autoestima, desenvolve habilidades de trabalho em equipe, desperta as potencialidades técnicas e artísticas da juventude e abre portas para o mercado de trabalho vinculado à economia criativa, cada vez mais aquecida.

O projeto busca, ainda, estimular a conscientização social e a reflexão acerca do próprio território, mapeando e registrando narrativas que dialoguem com a própria comunidade crítica por meio do cinema. Desta forma, nas atividades práticas, os participantes são incentivados a abordar questões relevantes e produzindo assim obras audiovisuais com temas bastante pertinentes para a cultura e memória locais.

O TV de Rua nas suas 4 (quatro) primeiras edições foi realizado pela Sociedade Coração de Maria com apoio cultural do Governo do Estado do Ceará- Secretaria da Cultura, por meio do programa Escolas Livres da Cultura. E em sua 5ª edição, é realizado pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, e foi contemplado no Edital Escolas livres de formação em arte e cultura, Programa olhos d'água - Ministério da Cultura.

Durante a realização das atividades do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, os jovens participantes traziam à tona suas experiências pessoais vividas na comunidade. Esses relatos foram essenciais para lançar luz sobre fatos históricos do local, muitos dos quais eu também vivenciei quando era jovem e participava de um projeto social semelhante ao deles. Essas memórias estavam adormecidas, mas foram reavivadas pelas

histórias compartilhadas pelos jovens.

A troca de experiências entre gerações revelou a riqueza cultural e histórica do território em que o instituto atua. As memórias coletivas dos jovens, combinadas com as minhas próprias lembranças, ajudaram a construir uma narrativa mais completa e significativa sobre a comunidade. Esses momentos de partilha não apenas reforçaram nosso senso de pertencimento, mas também destacaram a importância de preservar e valorizar a história local.

A redescoberta desses fatos históricos através das vivências dos jovens participantes do Instituto Tapuia serviu como um catalisador para o despertar de um conhecimento adormecido. Eles foram capazes de conectar o passado com o presente, entendendo melhor a evolução do território e as transformações pelas quais a comunidade passou ao longo dos anos. Essa conscientização é fundamental para o ativismo e a comunicação eficaz no contexto local, fortalecendo a identidade e o compromisso com o desenvolvimento sustentável e inclusivo da região.

Ao perceber que os responsáveis por esse coletivo tinham o compromisso de gerar espaços de formação técnica no campo do audiovisual para jovens de Meruoca, compreende-se a necessidade de ampliar o debate sobre a prática da comunicação em tempos de avanço midiático. O objetivo é trazer o território para fazer parte não só das reflexões, mas também para compor produções que retratem a história do lugar de maneira coletiva.

Ao longo do processo de aproximação com o trabalho do Instituto, compreendi que o território estava sendo colocado não apenas como um pano de fundo, mas sim um personagem ativo nas narrativas criadas. Incorporar a história e a cultura local nas produções audiovisuais enriquece o conteúdo, oferece uma perspectiva única e fortalece a identidade comunitária. Isso permite que os jovens desenvolvam um senso de pertencimento e responsabilidade, além de promover o reconhecimento do patrimônio cultural.

A cada oficina ou momento de debate que o coletivo se propunha a realizar com os participantes do projeto TV de Rua, observava-se desejo e compromisso em integrar a história local nas produções, promovendo a conscientização sobre a importância de preservar e valorizar o patrimônio cultural. Assim, era nítido a tentativa de fazer com que os jovens se tornassem protagonistas de suas próprias narrativas, ganhando confiança e habilidades que podem ser aplicadas em diversas áreas de suas vidas.

Outro aspecto observado, é o fomento a criação de um senso de comunidade e a valorização das histórias locais, que contribuíram para a coesão social e o fortalecimento das relações dentro do território. Ao explorar novas maneiras de contar histórias, os jovens são incentivados a inovar e experimentar diferentes formatos e técnicas, enriquecendo o cenário

comunicacional.

Nas aulas do projeto acompanhadas, ao longo das visitas de campo, foi possível observar que as formações técnicas oferecidas capacitam os jovens com habilidades práticas no campo do audiovisual, aumentando suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, por exemplo.

Nas produções analisadas também foi possível observar um empenho em trazer o território para o centro das produções. Esse movimento de aliar comunicação com território, quando aliada ao ativismo e ao reconhecimento do território, torna-se uma poderosa ferramenta de transformação social. Ao capacitar jovens e incentivar a produção audiovisual que reflete a realidade local, estamos não apenas preservando a história, mas também construindo um futuro mais inclusivo e representativo. A seguir, vamos trazer as análises realizadas em algumas produções do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

A partir de um processo de análise, por meio das coletas de dados, foi possível realizar a escolha pelo coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, localizado no Município de Meruoca, no Ceará, para avançarmos nas reflexões sobre a proposta do trabalho. Para a presente pesquisa, optamos por analisar as produções audiovisuais realizadas por jovens participantes do projeto TV DE RUA coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, em Meruoca.

4.4.2 Instituto Tapuia e TV de Rua e a construção das suas produções Audiovisuais

Conforme já destacado anteriormente, o projeto TV de Rua é uma ação de formação em audiovisual, com vistas nas suas múltiplas possibilidades, tanto em relação ao mercado de trabalho quanto no desenvolvimento das ferramentas criativas que a linguagem abrange, desenvolvido pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

A importância do TV de Rua vai além da formação audiovisual. Ele fortalece a autoestima, desenvolve habilidades de trabalho em equipe, desperta as potencialidades técnicas e artísticas da juventude e abre portas para o mercado de trabalho vinculado à economia criativa, cada vez mais aquecida.

O projeto busca, ainda, estimular a conscientização social e a reflexão acerca do próprio território, mapeando e registrando narrativas que dialoguem com a própria comunidade crítica por meio do cinema. Desta forma, nas atividades práticas, os participantes são incentivados a abordar questões relevantes e produzindo assim obras audiovisuais com temas bastante pertinentes para a cultura e memória locais.

O corpus desta análise é composto por 04 (quatro) produções audiovisuais, realizadas

em Meruoca, Santo Elias, Anil e Palestrina, Distritos de Meruoca. São elas: Filhos da Terra (produzido em 2018); Desafios do Empreendedorismo (produzido em 2023); Raízes das Lavadeiras de São Gonçalo (produzido em 2023); e Reisado do Distrito de Anil - Meruoca/Ce (produzido em 2023). As motivações para escolha das produções destacadas acima, versão sobre a relevância das temáticas, qualidade das produções, possibilidade de analisar os avanços técnicos, e a possibilidade de análise da representatividade nas produções, por meio dos conteúdos definidos para análise.

A análise das produções do corpus principal permitirá uma investigação aprofundada das escolhas estilísticas e dos aspectos narrativos utilizados pelos diretores. Esses elementos estéticos e enunciativos são cruciais para entender como as mensagens são transmitidas ao público e como os filmes se posicionam dentro de seus respectivos gêneros e contextos culturais. A observação detalhada desses filmes ajudará a identificar padrões, tendências e singularidades que caracterizam cada projeto, oferecendo uma visão rica e detalhada do panorama cinematográfico abordado.

Movimento importante para a pesquisa, estando conectado com os achados de Santos (2004), que reforça a importância dos objetos técnicos caracterizados por performances do espaço, para avançar na relação com o território. Para Santos (2004), o imaginário social será marcado por uma forte relação entre nossa experiência socioespacial e espaço e as representações de imagens. Neste sentido, a produção audiovisual, por exemplo, será um instrumento relevante para realizar a leitura e interpretação do espaço, a partir de técnicas aplicadas no processo, a fim de construir representações diversas.

A seguir, buscaremos trazer elementos necessários para compreendermos melhor o processo de construção das produções audiovisuais, a fim de refletirmos sobre os fenômenos e o movimento de produção de conteúdos audiovisuais desenvolvidos pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo.

4.4.3 As oficinas – Espaço de Construção de ideias e conhecimentos

A abordagem do histórico, dos objetivos e das metodologias de trabalho de oficinas e coletivos é uma maneira eficaz de entender a produção documental contemporânea. Historicamente, esses grupos surgiram como movimentos de resistência cultural e social, muitas vezes em resposta a contextos de opressão ou exclusão.

As oficinas e coletivos serviram como espaços de criação, reflexão e compartilhamento

de conhecimentos e práticas artísticas, promovendo uma produção colaborativa e democratizada de conteúdo. Esses espaços têm sido fundamentais para dar voz a comunidades marginalizadas e para questionar narrativas hegemônicas. Assim, podemos afirmar que, conforme aponta Harvey (1992), há uma importância crucial para o fomento à formação ideológica e política, como um meio de alcançar uma transformação social significativa.

Neste sentido, podemos afirmar, a partir das reflexões de Harvey (1992), que, para que uma sociedade mude de maneira profunda e coletiva, seria necessária uma mudança na forma como as ideias e os valores são percebidos e aceitos pela população. Isso requer a construção de uma sociedade que não apenas reflete, mas também molda as práticas sociais e as estruturas de poder. Dessa forma, fortalecer espaços que fomentem a reflexão sobre posturas ideológicas e políticas não apenas desafia o status quo, mas também estabelece as bases para novas formas de organização social que priorizam a justiça, a igualdade e o bem-estar coletivo.

Neste contexto, os espaços de formação coletivas podem variar, mas geralmente incluem a promoção da inclusão social, o fortalecimento de identidades culturais, a capacitação de indivíduos para a expressão criativa e a conscientização sobre questões sociais e políticas. Muitos desses grupos visam criar um impacto positivo em suas comunidades, seja através de iniciativas educativas, projetos artísticos ou intervenções urbanas. A produção documental, nesse contexto, é vista como uma ferramenta poderosa para registrar, informar e transformar realidades, oferecendo novas perspectivas e promovendo uma maior compreensão entre diferentes grupos sociais.

De acordo com Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo¹¹, as metodologias de trabalho adotadas por oficinas e coletivos são frequentemente caracterizadas pela horizontalidade, pela participação ativa e pelo aprendizado mútuo.

A colaboração é um elemento-chave, onde todos os participantes têm a oportunidade de contribuir com suas habilidades e conhecimentos. Técnicas como a criação coletiva, a pesquisa-ação e a educação popular são comuns, enfatizando a importância da experiência direta e do envolvimento comunitário. Além disso, o uso de tecnologias acessíveis e o compartilhamento de recursos são práticas recorrentes, garantindo que a produção documental seja inclusiva e representativa das diversas vozes e histórias presentes na sociedade.

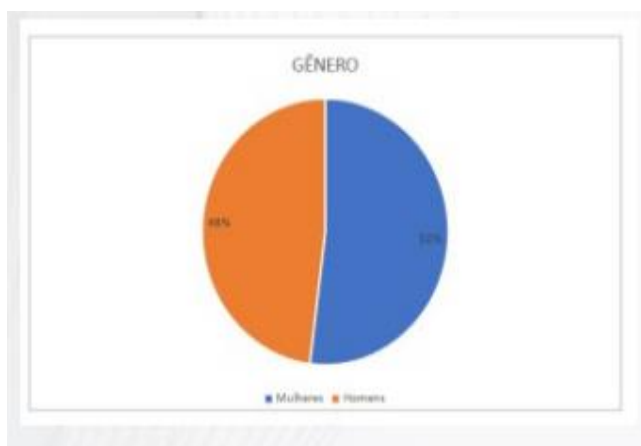
De acordo com Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, o projeto destina-se para jovens entre 13 e

¹¹ Entrevista realizada de forma virtual, em maio de 2025.

25 anos tem se mostrado uma prática bastante comum e estratégica. Essa faixa etária é especialmente visada porque representa um período fundamental de transição e desenvolvimento. É nesse intervalo que os jovens começam a deixar a infância para trás e passam a enfrentar novas experiências e desafios. A energia e os potenciais criativos desses indivíduos estão em pleno vigor, e é fundamental direcionar esses recursos de maneira construtiva.

Perfil dos participantes, de acordo com relatório do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo.

Gráfico 1 - Perfil por gênero



Fonte: Relatório Instituto Tapuia

Por Gênero: Mulheres: 57,28% Homens: 42,72%

Gráfico 2 - Gráfico 02 – Perfil por cor/Raça



Fonte: Relatório Instituto Tapuia

Por Cor/Raça: Pardo: 56,8% | Branco: 18,4% | Negros: 25,6%

Gráfico 3- Perfil por escolaridade



Fonte: Relatório Instituto Tapuia

Escolaridade: Superior Completo: 10% | cursando Superior Curso Técnico: 28,10% | Ensino médio Completo: 51% | cursando o Ensino médio Completo: 10,90%

De acordo com Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo¹², os cursos oferecidos para essa faixa etária variam amplamente, abrangendo áreas como tecnologia, artes, esportes, ciências e habilidades interpessoais. O objetivo é proporcionar um ambiente onde os jovens possam explorar seus interesses, descobrir novas paixões e desenvolver habilidades que serão úteis em suas vidas acadêmicas, profissionais e pessoais. Além disso, esses cursos muitas vezes incentivam o pensamento crítico, a criatividade e a colaboração, competências essenciais para o sucesso no mundo contemporâneo.

Outro aspecto relevante, conforme aponta Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, é o impacto social e emocional desses cursos. Participar de atividades estruturadas pode ajudar os jovens a construir uma autoimagem positiva e a desenvolver um senso de propósito. Ao se engajarem em atividades produtivas e desafiadoras, eles têm a oportunidade de fortalecer sua autoestima e preparar-se melhor para a vida adulta. Em última análise, investir na educação e no desenvolvimento dos jovens é investir no futuro da sociedade como um todo, criando cidadãos mais bem preparados e engajados, colaborando para o ingresso ao mercado de trabalho.

Dados relativos ao ingresso dos participantes do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura,

¹² Entrevista realizada de forma virtual, em maio de 2025.

Meio Ambiente e Turismo ao mercado de trabalho, segundo relatório institucional:

Gráfico 4 - Perfil por atuação profissional



Fonte: Relatório Instituto Tapuia

Trabalham na área: 39% | Não trabalham na área: 61%

A prática de recrutar os participantes se dá por meio de parcerias com escolas públicas e centros comunitários, o que tem sido uma estratégia eficaz para o desenvolvimento da iniciativa do coletivo. Essas parcerias permitem um acesso mais direto e confiável ao público-alvo, além de facilitar a divulgação dos cursos oferecidos, destaca Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo.

Nos primeiros anos da década de 2000, essa abordagem era particularmente comum, uma vez que os idealizadores e professores dos cursos eram, em grande parte, externos aos locais de atuação. Isso significa que não tinham um vínculo direto com as comunidades a serem atendidas, o que tornava a construção de confiança e o estabelecimento de uma presença local ainda mais importantes, pontua Naiara.

A colaboração com escolas públicas e centros comunitários não só amplia o alcance das iniciativas educacionais, mas também reforça a importância do envolvimento comunitário. As escolas e centros comunitários já possuem uma relação estabelecida com os alunos e suas famílias, o que facilita a comunicação e a aceitação das ofertas de cursos. Além disso, essas instituições têm um conhecimento profundo das necessidades e desafios específicos de suas comunidades, permitindo que os cursos sejam mais bem adaptados para atender essas demandas.

Essas parcerias, de acordo com Naiara, também promovem um ambiente de aprendizado mais inclusivo e diversificado. Ao envolver diferentes segmentos da comunidade e oferecer oportunidades educacionais acessíveis, as entidades conseguem democratizar o acesso ao conhecimento e às habilidades. Isso é particularmente relevante em contextos onde a educação formal pode ser limitada ou inacessível para alguns indivíduos. Em última análise, a colaboração entre entidades educacionais, escolas públicas e centros comunitários contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa e informada, onde o conhecimento é compartilhado e valorizado por todos.

Ao longo do processo, foi possível observar que iniciativas comunitárias, muitas vezes, enfrentam desafios iniciais de aceitação, e não é incomum que moradores de diversas comunidades respondam com desconfiança. Essa reação pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo experiências passadas negativas, falta de informação ou medo de mudanças. No entanto, superar essa desconfiança inicial é fundamental para o sucesso e a sustentabilidade de qualquer projeto comunitário.

Para reverter essa impressão negativa, é essencial a presença de intermediários ou facilitadores que possam mediar o diálogo entre os proponentes das iniciativas e os moradores locais. Esses intermediários desempenham um papel vital na construção de confiança, fornecendo informações claras e transparentes sobre os objetivos e benefícios dos projetos. Além disso, eles podem ajudar a identificar e abordar preocupações específicas da comunidade, garantindo que as iniciativas sejam adaptadas para atender às necessidades e expectativas locais.

De acordo com documentos oficiais¹³, o processo de construção de confiança pode levar anos, exigindo paciência, persistência e um compromisso genuíno com a colaboração e a inclusão. O envolvimento contínuo da comunidade em todas as etapas do projeto é fundamental, desde a concepção até a implementação e avaliação. Quando os moradores veem resultados positivos e sentem que suas vozes são ouvidas e valorizadas, a desconfiança inicial pode ser superada, e as iniciativas têm uma chance maior de sucesso e impacto duradouro.

Nas diversas entrevistas realizadas com pessoas diretamente envolvidas com oficinas, núcleos de produção e coletivos, um ponto recorrente é a importância de explicitar os objetivos desses cursos. Quando os propósitos são claramente comunicados, há um aumento significativo na confiança dos participantes e do público em geral. A transparência sobre o que se pretende alcançar ajuda a criar um ambiente de credibilidade e engajamento, onde todos compreendem

¹³ Acesso: <https://tapuia.org.br/portal>

o valor e os benefícios proporcionados pelas atividades oferecidas.

Além disso, Naiana esclarece que os objetivos dos cursos podem ajudar a alinhar expectativas e reduzir possíveis frustrações. Quando os participantes sabem exatamente o que esperar, eles se sentem mais motivados e comprometidos a seguir adiante, pois entendem a relevância e a aplicabilidade do que estão aprendendo. Isso também facilita a avaliação do impacto e do sucesso dos cursos, pois há critérios claros e definidos para medir os resultados alcançados.

De acordo com documentos oficiais¹⁴, essa prática de comunicação aberta e direta contribui para inverter o status dos cursos oferecidos, transformando-os de algo que inicialmente poderia ser visto com desconfiança em um objeto de desejo. A percepção pública muda, e o interesse pela participação aumenta, criando um ciclo virtuoso de engajamento e valorização. Em resumo, explicitar os objetivos dos cursos não só fortalece a confiança, mas também potencializa o impacto e a atração dos programas educativos e culturais oferecidos.

A estrutura e condução das aulas do projeto frequentemente enfatizam a colaboração e a prática. O caráter coletivo na realização das produções audiovisuais é uma constante, refletindo a natureza intrinsecamente colaborativa das produções. Desde o roteiro até a pós-produção, cada etapa do processo envolve a contribuição de diversas pessoas, como diretores, roteiristas, atores, técnicos de som e editores, que trabalham juntos para dar vida a uma visão compartilhada.

Além disso, há um foco direcionado para a prática, pois é através da experiência prática que os alunos realmente compreendem e dominam as habilidades necessárias para criar filmes. As aulas práticas permitem que os estudantes se familiarizem com os equipamentos, técnicas de filmagem, edição e outros aspectos técnicos, ao mesmo tempo em que desenvolvem suas competências criativas e narrativas. A prática também proporciona um espaço para a experimentação e o aprendizado a partir dos erros e acertos, elementos essenciais no aprimoramento das habilidades cinematográficas.

Por outro lado, a teoria não é desconsiderada; ela é utilizada em momentos estratégicos para enriquecer e apoiar o aprendizado prático. A teoria oferece o contexto necessário para entender os princípios e conceitos por trás das técnicas cinematográficas, além de proporcionar uma base para a análise crítica de filmes. Quando integrada de forma equilibrada com a prática, a teoria ajuda os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda e abrangente do cinema, capacitando-os a criar obras mais reflexivas e impactantes.

¹⁴ Acesso: <https://tapuia.org.br/portal>

A estruturação do trabalho de realização de oficinas pode variar significativamente, dependendo dos objetivos, recursos e público-alvo de cada projeto. Um aspecto importante nessa abordagem é o tempo de duração das oficinas, que pode colaborar diretamente na profundidade dos conteúdos abordados e na eficácia do aprendizado dos participantes. Nesse sentido, é interessante destacar que o Instituto mencionado se diferencia de outras iniciativas ao oferecer oficinas com a menor duração registrada entre os projetos comentados, com cerca de uma semana.

Essa curta duração pode ser vantajosa em vários aspectos. Primeiramente, ela permite uma maior flexibilidade para os participantes, que podem encaixar a oficina em suas programações sem a necessidade de um compromisso prolongado. Além disso, oficinas mais curtas tendem a ser mais intensivas, com foco em transmitir conhecimentos e habilidades específicas de maneira rápida e eficaz. Isso pode ser particularmente útil para temas que exigem uma abordagem prática e direta, garantindo que os participantes tenham uma experiência imersiva e produtiva.

Por outro lado, é importante considerar que a duração reduzida também pode limitar a possibilidade de aprofundamento em certos tópicos. Em oficinas mais longas, há mais tempo para explorar nuances e detalhes, bem como para fomentar discussões e interações entre os participantes. Portanto, a escolha da duração ideal para uma oficina deve levar em conta os objetivos educacionais e as necessidades do público-alvo, buscando um equilíbrio entre a profundidade do conteúdo e a praticidade do formato. No caso do Instituto, a opção por oficinas de uma semana parece ser uma estratégia eficaz para atender a um público que busca aprendizado rápido e objetivo.

Outro aspecto analisado é a contribuição da linguagem televisiva nas narrativas e opções estéticas de filmes realizados pelos participantes é bastante perceptível. Isso se deve ao fato de que o repertório audiovisual dos alunos é frequentemente moldado pela televisão, um meio de comunicação amplamente acessível e consumido cotidianamente. A televisão, com sua vasta gama de programas, séries, novelas e filmes, apresenta uma variedade de estilos narrativos e estéticos que acabam por se tornar referência para muitos jovens.

A absorção de novas informações visuais, narrativas e estéticas é um processo contínuo e profundo que vai além de um curto período de tempo, como uma semana. A televisão, estando presente de forma constante na vida dos estudantes, oferece um rico banco de dados audiovisual que eles podem internalizar e replicar em suas próprias criações. Isso explica por que as oficinas desenvolvidas pelo Instituto frequentemente resultam em filmes que apresentam uma forte presença de referências televisivas.

Além disso, a televisão oferece um leque de narrativas que conseguem captar a atenção do público de forma eficaz, utilizando técnicas como cliffhangers, cortes rápidos e trilhas sonoras envolventes. Estas técnicas são absorvidas pelos alunos e incorporadas em suas produções, muitas vezes de forma inconsciente. Dessa forma, a televisão não só ajuda a pensar o conteúdo, mas também a forma como essas histórias são contadas, contribuindo para a formação de um estilo narrativo que ressoa com o público contemporâneo.

Nas aulas teóricas e práticas de audiovisual, os conteúdos abordados são bastante diversificados, proporcionando uma formação ampla e profunda aos estudantes. De modo geral, os temas centrais dessas aulas incluem a história do cinema, roteiro, linguagem cinematográfica e operação e movimentação de câmera, cada um essencial para a compreensão e prática do fazer cinematográfico.

A história do cinema é fundamental para que os alunos entendam a evolução da sétima arte, desde os primeiros experimentos com imagens em movimento até a era digital contemporânea. Esse conhecimento histórico permite uma apreciação crítica das obras e uma compreensão das tendências e movimentos que moldaram o cinema ao longo dos anos. Além disso, estudar a história do cinema ajuda a reconhecer a importância de cineastas influentes e a evolução das técnicas de filmagem e narrativa.

O roteiro é outro pilar central nas aulas, onde os alunos aprendem a construir narrativas envolventes e estruturadas, desenvolvendo personagens e diálogos que sustentam a história. A linguagem cinematográfica, por sua vez, abrange os variados elementos visuais e sonoros que compõem um filme, como a composição de cenas, a iluminação, a edição e o som. Já as aulas práticas de operação e movimentação de câmera permitem aos estudantes aplicar o conhecimento teórico, experimentando diferentes técnicas de filmagem e aprimorando suas habilidades técnicas para capturar a essência das histórias que desejam contar. Dessa forma, a combinação dessas áreas de estudo prepara os alunos para enfrentar os desafios do mundo cinematográfico com criatividade e competência.

Sobre os conteúdos presentes nas produções, é possível observar histórias que abordam o cotidiano dos alunos e as representações do território desempenham um papel relevante na construção de outras e percepções sobre o lugar onde esses sujeitos estão inseridos. Frequentemente, essas narrativas trazem à tona as realidades vividas por jovens em contextos marginalizados, oferecendo uma visão mais nua e crua das dificuldades e das conquistas diárias. Ao retratar esses ambientes, as histórias criam uma ponte de empatia e compreensão, desmistificando estereótipos e fornecendo uma imagem mais autêntica e menos romantizada ou criminalizada desses locais.

É oportuno dizer que os usos das ferramentas de comunicação contemporâneas pelos coletivos, por sua vez, têm uma participação significativa na forma como essas imagens são cristalizadas no imaginário social. Muitas vezes, a representação midiática de periferias, morros e favelas é marcada por uma ênfase desproporcional na violência e na criminalidade, obscurecendo a diversidade e a riqueza cultural desses territórios. Essa abordagem tende a reforçar preconceitos e estigmas, dificultando a percepção da complexidade e da humanidade que permeiam esses espaços. As histórias que contrapõem essa visão hegemônica são, portanto, essenciais para promover uma narrativa mais justa e inclusiva.

A necessidade de responder a essas imagens cristalizadas é evidente, e o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, de Meruoca, ao fazer uso das ferramentas de comunicação contemporânea, colabora para ampliar os olhares sobre o território.

Ao contar histórias que refletem a realidade do cotidiano dos alunos e das comunidades periféricas de maneira honesta e sensível, criamos oportunidades para a educação e a transformação social. Essas narrativas não apenas desafiam os estereótipos, mas também empoderam os indivíduos que vivem nesses contextos, oferecendo-lhes voz e visibilidade. Através da arte, da literatura e da mídia comprometida, é possível construir um imaginário social mais diversos, inclusivo e verdadeiro, capaz de celebrar as nuances e a resiliência das periferias, morros e favelas.

Outro aspecto constatado é que as oficinas, realizadas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, desempenham um papel fundamental no fortalecimento das comunidades locais, refletindo tanto suas particularidades quanto suas dinâmicas internas. O território coincide com a residência de seus idealizadores, o que tem facilitado um engajamento mais profundo e autêntico com os participantes. Esse vínculo geográfico permite que as ações realizadas sejam mais sensíveis às necessidades e aspirações da comunidade, promovendo um sentimento de pertencimento e coesão social, ressalta Naiana de Souza Machado, Diretora de comunicação do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo.

Além disso, a partir das entrevistas realizadas observou-se que a atuação local dessas iniciativas permite uma maior adaptabilidade e resiliência. Estando inseridos no cotidiano da comunidade, os participantes rapidamente identificam e respondem a mudanças e desafios emergentes. Isso cria um ciclo virtuoso onde a comunidade se beneficia diretamente das atividades culturais e educacionais promovidas pelas oficinas e produções audiovisuais, ao mesmo tempo em que se fortalecem graças ao apoio e feedback da própria comunidade. Desta forma, a interação entre o local de atuação e a comunidade se revela uma via de mão dupla,

repleta de oportunidades para crescimento mútuo e desenvolvimento sustentável.

4.4.4 Instituto Tapuia e TV de Rua: Análises das Produções Audiovisuais

Apresentamos neste tópico, umas análises das produções audiovisuais, realizadas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua. Para produção das análises, optamos pela metodologia de análise de conteúdo, focalizando em uma de suas técnicas denominada análise temática.

Essa escolha metodológica será fundamental para compreendermos como o território seria retratado ou não nas produções, como os recursos e/ou aparatos tecnológicos estão sendo empregados em cada produção audiovisual analisada.

Como já destacado, a análise temática tem importante função haja vista sua relevante contribuição para o aprofundamento de reflexões teóricas e está compreendido em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação, conforme aponta Gomes (2002).

Nesse sentido, a análise ocorreu da seguinte forma: a) como o aspecto institucional aparecia nas edições dos programas; b) em que medida o conteúdo se desprendia do foco institucional c) como elementos da comunicação alternativa e popular estavam presentes nas edições analisadas.

Os documentários analisados oferecem uma rica oportunidade para o debate sobre como os usos das ferramentas de comunicação contemporâneas vão colaborar para o fortalecimento das lutas do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, ampliando novas formas de diálogo e olhares sobre o território da Meruoca.

Tabela 2 - Acesso aos instrumentos para análise e descrição de conteúdo audiovisual

| PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS – INSTITUTO TAPUIA DE CIDADANIA, CULTURA, MEIO AMBIENTE E TURISMO | | | |
|---|----------------|---|---|
| AMBIENTE DE INFORMAÇÃO | TIPO DE ACERVO | CODIFICAÇÃO DO MATERIAL | ACESSO AO CONTEÚDO |
| Instituto Tapuia | Documentário | Três Portas_2018 | https://youtu.be/nHsVP-th6os |
| Instituto Tapuia | Documentário | Pote de Sangue_ 2018 | https://youtu.be/pRVB8w9vPco |
| Instituto Tapuia | Documentário | História da Cajazeira Mal Assombrada_ 2019 | https://youtu.be/ghbtHhzh5oE |
| Instituto Tapuia | Documentário | Filhos da Terra_2018 | https://youtu.be/sJc5jFWc_Z4 |
| Instituto Tapuia | Documentário | Nosso Encontro_2019 | https://youtu.be/U0jJyLxIKoc |
| Instituto Tapuia | Documentário | Casas de Farinhas e Engenhos de Cachaça_ 2019 | https://youtu.be/guxLwa5KVA |
| Instituto Tapuia | Documentário | Anil de Mel_2023 | https://youtu.be/MqtzAJFofMg |
| Instituto Tapuia | Documentário | Memórias do reisado de anilense_2023 | https://www.youtube.com/watch?v=1KqnJLpIPY |
| Instituto Tapuia | Documentário | Romana: Uma História de Fé_2024 | https://youtu.be/UvqvA2IFhIU |
| Instituto Tapuia | Documentário | Desafios do Empreendedorismo Feminino_2024 | https://youtu.be/QI1bhIdVMpc |
| Instituto Tapuia | Documentário | Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo_2024 | https://youtu.be/m01Ph_CmFww |

Estes filmes documentais não apenas ilustram as práticas audiovisuais atuais, mas podem, de alguma forma, possibilitar a construção de espaço para uma reflexão crítica sobre como o território é representado e explorado através dessas novas tecnologias e mídias. De alguma forma, eles nos instigam a pensar sobre os possíveis impactos das redes sociais, plataformas digitais e outras formas de comunicação moderna na maneira como as histórias são contadas e compartilhadas.

A prática audiovisual dos coletivos, conforme mostrada nos documentários, podem colaborar para que se pense sobre o dinamismo e uma criatividade que são características marcantes desta era digital, em produções audiovisuais contemporâneas. Os documentários analisados colaboraram, de algum modo, para que se fosse possível capturar não apenas a essência das mensagens transmitidas, mas também as formas como as ferramentas de comunicação contemporâneas moldam essas narrativas.

As análises dos documentários tiveram como objetivo principal decifrar e interpretar as mensagens e temas subjacentes que cada obra cinematográfica pretende transmitir. Cada produção, independentemente do gênero ou estilo, carrega consigo uma série de significados que podem ser explorados de diversas maneiras. Ao questionar "o que diz cada filme?" Fomos convidados a uma jornada de investigação que considera não apenas a narrativa explícita, mas também os subtextos, simbolismos e metáforas presentes na obra. Analisar um filme sob essa

ótica permite compreender melhor as intenções dos cineastas e a relevância cultural do filme.

Ademais, ao questionar "para qual discussão aponta?", a análise busca identificar as temáticas centrais e os debates sociais, políticos, econômicos ou filosóficos que o filme suscita. Muitos filmes são criados com o propósito de provocar reflexão ou diálogo sobre questões contemporâneas, como direitos humanos, desigualdade, meio ambiente, entre outros. Por exemplo, um filme que aborda a questão da imigração pode estar inserido em uma discussão mais ampla sobre políticas de fronteira e direitos dos migrantes. Desse modo, entender o contexto e as possíveis interpretações do filme contribui para uma análise mais rica e significativa.

Finalmente, ao examinar "como o território é retratado?" e "como as ferramentas de comunicação contemporâneas são utilizadas", é possível uma compreensão mais profunda da ambientação e das técnicas cinematográficas empregadas.

O território, seja ele físico, social ou psicológico, pode ser um personagem em si, moldando a narrativa e estimulando a participação dos personagens. Quanto às ferramentas de comunicação contemporâneas, como redes sociais, mensagens instantâneas e outros meios digitais, estas não só refletem a realidade moderna, mas também podem ser usadas para inovar na forma de contar histórias e engajar o público. Dessa forma, uma análise completa de um filme considera esses múltiplos aspectos, oferecendo uma visão abrangente e detalhada da obra.

Diante deste contexto, apresentamos informações relativas aos documentários, bem como dados relevantes extraídos das análises realizadas para auxiliar na reflexão proposta na tese. São eles: Filhos da Terra (produzido em 2018); Desafios do Empreendedorismo (produzido em 2023); Raízes das Lavadeiras de São Gonçalo (produzido em 2023); e Reisado do Distrito de Anil - Meruoca/Ce (produzido em 2023).

Documentário "Filhos da Terra"

O documentário "Filhos da Terra"¹⁵ - Projeto TV de Rua Santo Elias, realizado em 2018, com pouco mais de vinte e sete minutos de duração, oferece uma análise detalhada e esclarecedora sobre diversas questões sócio-políticas que afetam a comunidade de Santo Elias. A obra se destaca como a política atua na região nos dias de hoje se configura, se contrapondo com o cenário político de antigamente, alterando, seguindo relatos dos moradores locais no documentário, seu território.

A reflexão sobre a construção, implementação e consolidação das políticas públicas

¹⁵ Link de acesso: https://youtu.be/sJc5jFWc_Z4

sempre foi motivo para diversos estudos e debates, uma vez que, conforme já destacaram Lopes, Amaral e Caldas (2008), serão por meio de um conjunto de ações, planos, programas e metas, destinadas para dar respostas aos problemas que afetam uma sociedade e que são de interesse público, que mudanças poderão ser sentidas e vistas no território.

O documentário traça um paralelo entre a política atual e a de décadas passadas, demonstrando as mudanças e continuidades nas práticas políticas. Entrevistas com moradores antigos e atuais revelam como a participação comunitária e as representações políticas evoluíram, destacando a importância da mobilização social para a conquista de direitos. E é sobre esse processo de engajamento social que Souza (2006) destaca como elemento crucial para construção e consolidação de políticas públicas efetivas. São, segundo o autor, processos deliberativos, constituídos por diversas camadas e um movimento social que deve integrar diversos agentes sociais.

Souza (2006) aponta que as Políticas Públicas são construídas a partir de um ciclo deliberativo, formado por várias camadas e marcado por um processo de aprendizado e dinamismo, perspectiva diferente das que vinha sendo trabalhadas anteriormente, alinhadas a uma visão mais funcionalista e racionalista, focada em pautar um problema, desenvolver determinada política, e avaliar sua ação na prática. Esse ciclo envolve a interação entre diferentes atores sociais e governamentais, que colaboram para a formulação, implementação e avaliação das políticas.

Questões como desigualdade social, acesso a serviços públicos e a luta por direitos sociais e políticos são abordadas de maneira crítica. O documentário não apenas apresenta os “problemas”, mas também propõe reflexões sobre possíveis soluções, incentivando o engajamento social e político dos espectadores. Nesse sentido, é possível observar um movimento de reflexão sobre o território e a identidade territorial, conforme ressalta Police (2010).

Há, desse modo, mesmo que tímido, um interesse em apresentar a comunidade e o território a partir das suas relações construídas ao longo do tempo, por meio de interações sociais, culturais e históricas, definindo o território apresentando no documentário como de caráter único e distintivo.

Figura 15 - - Print do documentário "Filhos da Terra"



Fonte: Canal oficial do Instituto Tapuia no Youtube

Um dos temas centrais do documentário é o papel da mulher moderna na sociedade de Santo Elias. A obra destaca histórias de mulheres que desafiaram tradições e estereótipos, assumindo posições de liderança e promovendo mudanças significativas na comunidade. A narrativa reforça a importância da igualdade de gênero e da valorização do trabalho feminino.

O compromisso com a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente é, de algum modo, trabalhado no documentário. São apresentadas iniciativas locais que buscam promover práticas ecológicas, como hortas comunitárias e programas de reciclagem. Essas ações não apenas, de acordo com os depoimentos presentes na produção, melhoram a qualidade de vida dos moradores, mas também servem como exemplo de responsabilidade ambiental.

Nesse aspecto, quando o documentário se propõe a trazer temas diversos para a produção, esse movimento está em conexão com as ideias de Rosenstone (2010), quando ressalta que os documentários, em suas mais diversas possibilidades, devem fornecer diversas informações sobre os assuntos que se propõem a atrair na produção documental.

A juventude de Santo Elias é retratada como um grupo ativo e engajado, que luta por um futuro melhor. O documentário dá voz aos jovens, permitindo que expressem suas preocupações e esperanças. Temas como educação, emprego e participação política são discutidos, evidenciando o papel relevante dos jovens na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A proposta do documentário "Filhos da Terra" também dialoga com os achados de Nichols (1997), uma vez que possibilita, por meio da produção, apresentar o território por diferentes formas, ressaltando pessoas, grupos, que pensam e refletem sua realidade, possibilitando a disseminação de reflexões sobre temáticas do cotidiano e assuntos complexos, caros para a realidade local.

Com base na nossa análise, é possível dizer que "Filhos da Terra" é uma obra documental que convida os sujeitos locais a refletir sobre o passado e o presente de Santo Elias,

propondo um olhar crítico e esperançoso para o futuro do território, um olhar que, para Guattari (2005), no convida a pensar a territorialidade como um processo em que os sujeitos e/ou grupos ou grupos locais, se sentem cada vez mais pertinentes e identificados com esse território. Guattari (2005) reforça que o território não deve ser pensado e visto como um lugar físico, mas o ambiente potente de construção de identidades, relações sociais, políticas e culturais.

Documentário "Memórias do Reisado de Anilense"

Já o documentário "Memórias do Reisado de Anilense"¹⁶, realizado em 2023, com duração de doze minutos, é uma obra audiovisual que oferece uma análise detalhada sobre uma das manifestações culturais mais emblemáticas do Ceará. Através das falas dos participantes, o documentário busca relevar a profundidade e a diversidade do reisado, uma tradição que é passada de geração em geração, mantendo viva a essência cultural do território.

Essa perspectiva do documentário "Memórias do Reisado de Anilense", por sinal, dialoga com as reflexões de Guattari (2005), quando versa sobre o conceito de território. Para o autor, pensar o território vai muito além de se pensar em uma ideia geográfica, vai se relacionar com questões simbólicas e culturais, conectado-se fortemente com os sujeitos e suas vivências.

Nesse sentido, conforme aponta Guattari (2005), as reflexões trazidas pelo documentário colaboram para que o espaço possa ser compreendido como imaterial, constituído pelo pertencimento e a construção de identidades, entre os sujeitos.

O documentário é estruturado em torno das narrativas de três gerações de brincantes, o que permite ao espectador uma compreensão intergeracional desta arte popular. Cada geração traz suas próprias perspectivas e experiências, criando um mosaico dinâmico que busca demonstrar a evolução e a continuidade da tradição.

Dentro desta perspectiva, Guattari (2005) ressalta que o território é marcado por diversos significados, para além do espaço físico. Assim como ocorreu com o Reisado de Anilense, as tradições, para Guattari (2005), as tradições serão fomentadas e as identidades serão afirmadas, permitindo que o território seja compreendido como um sistema no qual os sujeitos fortalecem suas relações íntimas, colaborando para que uma perspectiva mais subjetiva e emocional seja vivenciada, fugindo do olhar do território fisicamente habitado no sentido tradicional.

Figura 16 - Print do documentário "Memórias do reisado de anilense"

¹⁶ Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=1_KqnJLpIPY



Fonte: Canal oficial do Instituto Tapuia no *Youtube*

Visualmente, o documentário trabalha com cores e movimentos, capturando a vitalidade das danças e das vestimentas típicas do reisado. A cinematografia traz uma perspectiva de apresentar os detalhes que tornam cada apresentação. O uso de trilha sonora, composta por músicas tradicionais, busca reforçar a autenticidade e a imersão na cultura local. As entrevistas com os brincantes são elementos que colaboram com a narrativa do documentário. Elas fornecem uma visão íntima e pessoal das motivações, desafios e alegrias de participar do reisado. Os depoimentos revelam a dedicação e o amor que os participantes têm por essa tradição, bem como a importância de preservá-la para as futuras gerações.

Ao trazer essa proposta para o documentário, a produção dialoga com as reflexões de Mombelli e Tomaim (2012), quando se pensa a produção documental como agente crucial para a conservação e preservação das tradições. Para Mombelli e Tomaim (2012), os documentários funcionam como ferramentas potentes de transmissão de histórias individuais e coletivas, tendo condições de valorização de vivências, ensinamentos e preservação cultural.

Nesse cenário, os documentários exercem um papel crucial na conservação da tradição oral, funcionando como um meio potente para registrar e transmitir histórias, tanto individuais quanto coletivas. A tradição oral é um patrimônio imaterial que carrega como vivências, ensinamentos e valores de uma cultura. Por meio dela, muitas comunidades conseguem manter vivos os saberes ancestrais, perpetuando a lembrança de seus antepassados.

O documentário também contextualiza o Reisado dentro da história e da cultura do distrito de Anil e da região de Meruoca. Ele explora as origens da tradição, sua evolução ao longo dos anos e seu papel na identidade comunitária. Este contexto histórico é fundamental para entender a relevância e a resistência do reisado como uma forma de expressão cultural.

Neste sentido, é possível compreender, a partir das reflexões de Maffesoli (1996), que a dimensão simbólica do território pode tomar proporções inimagináveis, uma vez que

vivências e experiências culturais que antes eram vinculadas a relações de vizinhança e geográfica, passa a transcender limites territoriais. O Reisado, importante manifestação cultural, nesse aspecto, toma outras proporções e alcance.

Diante do exposto, podemos ressaltar que o documentário "Memórias do reisado de anilense" não apenas documenta, mas celebra uma tradição rica e vibrante. Ele é uma peça essencial para qualquer pessoa interessada em cultura popular, antropologia e história. Através de uma abordagem sensível e informativa, o documentário consegue capturar a essência do reisado e transmitir sua importância para a cultura do Ceará e do Brasil, elementos essenciais para que sejam compreendidos o território e a valorização das tradições e costumes locais, em uma perspectiva mais ampla, como ressaltava Guattari (2005).

Documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino"

Já o documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino"¹⁷, realizado em 2023, pela TV de Rua, conta com pouco mais de onze minutos, e é uma obra que destaca o debate sobre a importância do empreendedorismo local, sobretudo abordando as questões relativas ao empreendedorismo feminino em uma sociedade predominantemente machista, trazendo o território e as reflexões sobre políticas públicas, como plano de fundo. A seguir, apresento uma análise técnica deste documentário.

As entrevistas são um ponto forte do documentário. Elas são conduzidas de maneira a extrair relatos autênticos e emocionantes das participantes. Os depoimentos são intercalados com imagens do cotidiano dessas mulheres, o que ajuda a contextualizar suas falas e torna a narrativa mais envolvente. Traz em suas narrativas a importância de se pensar em políticas que estimulem o empreendedorismo entre as mulheres.

Ao fomentar a reflexão sobre empreendedorismo e estimular o debate sobre políticas públicas, o documentário deixa a desejar quando não constrói uma narrativa mais incisiva sobre a construção de políticas públicas que, segundo Silva, Santos, Ávila (2013), deve ser um processo constituído no seio da participação social e que possam ter os anseios da população como elemento essencial para construir planos de ações que contenham atividades que poderão ser incorporadas, em diferentes contextos.

O território também é destacado no documentário. Há uma narrativa que resalta o território como um lugar produtivo, marcado pela presença de sujeitos com potencialidades e capazes de ressignificar dificuldades cotidianas, apostando em suas habilidades para gerar lucro e apresentar o território como um espaço potente.

¹⁷ Link de acesso: <https://youtu.be/QI1bhIdVMpc>

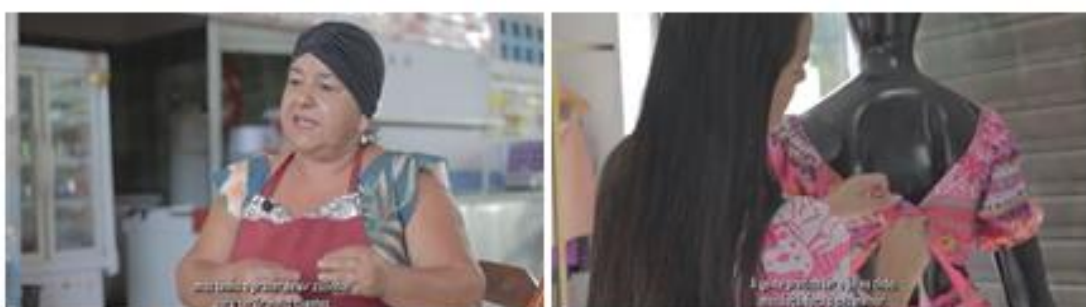
Nesse sentido, o documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino", traz uma reflexão sobre ativismo cultural, onde permite outras perspectivas sobre o território, colaborando para fortalecer o discurso público, que estimula a construção de políticas públicas e culturais, conforme aponta Yúdice (2014). Para o autor, esse movimento coletivo pode transformar o cotidiano do território, colaborando para inclusão, diversidade e diálogo intercultural através da ação cultural.

A trilha sonora é bem selecionada, complementando a narrativa sem se sobrepor aos diálogos. A música utilizada ajuda a criar a atmosfera apropriada para cada momento do documentário, seja para transmitir tensão, emoção ou celebração.

Ao fazer essas escolhas técnicas e discussões de temáticas sociais, travadas no documentário, a produção se aproxima do que Nichols (2012) denominou de “modos do documentário”, que versa sobre características presentes na produção documental. São elas, modo poético, expositivo, observacional, participativo, reflexivo e performático. No “Desafios do Empreendedorismo Feminino”, podemos encontrar muitos elementos que podem caracterizá-lo como modo expositivo, permitindo, por meio de uma construção narrativa, informar ou persuadir o espectador. Esse modo é o mais comum entre os documentários, uma vez que tem por objetivo disseminar temas específicos no público.

O documentário cumpre um papel importante ao dar visibilidade às dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras. Ele não apenas sensibiliza o público para a questão do machismo no empreendedorismo, mas também busca inspirar outras mulheres a persistirem em suas jornadas, perdendo a oportunidade de gerar um debate sobre a construção de políticas de fomento e estímulo às políticas públicas, que colabore para o fortalecimento do empreendedorismo.

Figura 17 - Print do documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino"



Fonte: Canal oficial do Instituto Tapuia no Youtube

Do ponto de vista técnico, o documentário apresenta uma qualidade de produção

elevada. A cinematografia é cuidadosa, com enquadramentos que valorizam as entrevistadas e seus ambientes de trabalho. A iluminação é bem pensada, destacando os momentos chave das entrevistas e das cenas de apoio.

Com base nas análises realizadas, podemos ressaltar que "Desafios do Empreendedorismo Feminino" é um documentário que combina um tema relevante com uma execução técnica competente. Ele oferece uma visão profunda e inspiradora sobre as lutas e as vitórias das mulheres no mundo do empreendedorismo, sendo uma obra relevante para quem se interessa por questões de gênero e negócios. Contudo, podemos ressaltar também que a produção deixa a desejar no que diz respeito ao fomento à reflexão sobre a construção de políticas públicas, destinadas à promoção e fortalecimento de ações empreendedoras no território.

Documentário "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo"

O documentário "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo"¹⁸ é uma obra que apresenta a vida, o cotidiano e a cultura das mulheres que mantêm viva a tradição de lavar roupas em rios e outras áreas naturais. Através de uma abordagem detalhada, o documentário explora não apenas o ato físico da lavagem, mas também o significado cultural e histórico dessa prática.

Podemos, deste modo, ressaltar que a produção traz elementos tecnológicos, que permite contar a história das lavadeiras de São Gonçalo de modo mais aprofundado e com riqueza de imagens. Neste sentido, será, como aponta Ferrara (2015), por meio dos avanços tecnológicos e dos dispositivos tecnológicos, que se observará um avanço técnico nas produções e em um maior alcance nas produções.

Para além deste aspecto vinculado aos processos tecnológicos, podemos ressaltar que o documentário "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo", segundo Yúdice (2014), nos faz refletir sobre como a cultura pode ser útil para construção de pontes, voltadas para se conectar com a arte e a cultura popular.

A direção do documentário é marcada por uma sensibilidade que tenta respeitar e valorizar as histórias das lavadeiras. O roteiro é bem estruturado, permitindo que a narrativa se desenvolva de forma fluida e envolvente, capturando a atenção do espectador desde o início. As paisagens locais são capturadas, apresentando a diversidade natural do território. A escolha de luz natural e ângulos que destacam a beleza do ambiente reforça a relação íntima das lavadeiras com a natureza, um elemento central da narrativa.

A trilha sonora do documentário também pode ser considerada um acerto na produção,

¹⁸ Link de acesso: https://youtu.be/m01Ph_CmFww

composta por músicas que remetem às tradições locais e que complementam perfeitamente a atmosfera do filme. As canções e os sons naturais do ambiente criam um pano de fundo auditivo que enriquece a experiência visual, proporcionando uma imersão completa no universo das lavadeiras.

Figura 18 - Print do documentário "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo"



Fonte: Canal oficial do Instituto Tapuia no *Youtube*

Os depoimentos das lavadeiras são apresentados de maneira autêntica e emocional. As entrevistas são bem conduzidas, permitindo que as mulheres compartilhem suas histórias e perspectivas de forma aberta e sincera. Isso traz uma camada adicional de profundidade ao documentário, destacando a importância da tradição na construção de suas identidades.

A edição é elaborada de maneira criativa, com transições suaves e uma montagem que respeita o ritmo natural da narrativa. A alternância entre cenas de trabalho, entrevistas e paisagens cria um equilíbrio que mantém o espectador engajado ao longo de todo o filme.

Ao tratar de um tema tão caro para o território, o documentário dialoga com as reflexões de Oliota, R., Rocha (2011), quando ressalta que o documentário irá além de uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. O documentário é, ou deve ser, por essência, de acordo com Oliota, R., Rocha (2011), instrumento capaz de refletir as perspectivas de indivíduos, grupos ou instituições específicas.

Um dos temas centrais do documentário é a preservação cultural. A prática das lavadeiras é mostrada como um patrimônio imaterial que precisa ser valorizado e mantido, não apenas como uma tradição, mas como uma forma de resistência e identidade comunitária.

O documentário destaca a relação intrínseca das lavadeiras com o território e a relação dos sujeitos com esse território. As paisagens naturais não são apenas cenários, mas elementos vivos que interagem com as personagens, reforçando a conexão espiritual e física entre as

mulheres e o meio ambiente.

Essa afinidade entre os sujeitos, segundo Maffesoli (1996), será um aspecto importante na construção de comunidades simbólicas. Seja por interesses culturais, hobbies ou causas sociais, as pessoas se unem baseadas em interesses comuns, criando laços que são, muitas vezes, mais fortes do que aqueles formados apenas pela proximidade física, aponta o autor.

"Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo" também aborda o empoderamento feminino, mostrando como a prática da lavagem de roupas se transforma em um símbolo de força, união e resistência para essas mulheres.

Através de suas histórias, o documentário oferece uma visão inspiradora sobre o papel da mulher na preservação das tradições culturais. Esse compartilhamento de lutas e vivências, também são elementos importantes para a construção e fortalecimento com o território, como destaca Maffesoli (1996). Para o autor, vão fazer com o território seja construído como um território símbolo, que ultrapassa fronteiras físicas, sendo carregado por emoções, experiências e conexões pessoais que definem a identidade coletiva.

"Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo" é um documentário que consegue capturar a essência de uma prática ancestral com uma abordagem técnica e estética que enriquece a narrativa. É uma obra que não só informa, mas também emociona e inspira, celebrando a cultura e a resiliência das lavadeiras de São Gonçalo.

Assim como o rádio, a imprensa e a TV vão ser os responsáveis por disseminar imagens que terão papel de religar partes disseminadas, de acordo com Canclini (2014), a linguagem documental, como ocorrer no "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo", por exemplo, pode colaborar para que se tenha o compartilhamento de sentidos, relativos, por exemplo, ao território.

A partir das análises técnicas realizadas nos documentários produzidos pelo TV de Rua, observamos o quão importante foi a apropriação das ferramentas tecnológicas de comunicação, a fim de fortalecer a história, os sujeitos e as diversas perspectivas que perfazem o território da Meruoca, no Ceará. Assim, podemos constatar que a produção audiovisual desenvolvida possibilita outros olhares e perspectivas sobre o território.

TV de Rua, ao utilizar câmeras, microfones e software de edição de última geração, conseguiu capturar não apenas a beleza natural da Meruoca, mas também as histórias de vida de seus habitantes. Essa apropriação tecnológica permitiu uma narrativa mais rica e detalhada, evidenciando aspectos culturais, sociais e econômicos que muitas vezes passam despercebidos.

Além disso, a inclusão de entrevistas e depoimentos de moradores locais proporcionou uma visão autêntica e intimista do cotidiano na Meruoca. Essas histórias pessoais, combinadas

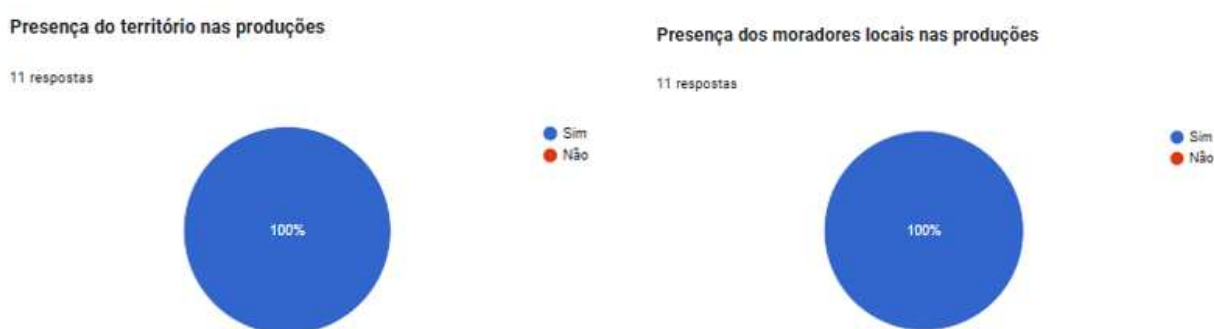
com imagens impactantes, criaram uma conexão emocional com o público, gerando maior empatia e compreensão sobre as realidades vividas nesta região.

Por fim, a utilização de plataformas digitais para a distribuição desses documentários ampliou significativamente o alcance das produções, permitindo que pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo tivessem acesso a essa rica tapeçaria de histórias e paisagens. Isso não só fortaleceu a identidade local, mas também colocou a Meruoca no mapa como um lugar de relevância cultural e histórica.

Representação gráfica das análises realizadas

Abaixo, segue uma breve representação gráfica das análises realizadas nas produções desenvolvidas pelo do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, onde é possível verificar, de modo mais quantitativo, os pontos analisados e os dados achados à parte da realização da análise de conteúdo. Sobre a presença do território e o resgate histórico presentes nas produções:

Gráfico 5 - Presença do território e dos moradores nas produções



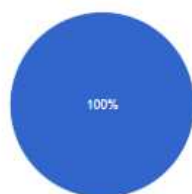
Fonte: *Google Forms*

Sobre a sobre a valorização das potencialidades do território e a qualidade técnica presentes nas produções:

Gráfico 6 - Valorização do território e qualidade técnica das produções

Valorização das potencialidades do território

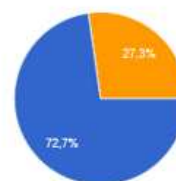
11 respostas



Há qualidade técnica presente nas produções

11 respostas

● Sim
● Não



● Sim
● Não
● Parcialmente

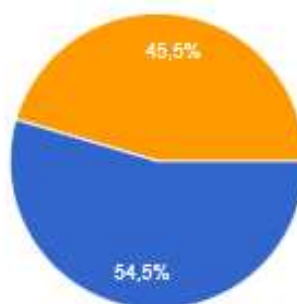
Fonte: *Google Forms*

Sobre os objetivos que cada produção consegue alcançar:

Gráfico 7 - Alcance dos objetivos das produções

A produção consegue atender seus objetivos?

11 respostas



● Sim
● Não
● Parcialmente

Fonte: *Google Forms*

Diante deste contexto, podemos afirmar que as produções analisadas trazem elementos que são característicos das produções documentais e que trazem também esforços para apresentar a realidade local e seus documentários, compreendendo o registro audiovisual como ferramenta crucial para construção de memória coletiva e na proteção da identidade cultural,

conforme ressaltam Mombelli e Tomaim (2012).

Para avançarmos nessa reflexão, apresentamos a seguir, o relato da atividade “Mostra - Cinema na Praça”, realizada no distrito de Palestina do Norte, distrito de Meruoca, onde apresentamos os documentários produzidos pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, buscando dialogar com as percepções da comunidades sobre essas produções audiovisuais, o possível poder transformador da tecnologia na comunicação e na possível valorização de territórios como a Meruoca, segundo olhares dos sujeitos.

4.4.5 Mostra “Cinema na Praça” – Olhares e Percepções das sujeitos

Para colhemos as percepções da comunidade sobre as produções realizadas pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, buscando compreender, a partir dos olhares dos sujeitos que estão inseridos no território onde essas produções são viabilizadas, propusemos a realização de uma Mostra audiovisual, destinada para projetar essas produções para moradores locais.

Inicialmente, havia o desejo de realizarmos outras Mostras, ao longo do processo, contudo, não tivemos agenda para realizarmos tais ações. Nesse sentido, realizamos, no dia 11 de junho de 2025, realizamos a mostra intitulada “Mostra Cinema na Praça”, na praça pública de Palestina do Norte¹⁹Município de Meruoca.

Figura 19 - Cartaz/convite da Mostra “Cinema na Praça”



¹⁹ Pela lei estadual nº 7167, de 14-01-1964, é criado o distrito de Palestina do Norte e anexado ao município de Meruoca. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 6 distritos: Meruoca, Camilos, Palestina do Norte, Santo Antônio dos Fernandes, São Francisco e Anil. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Dados: <https://www.meruoca.ce.gov.br/>

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Conforme já destacado, a atividade aconteceu na Praça da Palestina, com o apoio do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo e da associação local – parceira do Instituto Tapuia, Associação coração em Movimento – ACM, e teve como público a comunidade local e alguns realizadores das produções exibidas na ocasião. Na oportunidade, a atividade contou com a presença de 13 (treze) participantes – moradores do território e alguns realizadores das produções exibidas, conforme já destacado.

A “Mostra Cinema na Praça” foi articulada pela Associação Coração em Movimento – ACM, por meio do convite elaborado por mim. Com o convite em mãos, a Associação Coração em Movimento – ACM realizou o convite aos participantes. A atividade teve duração de 2 (duas) horas de duração, e contou com uma programação que previa uma acolhida – contextualizado sobre a proposta da atividade, a exibição dos documentários, preenchimento de formulário e debate. A proposta do preenchimento do formulário e fomento do debate se deu em função de colhermos impressões sobre as produções, além de ampliarmos os olhares sobre a compreensão dos sujeitos sobre as produções.

Figura 20- Participantes da Mostra “Cinema na Praça”



Fonte: Registro realizado pelo autor (2025).

Nesse sentido, alguns questionamentos foram essenciais para guiarmos esse movimento. São eles: O documentário representa a comunidade local? O tema central do documentário é retratado de maneira clara e direta? Os moradores locais estão presentes no documentário? Considera que o documentário é importante para retratar as lutas por melhores

condições (políticas públicas) no território? Quais os momentos/ assuntos mais marcantes nos documentários? O território é representado? Há presença dos moradores do território? Há ou não clareza na discussão do tema central do documentário? Há ou não ausência de elementos que representam o território? A linguagem é ou não acessível? Há presença e resgate da cultura local e fortalecimento das tradições locais?

Conforme destacado, a “Mostra Cinema na Praça” iniciou com uma breve apresentação dos objetivos da atividade da presente pesquisa e da minha trajetória como comunicador popular, jornalista e pesquisador. Reforçamos o agradecimento a presença dos participantes, formando a importância do momento para a reflexão das produções locais. Em seguida, sugeri uma apresentação breve, a fim de conhecermos mais os participantes. Nesse momento, foi possível verificar que muitos eram moradores do território, alguns participavam das atividades da Associação Coração em Movimento – ACM, outros eram moradores que não tinham tido acesso ao convite para as atividades, mas, ao perceberem o movimento na praça, chegaram para saber mais sobre o evento.

Figura 21 - Realização da Mostra "Cinema na Praça"



Fonte: Registro realizado pelo autor (2025).

Podemos ressaltar que todos os presentes tiveram uma boa participação no que diz respeito às colocações nos debates promovidos para refletir sobre os documentários apresentados, e que houve, para além da participação dos sujeitos previsto, a presença de moradores que chegavam ao local da exibição dos documentários – Uma vez que foram exibidos em espaço público.

Figura 22 - Realização da Mostra “Cinema na Praça”



Fonte: Registro realizado pelo autor (2025).

Foram exibidos os seguintes documentários, na oportunidade: Documentário "Filhos da Terra" - 2018 | 27:46. O documentário "Filhos da Terra - Projeto TV de Rua Santo Elias", realizado em 2018, com pouco mais de vinte e sete minutos de duração, oferece uma análise detalhada e esclarecedora sobre diversas questões sócio-políticas que afetam a comunidade de Santo Elias.

Documentário - Raízes das lavadeiras de São Gonçalo - 2024 | 12:27. O curta-metragem "Raízes das Lavadeiras do São Gonçalo" é um documentário que conta a história de mulheres que lutam para preservar o costume da lavagem de roupas em ambientes naturais, embebedos de arte, paisagens deslumbrantes, entusiasmo e uma avassaladora paixão pela sua cultura. Documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino" - 2024 | 11:18. O documentário "Desafios do Empreendedorismo Feminino", realizado em 2023 pela TV de Rua, no ano de 2023, conta com pouco mais de onze minutos, e é uma obra que se destaca tanto pela sua relevância temática quanto pela profundidade com que aborda as questões relativas ao empreendedorismo feminino em uma sociedade predominantemente machista. Documentário Sombras da Noite - 2024 | 14:42. O documentário conta histórias populares e “mal-assombradas” do distrito de Palestina. Mas será que estas histórias são mesmo ficção? questiona a sinopse da produção.

Sobre os dados levantados a partir das impressões e percepções dos participantes, por meio da exibição dos documentários, preenchimento de formulário e debate presencialmente, após exibição dos documentários, podemos destacar:

Sobre o questionamento relativo à representação da comunidade local nos documentários exibidos, os treze participantes destacaram que sim, os documentários exibidos

retratavam a comunidade local, uma vez que eram gravados naquele território. Sobre esse aspecto, podemos trazer as contribuições de Prioste, M. V. (2014), onde ressalta que o documentário como ferramenta valiosa para contar histórias em vídeo, tem um papel importante em fortalecer as identidades de grupos ao confirmar valores que todos compartilham.

Questionados se os temas centrais dos documentários são retratados de maneira clara e direta, todos os participantes destacaram que sim, que os temas são apresentados com clareza e de forma direta. Já com relação a presença dos moradores nas produções, os participantes consideraram que sim. Há presença dos moradores do território nas produções exibidas no dia da Mostra - Importante ressaltar sobre esse aspecto que - na hora das exibições - os participantes das atividades vibravam a cada momento em que um ou outro passavam nas imagens das produções. Já essa perspectiva dialoga com Da Silva (2011), quando ressalta o poder do documentário no que diz respeito ao poder do documentário em narrar histórias reais. Segundo o autor, ele propicia um olhar honesto e, muitas vezes, próximo de temas sociais, políticos, culturais e do meio ambiente.

Os participantes também consideraram que os documentários são importantes para retratar as lutas por melhores condições (políticas públicas) no território. Nesse aspecto, por sinal, todos afirmaram que sim, são importantes para lutar por melhorias para o território. Questionados sobre os momentos/ assuntos mais marcantes nos documentários, tivemos algumas divergências: Antônio Felipe, de 25 anos, com ensino superior completo, Ranna Valéria, com ensino médio completo, Francisco Wesley, 21 anos, com ensino superior incompleto, Pedro Icaro, 18 anos e com Ensino Médio completo, Francisco Nicolás, 16 anos, ensino médio incompleto, Thalyta Victória, 16 anos ensino médio incompleto, José Lucas Mesquita, 15 anos, com ensino médio incompleto, Ana Claricia, 16 anos com ensino médio incompleto, Vanessa Paula, 36 anos, ensino superior incompleto, Adornes do Nascimento, 28 anos, ensino médio completo, moradores do território da Palestina do Norte, consideraram a presença do território, presença dos moradores, presença e resgate da cultura e das tradições locais, como momentos e assuntos mais marcantes nas produções.

Aqui, julgo oportuno revisitar as reflexões de Fasanello, M. T., & Porto, M. F. (2023), quando diz que o documentário, desde seu surgimento no Brasil, será utilizado também como estratégia de projetar lutas sociais, tendo em suas narrativas uma perspectiva de se colocar como um meio capaz de fortalecer ou refletir sobre uma prática social transformadora. Além disso, trazemos os achados de Mombelli e Tomaim (2012) que ressaltam o documentário como ferramenta crucial na conservação da tradição, registrando e transmitindo histórias, sejam individuais e/ou coletivas.

Nesse cenário, os documentários exercem um papel crucial na conservação da tradição oral, funcionando como um meio potente para registrar e transmitir histórias, tanto individuais quanto coletivas. A tradição oral é um patrimônio imaterial que carrega como vivências, ensinamentos e valores de uma cultura. Por meio dela, muitas comunidades conseguem manter vivos os saberes ancestrais, perpetuando a lembrança de seus antepassados.

Gustavo Almeida, 14 anos, ensino fundamental incompleto, morador do território da Palestina do Norte - considerou que a presença do território, presença dos moradores, presença e resgate da cultura e das tradições locais, não clareza das produções, ausência de elementos que representam o território como momentos e assuntos mais marcantes nas produções.

Sobre esse aspecto relativo a compreender o documentário também como meio capaz de contar histórias e seu compromisso com o fortalecimento de identidade, Prioste, M. V. (2014), reforça a importância do compromisso dos documentários nesse sentido.

Já Haisla Eduarda, 18 anos, primeiro semestre do curso de administração, moradora do território da Palestina do Norte, considerou que a presença do território, presença dos moradores, presença e resgate da cultura e das tradições locais, ausência de elementos que representam o território como momentos e assuntos mais marcantes nas produções. Para Melissa Maciel, 19 anos, com ensino médio completo, moradora do território da Palestina do Norte, apenas a presença dos moradores locais, o resgate da cultura e das tradições locais, aponta como momentos e assuntos mais marcantes nas produções.

Dialogando ainda com os achados de Prioste, M. V. (2014), olhando para o passado, vai trazer como exemplo os filmes do diretor boliviano Jorge Sanjinés desde os anos 1960, que tentava valorizar as tradições dos Andes ao “filmar junto com o povo”, um exemplo concreto onde demonstra como o documentário poderá ser poderoso, no que diz respeito à proteção da cultural e a valorização das tradições, por meio de produções comprometidas e conectadas com o cotidiano do território, pontua o autor.

Sobre a importância das produções, Adones do Nascimento ainda destacou que as produções trazem uma “visão da localidade”, valorizando as pessoas mais antigas do território, e para Francisco Wesley, os documentários são importantes para “fortalecer e entender mais sobre a cultura e os costumes das comunidades”.

Dialogando aqui com os achados de Fasanello, M. T., Porto, M. F. (2023), o documentário deve se constituir como uma ferramenta de grande impacto sociais, que vai muito além de mostrar a realidade, tem o poder de ampliar a imaginação criativa e colaborar com mudanças sociais, valorizando os sujeitos e fortalecendo a cultura e as tradições das comunidades.

Sobre o que poderia ser melhor explorado nas produções, Melissa Maciel sugere que as produções poderiam retratar mais a diversidade cultural local e os movimentos que fazem parte da comunidade. Vanessa Paula pontua que é “muito bacana” a ideia dos documentários, e que deveriam promover “mais vezes os assuntos relacionados à localidade”. Já para Ranna, seria necessário fazer mais documentários que mostrassem mais a cultura que está “esquecida”.

Sobre esses aspectos M. T., Porto, M. F. (2023) ressalta que o documentário deve ter compromisso com a sua função de contar histórias verdadeiras, mostrando a diversidade cultural, trazendo assuntos que permeiam o cotidiano da sociedade, e fomentando a cultura e as tradições, por meio de imagens e depoimentos de impacto. É, segundo o M. T., Porto, M. F. (2023), que a produção documental terá impacto visual e impulsiona mudanças e fomentando a participação social.

Diante das percepções apresentadas acima, podemos constatar que mesmo apostando nas linguagens documentais que reforçam aspectos importantes do território de Meruoca e seus distritos, tendo dimensão sobre o papel dos documentário no que diz respeito a valorização e fortalecimento da cultura e das tradições locais, ainda há desafios que precisam ser superados, sobretudo no que diz respeito a possibilitar um maior para movimentos sociais locais, suas lutas e reivindicações, fortalecer as tradições de modo mais substancial e assegurar que se tenham mais elementos e símbolos afetivos que permeiam a história do território.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção da nossa pesquisa, buscamos de modo muito intenso, trazer à tona reflexões sobre o cotidiano dos coletivos contemporâneos, buscando compreender como esses coletivos dialogavam com as ferramentas de comunicação que atualmente permeiam nosso cotidiano, analisando como esses coletivos traziam em seus processos comunicacionais o território, marcado por muitas fragilidades, mas potente em muitos aspectos. Caminhar não foi fácil. Passamos por inúmeros desafios e provas, até, finalmente, avançarmos substancialmente nas nossas reflexões e análises.

Nesse processo busquei localizar coletivos sociais que traziam em suas práticas os usos e reflexões sobre a produção de conteúdos comunicacionais, voltados para a projeção das suas lutas e ampliar as reflexões do território em que estão inseridos.

Assim, como ocorre em toda pesquisa científica, iniciamos a partir dos nossos objetivos, perguntas e métodos inicialmente elaborados, compreendendo que poderíamos fazer ajustes ao longo do processo, além de termos clareza sobre a importância de estarmos abertos para possíveis novos questionamentos. Essa sempre foi nossa postura sobre o andamento da pesquisa. Contudo, esse fator de “possível mudanças e adaptações necessárias” foram ampliados a partir da pandemia de Covid-19, que nos fez repensar diversos procedimentos e métodos.

Esse movimento também foi marcado por dúvidas e incertezas ao longo da caminhada. Nesse processo de elaboração da presente tese, após quase cinco anos, olhamos para trás e nos deparamos com lembranças terríveis, de um momento histórico que abalou a humanidade.

É oportuno dizer que, mesmo com todos os desafios vivenciados ao longo desse processo, a nossa pesquisa foi sempre alimentada por um desejo de alcançarmos os resultados previstos, permeada por dúvidas, inquietações, aprendizados, reflexões, encontros e descobertas de coletivos que movimentam seus territórios, por meio de suas lutas e desejos.

Essa significativa experiência nos transportou para um tempo histórico onde éramos também jovens movidos pelo desejo de construção de uma outra sociedade, compreendendo os processos comunicacionais como importantes aliados no sentido de ampliar lutas e projetar reflexões caras para os movimentos sociais e sociedade.

No que se refere ao objetivo principal da nossa pesquisa que foi busca explorar como Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, por meio do projeto TV de Rua, apresenta e colabora para uma maior compreensão do município de Meruoca, no Ceará, a

partir das produções audiovisuais e narrativas elaboradas pelo coletivo, evidenciando a importância e preservação do território, foi possível observar e refletir como território da Meruoca permeia as narrativas dos documentários, produzidos pelos sujeitos.

Consideramos que, ao ter acesso às tecnologias digitais, os sujeitos inseridos nessa prática, desenvolvida pelo Instituto Tapuia, estimularam outros olhares sobre o território, sem perder a conexão com suas potencialidades, tradições e desafios. Esse movimento lhes permitiu novas sensibilidades e sociabilidades, e, consequentemente, outros modos de se relacionar até com as pessoas da própria comunidade.

Ter tido contato Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, ao longo desse processo, fez-me refletir muito sobre o que importante é nosso papel enquanto pesquisador, que se permite ir onde muitos não sentem o desejo ou que não tem a sensibilidade necessária para compreender o quão rico é o campo e o objeto, que se permite estar em contato com realidades atravessadas por ausências severas, mas que trazem consigo grandes histórias de superação, teimosia e esperança.

Chegamos até aqui, certos de que fizemos muito. Que nos reinventamos por diversas vezes, ao longo desse processo de construção desta tese. Que sobrevivemos diante de um cenário pandêmico assustador. Que estivemos em movimento de voltar três casas, para seguirmos firmes rumos a outras três, quatro. Tudo fez sentido e faz, quando observamos os resultados alcançados e a importante contribuição que deixamos.

Nesta jornada, destacamos o movimento que fizemos de mapeamento, um mapeamento que estava conectado com a sensibilidade necessária de sempre ir em busca dos coletivos mais atravessados por ausências do estado, ausência financeira, ausências das mais diferentes camadas. Foi um movimento de se sentir conectado com cada história, cada realidade e cada sentimento de mudança, de querer afetar o outro para que esse outro se sentisse chamado para também ser um membro ativo nos processos dos coletivos.

Dos primeiros coletivos que tive contato, ainda no grande Bom Jardim, em Fortaleza, passando pelos coletivos de Sobral e Meruoca, posso dizer que foram momentos de crescimento pessoal e de um pesquisador ainda em construção. Externo aqui, meu profundo agradecimento aos que, com muito carinho, respeito e afeto, depositaram em nossa pesquisa seu tempo, suas histórias, suas esperanças e suas teimosias. Sem a importante contribuição desses coletivos, não teríamos chegado até aqui. E esse até aqui ainda é só o começo. As vivências em campo, foram fundamentais para que avançássemos na pesquisa, buscando sempre “deixar o campo falar”, uma premissa fundamental para que faz a escolha pelo método etnográfico. Aqui, trazemos

nossos achados valiosos, a partir do desenvolvimento da pesquisa, com foco nos processos viabilizados no Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo.

Os participantes do coletivo que nos debruçamos buscamos, por meio das suas ações de comunicação, refletir sobre a importância da comunicação, da valorização do território e dos sujeitos que estão inseridos naquele contexto. Atuam conectados com as ferramentas de comunicação contemporâneas, seja por meio do aparato técnico (câmeras, microfones, iluminação etc), seja por meio dos mais diferentes canais de disseminação dos conteúdos existentes na sociedade moderna.

Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que os membros do coletivo, estavam comprometidos em assegurar a melhor e mais moderna estrutura técnica para os sujeitos participantes da iniciativa, iniciativa que se relaciona com os achados de Gregolin, M. V. (2012), ao refletir como essas ferramentas serão apropriadas para amplificar as vozes e fortalecer suas causas dos coletivos sociais

Nota-se, de certo modo, uma maior facilidade nesse processo que envolve aparatos técnicos, se comparado às manifestações de iniciativas similares, que ocorriam nos anos 80, por exemplo. Por meio de um avanço tecnológico, que ocorre em ritmo frenético, é possível perceber não só a “facilidade de acesso” aos aparatos tecnológicos mais modernos, como também, observar uma maior facilidade no manejo de equipamentos mais fáceis de manuseio e de uso. Nesse contexto, podemos dizer que o coletivo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, avança na qualidade técnica de suas atividades, uma vez que está conectado com as ferramentas de comunicação mais modernas e dialogando com as mudanças tecnológicas em curso da nossa sociedade contemporânea.

Sobre os processos vinculados ao território, a partir das análises das produções audiovisuais e do acampamento das atividades de produção, gravação e edição do material, é possível dizer que há uma forte preocupação em se trazer para o bojo das produções, a realidade do território. Nesse sentido, constatamos, a partir de todo o processo de acompanhamento das atividades e análises das produções, que o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo faz um importante movimento de traz para o processo, os sujeitos que fazem parte da história do território, valorizando suas histórias e contemplando as relações que estabeleceram com o território ao longo do tempo, fenômeno que dialoga com as contribuições de Robert Ezra Park (1967), Mongin (2009), Haesbert (2002), quando reforçam o território não estático e construído de modo coletivo, por meio de relações afetivas cotidianas.

Nas produções analisadas, por exemplo, é possível constatar a presença de recursos tecnológicos mais modernos, dialogando, o tempo inteiro, com o território, com os lugares,

monumentos históricos, espaços onde a natureza é preservada, a simplicidade do povo que construiu e que vai contribuindo com a construção da história de Meruoca.

Ao considerar documentários sob a perspectiva dos lugares e das mídias de memória, é importante refletir sobre a questão levantada por Candau a respeito da função desses espaços, escritos e monumentos na fixação do passado. Ao contribuírem para a preservação e disseminação da lembrança de eventos históricos, eles nos colocam diante de "passados formalizados", de Meruoca e os demais distritos que compõem seu território. Esses passados fixos podem restringir as possibilidades de interpretação histórica de Meruoca, e, por isso, podem constituir uma memória "educada" ou até mesmo "institucional", que é, portanto, amplamente compartilhada (Candau, 2014, p. 118).

Os documentários produzidos pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo se destacam na retórica dos "passados formalizados" por uma razão especial: ele expande as possibilidades de interpretação do passado e do território. Isso ocorre porque as produções apresentam a capacidade de reproduzir e manipular outras mídias de memória, como a fotografia, a escrita, os locais e até mesmo outros filmes, devido à sua natureza autorreferencial, conforme aponta POLLAK (1989), ao ressaltar os documentários e filmes-testemunho como poderosos instrumentos de autenticidade e empatia, ao materializar histórias de vida em seus próprios termos, com a voz e a perspectiva dos envolvidos

Os documentários produzidos pelo Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura, Meio Ambiente e Turismo, também fazem parte de um conjunto de suportes, ou mídias de memória, que preservam o passado. Ele fixa momentos históricos por meio do registro inicial da imagem em movimento, enriquecido pelo som, o que demonstra o rigor com os elementos técnicos das produções.

Além disso, os avanços tecnológicos, como o desenvolvimento de câmeras mais leves e a introdução do som sincronizado, reforçaram o papel do documentário como uma ferramenta poderosa em relação às outras mídias de memória, avanço notadamente visível nas produções analisadas. Esses avanços permitiram que a narrativa testemunhal se tornasse ainda mais proeminente, destacando o ato de recordar. Seja pela capacidade de atualizar o passado ou pelos desafios e ameaças que a recordação pode trazer, o documentário desempenha um papel crucial ao reviver o passado, muitas vezes rompendo com o presente de maneira súbita, como em um "instante de perigo", para usar as palavras de Walter Benjamin.

Ao analisar e observar as publicações do Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, seja no *Instagram*, seja no perfil oficial do Instituto o *Youtube*, observei que existe um tímido uso do próprio Instituto. O *Instagram*, por exemplo, que também é um

espaço de contato com a comunidade, não apresenta engajamento substancial por, de certo modo, não ser tão bem explorado como poderia.

A partir das análises do perfil oficial do Instituto Tapuia no *Instagram* notamos um movimento tímido, marcado para divulgação das ações do projeto TV de Rua, em peças não tão chamativas e não conectadas, de certo modo, com o contexto do território. Isso poderia, então, ser um fator importante para justificar esse não engajamento substancial.

Ao constatar essa realidade, foi possível compreendermos que os processos de desenvolvimentos das ações do projeto TV de Rua, são processos marcados por muita entrega e compromissos dos membros do coletivo. Desse modo, seria possível dizer que a tímida presença do coletivo nas redes sociais, se justifica por esse compromisso maior com as ações do projeto, o que, por sua vez, reduz a participação dos sujeitos da comunidade nesses meios digitais, onde o coletivo dissemina seus conteúdos.

Participar das atividades ligados ao campo do audiovisual, desenvolvidas pelo Instituto Itapua, por meio do projeto TV de Rua, me sentir parte da construção desse coletivo, sendo chamado para colaborar com o processo de construção do mesmo, sendo notado e sentido parte daqueles processos em curso na Meruoca, me fez ter outras perspectivas sobre esse movimento que o coletivo vem tocando no território da Meruoca. Isso, não tenho dúvidas, colaborou para fazer uma nova interpretação desse campo complexo e dinâmico. Nesse contexto de muita intensidade, o campo foi nos revelando, cada vez mais, outros importantes elementos para elaborar nossas reflexões.

Com base nas reflexões teóricas e metodológicas, podemos dizer que o Instituto Tapuia de Cidadania, Cultura Meio Ambiente e Turismo, coletivo situado na Serra da Meruoca, vem dialogando com os mais diferentes ferramentas de comunicação contemporânea, e assegurando espaço necessário para que o território seja apresentando a partir das suas potencialidades e da sua gente, sem deixar de reforçar lutas e conquistas que atravessam o tempo histórico do lugar onde estão inseridos.

Para concluir, ressoam-se os argumentos de Walter Benjamin (1955), ao refletir sobre como o cinema, como outras artes, pode assumir um forte caráter artesanal em seu processo de realização e criação na capacidade de gerar narrativas alternativas. No caso dos documentários engajados, surgem práticas colaborativas e solidárias que contribuem para produzir sínteses, enfrentar limites e construir alternativas a partir do que é aflorado pelo diálogo entre movimentos sociais e cientistas. Um belo exemplo de coragem a ser seguido pela saúde coletiva na produção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Ana Laura; CASTRAL, Paulo César. **Memória, identidade e cultura:** condições de pertencimento aos espaços da cidade. *Revista Memória em Rede*, v. 14, n. 27, p. 6-32, 2022.
- BARBOSA, Luciana Correia. **Aprendizagem organizacional na economia criativa:** um processo social a partir da atuação dos gestores. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROSO, Luís Roberto. **Curso de direito constitucional contemporâneo:** os conceitos fundamentais e a construção do novo modelo. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** In: BAUER, M. W.; GASKELL.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Editora Vozes Limitada, 2017.
- COELHO, José Teixeira. **O que é ação cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DA ESCÓSSIA, Liliana; TEDESCO, S. **O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica.** Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- DA SILVA, Denise Teresinha. **O uso alternativo de dispositivos midiáticos:** a produção de mensagens pelos sujeitos da comunicação. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 30, n. 2, p. 45-60, 2007.
- DE ARAÚJO, Juliano José. **Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia:** um estudo do projeto Vídeo nas Aldeias. 2015. Tese (Doutorado em [área do curso]) – [s.l.], [s.n.], 2015.
- DOS SANTOS TOMAIM, Cássio. **Documentário, história e memória:** entre os lugares e as mídias “de memória”. Significação: *Revista de Cultura Audiovisual*, v. 46, n. 51, p. 114-134, 2019.
- DOS SANTOS TOMAIM, Cássio. **O documentário como “mídia de memória”: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação.** Significação: *Revista De Cultura Audiovisual*, v. 43, n. 45, p. 96-114, 2016.
- DWORKIN, Ronald. **Levando os direitos a sério.** Tradução e notas de Nelson Boeira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Encuentro Continental de Comunicadores. Oclacc, Celam, Sertal. Medellín, 20-30 abril 1999.
- ESCÓSSIA, Liliana Dias de; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, 2005.

FASANELLO, Marina Tarnowski et al. **O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: produção social de sentidos e epistemologias do Sul contra os agrotóxicos e pela agroecologia**. Rio de Janeiro: ICICT, Fundação Oswaldo Cruz, 2018.

FÉLIX, Paula; FERNANDES, Taiane. Política cultural: mais definições em trânsito. Disponível em: <https://cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>. Acesso em: 19 junho. 2025.

FONSECA, M. A. M. **Política cultural: refletindo sobre princípios e diretrizes**. Macaé: Visões, 2005.

GAIGER, Luiz Inacio Germany. **A Reciprocidade e os coletivos de auto-organização da vida comum**. *Otra Economía*, v. 13, n. 24, p. 3-24, 2020.

GONÇALVES, Glauciene Angélica Oliveira. **Plantando memórias: o audiovisual como ferramenta de ensino-aprendizagem, de construção e valorização da memória coletiva e de difusão patrimonial**. 6. 2019.

GREGOLIN, Maira Valencise. **Vozes nômades: ativismo transmídia e mobilizações sociais**. *Revista GEMInIS*, v. 3, n. 1, p. 6-24, 2012.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo Augusto. **Web-documentário: Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. Trabalho de conclusão de curso desenvolvido sob orientação do professor Celso Bodstein, para obtenção do título de graduação do curso de Comunicação Social–Jornalismo da PUC–Campinas, 2002.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: As cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: *Educação & Realidade*. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

HOWLETT, Michael; MCCONNELL, Allan; PERL, Anthony. Moving policy theory forward: Connecting multiple stream and advocacy coalition frameworks to policy cycle models of analysis. *Australian Journal of Public Administration*, v. 76, n. 1, p. 65-79, 2017.

LOPES, B.; AMARAL, J. N.; CALDAS, R. W. **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, v. 7, 2008. 48 p.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. *Sociologias*, p. 248-285, 2007.

MAFESSOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación y solidaridad en tiempos de globalización,

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21.

ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

Minayo, **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade** (pp. 9-29). Petrópolis, RJ: Vozes

NICHOLS, Bill. **La Representación de la Realidad**, Barcelona, España. Ed. 1997.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

OLIOTA, Rúbia; ROCHA, Larissa Leda. **Memória, História e Documentário: Delimitações e Interações Conceituais**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE. 2011.

PENKALA, A. P. **A imagem-objeto e a memória: uma reflexão sobre linguagem a partir das imagens de arquivo em documentários**. DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, Covilhã, n. 13, p. 89-130, 2012.

POLLICE, F. **O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 27, P. 7-23, JAN./JUN. DE 2010

PRIOSTE, Marcelo Vieira. **O cinema documentário de Santiago Álvarez na construção de uma épica revolucionária**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira et al. **Tecnologias de Informação e Comunicação, Ativismo e Movimentos Sociais: uma revisão crítica da literatura brasileira (2010-2017) na perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais**. Revista Compolítica, v. 10, n. 2, p. 43-84, 2020.

SECCHI, Leonardo. **Análise de políticas públicas: diagnóstico de problemas, recomendação de soluções**. São Paulo: Cengage Learning, 2016a. SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016b.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade - ENEPO. Brasília – DF, 03 a 05 de 2013. Disponível em < http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf>, acesso em 27-12-2015.

SILVA, D. S; SANTOS, M. I. AVILA, M. A. **Intersetorialidade nas políticas públicas de esporte e lazer no município de Ilhéus-BA**. Conexões, Campinas, v. 11, n. 3, p. 13-35, p.13-35, 2013

SOUZA, C. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, v. 1,n. 16, p. 20-45, 2006.

TILIO, Rogério Casanovas. **Reflexões acerca do conceito de identidade**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. 1, n. 1, p. 109-119, 2009.

Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

VENTURA, M. M. (2007). **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. *Revista SoCERJ*, 20(5), 383-386.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **A Ação Cultural e a Defesa da Vida Pública**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 10, p. e95496, 2020.

WEIMER, David L.; VINING, Aidan R. **Policy analysis: concepts and practice**. 6. ed. New York: Routledge, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YÚDICE, George. **Ação cultural, mudança social**. O Globo online. Rio de Janeiro, 15. mar. 2014. Blog Prosa.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

TÓPICO 01 – SOBRE O COLETIVO

1. Como surgiu a necessidade de construção do coletivo?
2. Como é a organização do coletivo?
3. Quais ações desenvolvidas pelo coletivo?
4. Quais bandeiras de luta fazem parte do cotidiano do coletivo?

TÓPICO 02 – SOBRE O COLETIVO E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO

5. Qual a relação do coletivo com o território onde está localizado?
6. Há espaços de diálogos prementes com o território, a fim de estreitar relações e estimular a sua participação ativa nas ações do coletivo?
7. Em que medida e de que forma, o território é apresentado nas ações de comunicação do coletivo?
8. Quais desafios são enfrentados pelo coletivo, no que diz respeito à relação com território?
9. Como a história e os lugares que marcam a trajetória de Meruoca aparecem nas produções?
10. Como avaliam a participação dos sujeitos do território nas atividades do coletivo?

TÓPICO 03 – SOBRE O COLETIVO E A COMUNICAÇÃO E AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS

11. Como a comunicação atravessa o cotidiano do coletivo?
12. Do ponto de vista técnico, como o coletivo avalia suas produções?
13. Como avalia a atuação do coletivo nas redes sociais?
14. Consideram que o coletivo está em conexão com os processos vinculados às ferramentas de comunicação contemporâneas?

TÓPICO 04 – SOBRE O COLETIVO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

15. Como o coletivo tem avaliado sua relação com o Estado?
16. Há algum tipo de políticas públicas que possam apoiar as ações do coletivo?
17. Como o coletivo avalia a importância de políticas que colaborem com as ações dos coletivos?

APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Está participando e atuando com o coletivo há quanto tempo?
2. Quais atividades desenvolve no coletivo?
3. Quais os principais desafios enfrentados pelo coletivo?
4. Como o coletivo faz para garantir maior participação e engajamento de seus membros?
5. Como é o processo de organização do coletivo?
6. Quais estratégias traçar para projetar suas lutas?
7. Qual importância de território nas ações do coletivo?
8. Quais estratégias usam para construir uma melhor aproximação com o território?
9. Quais exemplos poderiam nos dar, relativos a participação do território nas atividades do coletivo?
10. Sobre os vídeos, às produções audiovisuais, poderia nos dizer como os temas são escolhidos e como é a mobilização para garantir a participação dos sujeitos pertencentes ao projeto.
11. Quais políticas públicas seriam importantes para fortalecer e ampliar as lutas dos coletivos, de modo geral?
12. O coletivo gera discussões e debates sobre as políticas públicas e sua importância para os coletivos?
13. Como avaliam o uso das redes sociais para projetar as lutas do coletivo?
14. Como as tecnologias de comunicação contemporâneas podem colaborar para o fortalecimento do coletivo e de suas lutas?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PERCEPÇÕES – DOCUMENTÁRIOS

MOSTRA DE VÍDEOS – CINEMA NA PRAÇA

DATA: 11/06/2025

LOCAL: PRAÇA DA PALESTINA

Análise dos Documentários

Nome: _____

Idade _____ Escolaridade _____

O documentário representa a comunidade local?

☐ Sim ☐ Não

O tema central do documentário é retratado de maneira clara e direta?

☐ Sim ☐ Não

Os moradores locais estão presentes no documentário?

☐ Sim ☐ Não

Considera que o documentário é importante para retratar as lutas por melhores condições (políticas públicas) no território?

☐ Sim ☐ Não

Quais os momentos/ assuntos mais marcantes nos documentários?

- ☐ Presença do território
- ☐ Presença dos moradores locais
- ☐ Não clareza na discussão do tema central do documentário
- ☐ Ausência de elementos que representam o território
- ☐ Linguagem não acessível
- ☐ Há presença e resgate da cultura local
- ☐ Há fortalecimento das tradições locais

Outras questões:

Obrigado!